

Atualidades

21350



CONSELHEIRO JERÔNIMO FRANCISCO COELHO,
Fundador da Imprensa Catarinense

1948

N. 7

- FLORIANÓPOLIS

- Julho

CR\$ 1,50

ARP & CIA., FILIAL EM JOINVILLE

RUA LUIZ BROCKMANN, Nº. 179 — CAIXA POSTAL, 76

JOINVILLE

AGENTES PARA O ESTADO DE SANTA CATARINA:

"THE LONDON & LANCASHIRE INSURANCE COMPANY LIMITED"

"COMPANHIA DE SEGUROS "CRUZEIRO DO SUL"

"COMPANHIA DE SEGUROS "SAGRES"

INCÊNDIO — TRANSPORTES — ACIDENTE PESSOAL — CASCOS

SUB-AGENTE EM FLORIANÓPOLIS: JAPY FERNANDES

RUA TRAJANO, Nº. 33 — SOBRADO

VISTORIADORES: — THE LONDON ASSURANCE

COMPANHIA DE SEGUROS "IMPERIAL"

COMPANHIA "ROCHEDO" DE SEGUROS

COMPANHIA BRASILEIRA DE TRIGO

EMPREGUE SEU DINHEIRO

COMPRANDO AÇÕES DESSA

PODEROSA COMPANHIA

PAULISTA

CAPITAL CR\$ 60.000.000,00

COMPANHIA SIDERURGICA BELGO MINEIRA

USINAS EM SABARÁ E MONLEVADE

ESTADO DE MINAS GERAIS

PRODUÇÃO ANUAL

125.000 TONELADAS DE AÇO

ESCRITÓRIO CENTRAL

AV. NILO PEÇANHA 26 — 5º ANDAR

RIO DE JANEIRO

PACOTES PARA A EUROPA

Entrega rápida, de stock já existente na Europa

Encaminhamento de pacotes feitos pelos interessados !

SERVIÇO RÁPIDO E ENTREGA GARANTIDA !

Peçam informações a

H. G. MOLENDIA

Caixa Postal 152 — Rua Bocaiuva 60 — Telefone 1.352

FLORIANÓPOLIS

BIBLIOTECA PÚBLICA / 50	
SETOR SANTA CATARINA	
Clas.:	
Reg.:	
Data:	

Atualidades

PUBLICAÇÃO MENSAL INICIADA EM 1945
 REDAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA MAURO RAMOS, 301
 FLORIANÓPOLIS — S. CATARINA — BRASIL

Vem por certo do tempo do Império no Brasil, esta designação, para determinar a classificação dos jornais que se editam no Rio de Janeiro dos outros que se publicam nos Estados.

«Os jornais da Província» — que seja assim, até que se julgue reparar a injustiça, para a designação exata do «jornalismo brasileiro».

Nem por isso o jornal deixou de ser o que efetivamente é, seja editado na Capital da República ou no interior do país. Jornal é jornal em toda a parte...

No ano de 691, a.C. publicava-se em Roma um boletim diário, que trazia notícias dos exércitos em campanha. Em 1566, o governo veneziano, pode-se dizer, ampliava o campo ainda inexplorado, para editar «NOTIZIE SCRITTE», considerado de fato, o primeiro jornal, publicando notícias diversas e até crônicas políticas... Anos depois, a Europa enchia-se de pequenas folhas semanais e depois mais tarde, diárias. Começou a evolução jornalística no mundo nascente para as letras e as artes.

O que se quer aqui frisar é que tanto em 691, como em 1566 e ainda hoje em 1948, o jornal é uma publicação para divulgação de notícias, acontecimentos, expressar opiniões, registrar impressões, etc.

Evoluindo como todas as coisas, desde a composição inicial dos tipos de madeira de Gutenberg até as poderosas rotativas e linotipos de nossos dias, a função do jornal na Capital da República, nas capitais dos grandes e pequenos Estados e até no interior, tem sido e será sempre a mesma.

O nosso Estado, pode-se afirmar, hoje, apresenta um número já considerável de jornais, ocupando um lugar de destaque e muito apreciável na imprensa do país.

Desde a fundação da primeira folha catarinense até os dias que vivemos, o jornalismo em Santa Catarina tem sido incontestavelmente, o pioneiro de nosso progresso, o semeador e preparador de movimentos progressistas na política, nas letras, nas artes, nas indústrias.

Jornalismo de Província

OSVALDO MELO

sistas na política, nas letras, nas artes, nas indústrias.

O «jornalista provinciano» como tem acontecido em toda a parte e não poderia deixar de acontecer em nossa terra, muitas vezes tem brilhado na imprensa carioca, paulista e rio-grandense.

Torna-se, então, «jornalista» sem que o seja da Província...

A influência direta e decidida do jornalismo na formação de todos os variados setores da vida pública tem determinado em Santa Catarina a objetivação e concretização de valores incontestáveis.

Os estudantes catarinenses de escolas superiores, secundárias e até mesmo primárias, mantêm seus jornais e, através de suas colunas, vêm, de maneira brilhante, defendendo princípios e teses, que sobreelevam o nível intelectual da nossa terra.

Várias publicações, revistas, na Capital do Estado e no Interior, muito têm contribuído para

ajustar a nossa mentalidade e cultura nova, realizando um obra de difusão e projeção de grande alcance com notáveis resultados.

Entre os que fazem propriamente imprensa em nosso Estado estão os jornalistas profissionais, registrados de acordo com a legislação vigente e os que assiduamente colaboram nas nossas folhas e redatoriam jornais com muita proficiência e erudição.

Não sobra tempo para fazermos aqui, como deveramos, um trabalho ordenado e digno de aparecer como contribuição, para o histórico de nosso jornalismo.

Fa-lo-emos, entretanto, da maneira mais franca e sincera, numa recapitulação meio às pressas e de ~~uma~~ com os escassos dados que possuímos no momento.

O primeiro jornal de Santa Catarina saiu à luz da publicidade, dia 28 de julho de 1831 na antiga cidade do Desterro, hoje Florianópolis. Foi seu fundador, o capitão Jerônimo Francisco Coelho, que lhe deu o nome expressivo de «O CATARINENSE».

No seu cabeçalho figurava, permanentemente, o distico patriótico: — União e Liberdade. Independência ou Morte. Jerônimo Coelho foi vulto proeminente na política de nosso Estado e depois com projeção no país.

Jerônimo Coelho foi Deputado Geral, Presidente do Pará e Rio Grande do Sul, Ministro da Guerra e interino da Marinha, tendo falecido no alto posto de Brigadeiro em Nova Friburgo, a 16 de janeiro de 1860.

Em uma das praças da Capital do Estado, aqui, bem defronte do majestoso Palácio da Assembléia Legislativa do Estado, onde escrevo estas linhas, encontra-se o seu busto em bronze em artístico pedestal, que o ardor patriótico e de estima incansável pelo seu Estado natal, mandou construir o inesquecível José Artur Boiteux, com o concurso do povo em subscrições populares.

Essa homenagem, perpetuou o inolvidável patrono da Imprensa

sa Catarinense, dita, da Província, ainda neste ano de 1948...

Deve-se, também, a Jerônimo Coelho, a fundação nesta Capital, da Sociedade Patriótica e da Loja Maçônica «Cordialidade».

O CATARINENSE propugnou com energia e decidida coragem pro destinos catarinenses, já manifestando sua opinião, antecipadamente, sobre problemas políticos que agitavam bravamente, a terra e gente barriga-verde.

Jerônimo Francisco Coelho, foi, ainda, 1º Secretário da Assembléia Provincial, então, composta de 20 membros e instalada a 1º de março de 1835.

Homem de tão notáveis qualidades de espírito, por certo, não podia deixar à parte, um problema, já, então de tamanha projeção como a imprensa. Tinha que ser ele mesmo, o seu fundador e o nome que escolheu para o primeiro jornal, em sua terra, exprimia, sem dúvida alguma, o amor que possuía pelo seu Estado.

Seguiu-se ao «O CATARINENSE», quinze dias após o aparecimento do primeiro jornal, um outro, denominado «O CHAVECO», que, segundo rezam as crônicas da época era uma folha de fazer tremer adversários políticos...

O celebre 7 de abril do ano seguinte, fez calar a boca do destemido CHAVECO, cujo nome não se perca...

O jornalismo em Santa Catarina tomou um verdadeiro incremento no ano de 1861. A primeiro de julho daquele ano, iniciava sua publicação, nesta Capital, «O ARGOS», como um dos mais destemidos órgãos partidários de então. Logo depois, no mesmo ano, surgiram o «MERCADOR», «A ESTRELA», e o «LIVRO NEGRO». O «LIVRO NEGRO» era de linguagem violentíssima e dizem as crônicas daquele tempo, que esse jornal só tivera um semelhante pela furia com que atacava os adversários políticos, que fora o «CHAVECO»...

Cada jornal defendia uma facção política e todos, faziam o barulho em torno dos candidatos.

Mais tarde surgia O MERCANTIL, sob a orientação política da brilhante pena do sr. Livramento e que contava com a colaboração do dr. Delfino dos

Atã i

JOSÉ CORDEIRO

— Este nêgo é meu fio, seu dotô.
Não trabáia. É malandro, cachacêro,
brigão, desaforado, baguncêro;
e tem munto defeito, sim sinhô.

Póde sê máu, sê farso, empuiadô,
assassino perverso e traçoêro,
que é capaz de matá só pur dinhêro,
— póde sê tudo de mais rûim que fô!

Mas é meu fio! Sabe? Êle naceu
de mim! Perto de mim creceu!
E gritava pru mim quando sofria!

Hoje, coitado, sofre e me chamô!
Pur isso é que eu lhe peço, seu dotô:
Trate êle bem! Deus pagará argum dia...

Santos. Em 31 de maio daquele ano de 1864, «O MERCANTIL» publicava o celebre manifesto do grande catarinense, dr. Delfino, que eletrizou a mocidade barriga-verde.

Desde então, ao correr dos anos, ao sopro de novas mentalidades, a imprensa em Santa Catarina foi crescendo sempre. Revistas literárias, jornais de pura crítica política e social foram aparecendo e morrendo, sepultados com os seus ideais uns e outros, até mesmo por falta de ideais, quando não por falta daquilo com que se faz em primeira mão, o jornal, que é o dinheiro...

Hoje, somos uma imprensa moderna e que honra nosso Estado.

Em todas as cidades do Estado ou em quasi todas, ha um jornal. Revistas literárias e comerciais, temo-las e muito bem feitas.

Florianópolis, possui tres jornais diários. «O ESTADO», o mais antigo de todos, «A GAZETA» e o «DIÁRIO DA TARDE».

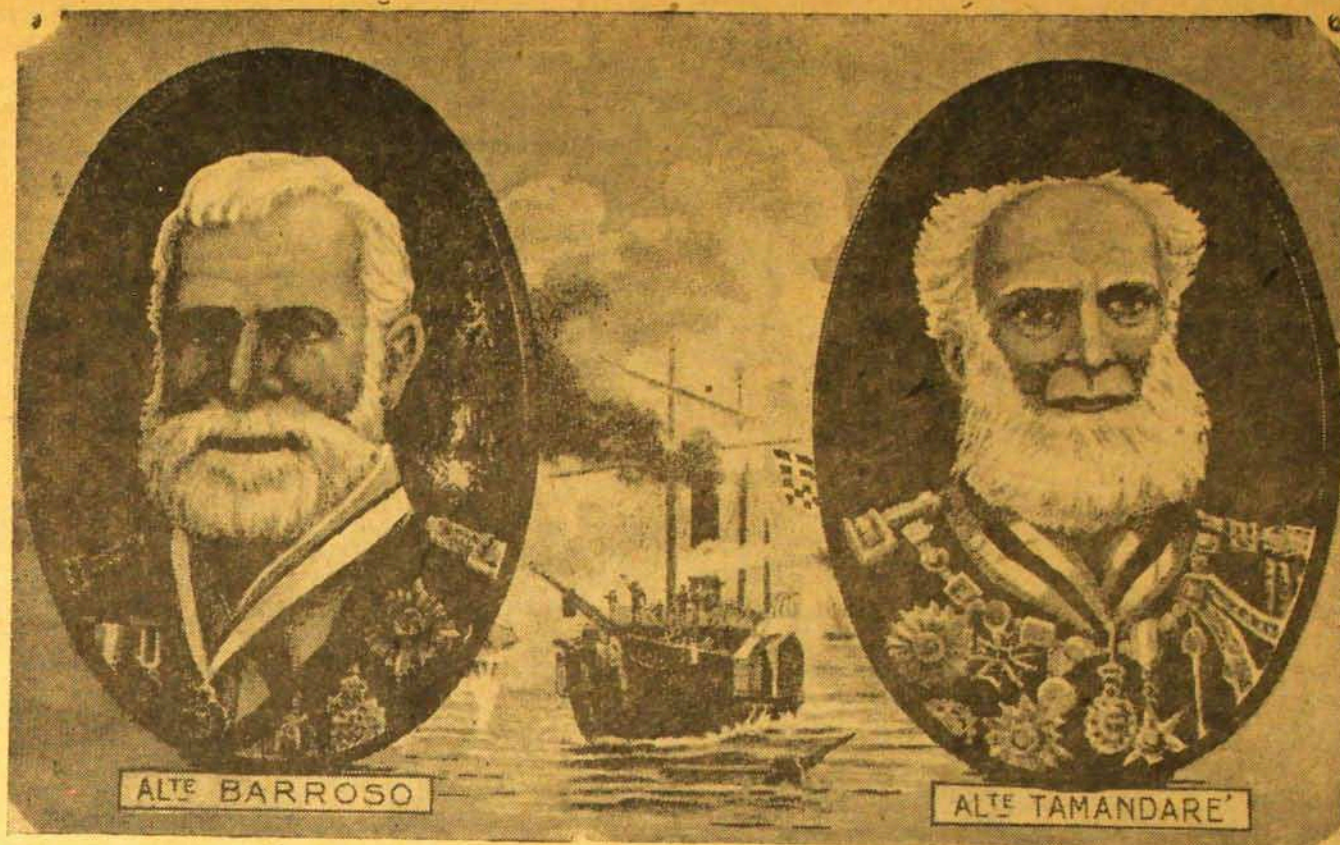
O «DIÁRIO OFICIAL» pertence ao Governo do Estado e está magnificamente montado com oficinas modernas e superiormen-te instaladas.

Publica-se, também, na Capital, varios outros jornais, semanarios, bem feitos órgãos de estudantes das escolas superiores e primarias e um órgão da Faculdade de Direito do Estado. Quatro ótimas revistas — «ATUALIDADES», «ARTE E INDUSTRIA», «O SUL» e «LEIA-ME», que se ombream com as melhoras do Paiz.

O jornalismo catarinense com os seus jornais e os seus jornalistas, tem prestado inestimáveis serviços à causa do Estado, ao seu Governo e ao seu povo. A não ser o campo onde se cruzam as armas políticas em contendas e discussões, os jornalistas catarinenses são irmãos entre si mesmos e a classe a que pertencem se honra em te-los à sua frente como... jornalistas provincianos, como assim entendem os republicanos desta Republica em que todos vivem, graças a Deus.

Mate é a mais saudavel e a melhor bebida do Brasil, recomendada pelos mais notaveis cientistas do mundo.

Tomar MATE é garantir a saude!



Batalha Naval do Riachuelo

Como foi comemorado em a nossa Capital o feito extraordinário de
nossa gloriosa Marinha de Guerra

Tal como sucedeu no ano anterior, o Comando do 5º Distrito Naval, exercido dignamente pelo estimado e valoroso marujo Exmo. Sr. Almirante Antão Alves Barata, comemorou, este ano, com brilhantes festas, o grande e memorável acontecimento de nossa historia militar, que é a batalha naval do Riachuelo.

Inauguração da Vila Naval
Pela manhã, realizou-se no distrito de João Pessoa, a inauguração da Vila Naval «Rubens Alves da Silva», solenidade que contou com a presença do Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado, Almirante Comandante do 5º Distrito, General Mario Travassos, representante do general Comte. da 5a. Região Militar, Prefeito Municipal da Capital, membros da Assembléa Legislativa e outras autoridades.

Recepção.—Condecoração de um herói

Às 11,50 no 2º pavimento do edificio IPASE, séde do Comando do 5º Distrito Naval, realizou-se brilhante recepção oferecida às autoridades pelo Exmo. Sr. Almirante Antão Alves Barata, digno comandante do Distrito, a ela comparecendo



Almirante ANTÃO ALVARES BARATA, dd. Comte. do 5º Distr. Naval

o Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado e seus Secretarios de Governo, Dr. Presidente da Assembléa Legislativa do Estado e todos os srs. deputados, Desembargador Presidente do Tribunal de Justiça do Estado e diversos srs. desembargadores, General Mario Travassos, Comandante da Infantaria da 5a. R. M., Ca-

pitão do Porto de Florianopolis, srs. Comandantes do 14 B. C., da Base Aérea, da Policia Militar e da Escola de Aprendizes Marinheiros, chefe da 16a. C. R. e respectivas officialidades, chefes de Repartições públicas federais, estaduais e municipais, dr. Prefeito da Capital e inumeras outras pessoas de representação social e do mundo official.

Abrindo a solenidade, falou o sr. Almirante Antão A. Barata, o qual, depois de dizer das razões da comemoração, mandou proceder à leitura da Ordem do Dia e da Ata da solenidade. Em seguida o sr. Almirante Comandante do 5º Distrito, concedeu a palavra ao intellectual sr. Farmaceutico Ildefonso Juvenal, destacado membro do nosso Instituto Histórico e Geografico, o qual, a convite de s. exa., discorreu sobre a gloriosa data, produzindo vibrante apologia à nossa valorosa Marinha de Guerra, magnifica oração que foi justiceiramente aplaudida. Falaram tambem o sr. J. Herrêra, digno consul do Uruguai e festejado intellectual, General Mario Travassos, em seu nome e no do Exmo. Sr. General Comandante da 5a. Região Militar e ainda o sr. Almirante Antão Alves Barata, que evidenciou o brilhante par



pel de nossa Marinha de Guerra no passado e no presente, e a grandeza de sua nobilitante missão como salvaguarda da integridade e soberania da Pátria.

Presentes também todos os oficiais, inferiores e praças do 5º Distrito Naval, o sr. Almirante Comandante, mandou proceder à chamada do valoroso sargento Nilo Mafra Medeiros, herói da última guerra, afim de receber justa e honrosa condecoração, cuja medalha lhe foi colocada no peito pelo Exmo. Sr. General Mario Travassos.

Aos presentes foi servido champagne e finos biscoitos.

Competições esportivas

Às 14 horas, teve início no Estádio da Polícia Militar, um torneio de *basquete bol*, entre as equipes do 5º Distrito Naval, Base Aérea, Polícia Militar e 14 B. C., tendo sido vitoriosa a equipe da Base Aérea, que conquistou lindas medalhas, ofertadas pelo Comando do 5º Distrito Naval.

O Grande Baile de Gala

A noite realizou-se no amplo e luxuoso salão do quinto andar do Edifício IPASE, o anunciado baile de gala, oferecido à nossa sociedade pelo Comando do 5º Distrito Naval,

e que se revestiu de grande suntuosidade, tendo comparecido ao mesmo as mais altas autoridades do Estado, oficialidade de todas as nossas corporações militares e os mais finos e distintos elementos do nosso mundo elegante, constituindo sem dúvida a mais bela e aristocrática reunião realizada em a nossa Capital no corrente ano. Afim de que os nossos leitores avaliem o que foi aquela suntuosa e distinta reunião social, da noite de 11 de Junho, trasladamos para as nossas colunas alguns trechos da bela apreciação feita pelo nosso distinto e talentoso colaborador sr. Antonio Sbissa, in-

contestavelmente o nosso melhor cronista elegante, e publicada em as colunas do matutino «O Estado», o qual poudo colher, com ajuda de uma ilustre belettrista e destacado elemento do nosso meio social, o seguinte, sobre as ricas «toilettes» exibidas naquele ambiente de elegancia e finissima sociabilidade:

«Sra. Almirante Barata, amabilissima, estava muito chic, num sobrio vestido de setim marron, sobresaindo um distinto penteado, onde se via um rico pente sevilhano; Sra. Cte. Gonçalves, elegante, apresentava um lindo vestido branco, inteiramente bordado com vidrilhos de inspiração chinesa; Sra. Dr. Mario de Oliveira, numa bela «toilette» de «lamée» ouro velho; Sra. Cte. Quintanilha, estava muito bem em «velour chiffon noir», guarnecido com babados de plumetis brancos; Sra. Cte. Balucier, numa moderna «toilette» de «faille» negra; Sra. Cte. Rafael Leocádio dos Santos, numa encantadora «toilette» de «faille» verde Nilo; Sra. Cap. Ten. Angelo Couto, esguia e elegante, trajava um encantador vestido preto; Sra. Deputado Ribas Ramos, ostentava um «patou» branco, guarnecido de plumas da mesma côr; Sra. Cte. Cruzeiro, estava muito chic, num vestido de renda «chantilly» branca, guarnecido com um grande laço sulferino; Sra. Belisario Ramos, num juvenil modelo de «patou» branco, trazendo como complemento uma linda carteira dourada; Sra. Dr. Paulo Fontes, num modelo de estilo em setim «duchesse» vermelho; Sra. Helvecia Vinhais, num encantador vestido de brocado azul cinza; Sra. Tte. Anderson, muito elegante, num vestido branco de renda francesa; Sra. Leoberto Leal, sobresaindo com sua cabeleira doirada, estava muito chic num modelo de «jersei» branco bem ajustado; Sra. Dr. Rimza, numa «toilette», elegantissima, em «patou» negro, combinado com blusa de crepe romano, recamado de lantejoilas, realçado por lindas jóias; Senhorita Rovere, muito graciosa, em brocado branco; Sra. Sálvio Gonzaga, vestido negro, combinado com renda «cluny» do mesmo tom; Sra. Mário Moura, num modelo antigo de veludo cereja, todo bordado a ouro; Sra. Dr. Djalma Moellmann, como sempre, muito chic, num modelo de «foille» framboesa; Senhoritas Celso Ramos, cheias de imensa graça, com vestidos encantadores de «tulle» branco e tafetá azul; Sra. Ten. Carlos Gomes,

estava muito elegante, toda de branco; Sra. Major Mendes, num modelo de linhas retas, com um blusão de bordado multicôr; Srita. Laurita Filomeno, num gracioso conjunto: saia preta e jaqueta de renda «cirée»; Sra. Gilberto Gheur, muito distinta, num modelo de «velour noir», com «clips» de brilhantes; Sra. Hubert Beck, num belo vestido de «lamée» rosado; Sra. Dr. Cherem, num rico modelo de renda azul prateada; Sra. Dr. Calvy Tavares, ostentava um lindo modelo branco com bordado de ouro; Sra. Cte. Marinho, muito distinta em setim «noir»; Sra. Cel Lara Ribas, muito chic em setim preto; Senhoritas Darcí Linhares, muito graciosas com encantadores modelos juvenis; Sra. Heitor Ferrari, com seu porte elegante, estava muito chic, com uma «toilette» de «chamallote» morango; Srita. Dr. Abel Cbral, muito bonita, vestindo um modelo azul com rendas pretas; Sra. Manoel Gonçalves, com um vestido de «lamée» ouro velho, Sra. Dr. Rosário de Araujo, muito elegante, numa bela «toilette» vermelha; Srita. Yeda Gama d'Eça, numa linda «toilette» juvenil; Sra. Oscar Pereira, num modelo muito gracioso, de «chiffon» rosa; Srita. Carreirão, muito graciosa, numa «toilette» moderna e juvenil; Baronesa von Wangenheim, muito distinta, trazia vestido branco, completado por linda Chantily da mesma côr.»

Com o suntuoso baile de gala da noite de 11 de junho, na expressão do referido cronista, — expressão feliz e justa, com a qual concordamos, — «foram fechadas com chave de ouro e de um modo brilhante, as comemorações da batalha do Riachuelo, em a nossa capital».

Felicitemos ao ilustre e distinto oficial de nossa gloriosa Armada, Exmo. Sr. Almirante, Antão Alvares Barata, dignissimo e estimado Comandante do 5º Distrito Naval, e aos seus dignos oficiais, pelo brilhantismo das comemorações, as quais constituíram notavel acontecimento social em a nossa Capital, onde o 5º Distrito Naval honra e orgulha as tradições de nossa querida Marinha de Guerra.

**ALFAIATARIA
FORNEROLLI**

RUA TIRADENTES, 8
Elegância de seu corpo!

Relojoaria GOMES

Rua Felipe Schmidt,
Nº 42
(ao lado da Auto-
Viação Catarinense)

Para as



compras
de
preferência
à

Relojoaria GOMES

a casa onde você
compra o que deseja,
pelo preço que póde
pagar!

Rua F. Schmidt, 42

Administração e Política

GOVERNADOR ADERBAL
RAMOS DA SILVA

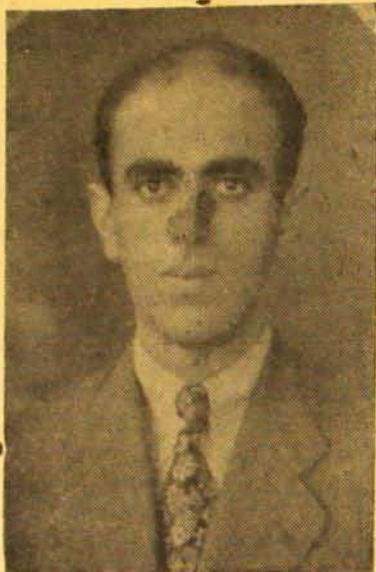


As notícias que chegaram acêrca do estado de saúde do Governador Aderbal Ramos da Silva, são tranquilizadoras.

O jovem Chefe do Executivo Catarinense vai célebre e seguramente recuperando a saúde, o que não só para nós, mas também para o nosso povo, é motivo de grande satisfação.

Esperando vê-lo em breve na posse da plenitude de seu vigor físico e novamente à frente dos destinos do Estado, **Atualidades** faz votos por seu completo restabelecimento.

GOVERNADOR JOSÉ
BOABAID



O dr. José Boabaid, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado, como substituto legal do Governador Aderbal Ramos da Silva, assumiu a governança, no impedimento temporário dêste, licenciado para tratamento de saúde.

Vulto de relêvo no cenário estadual e, sem dúvida alguma, dos legítimos valores que nos foram revelados nesta fase de renascimento político, graças à instrução profunda de Nerêu Ramos, ha de ser um continuador da obra renovadora iniciada por seu antecessor.

PROFESSORA ANTONIETA
DE BARROS



A 16 do mês p. p., tomou posse como membro da Assembléia Constituinte do Estado, a ilustre e distinta educadora Sra. Professora Antonieta de Barros, suplente da bancada do P. S. D., convocada para os trabalhos do nosso Parlamento.

O ato se revestiu de grande brilhantismo, tendo comparecido ao palacio da Assembléia, não somente a maioria dos alunos do Instituto de Educação do qual é digna e operosa diretora, como grande número de admiradores de suas excelsas qualidades e comprovada cultura.

Após de intrduzida no recinto por uma comissão composta de três deputados, e ser saudada pelo leader da maioria Dr. Nunes Varela, a nova representante do povo depois de prestar o compromisso legal, agradeceu em brilhante improviso, aquela justa manifestação de apreço e estima, e externou o seu sincero desejo de trabalhar pelo bem e engrandecimento do Estado, correspondendo assim a confiança dos que a elegeram.

A CONVENÇÃO DA UNIÃO DEMOCRÁTICA NACIONAL

Realizou-se nos dias 19 e 20 a Convenção Estadual da UDN catarinense e simultâneamente o Congresso de Prefeitos e Vereadores udenistas eleitos pelo Partido do Brigadeiro.

Iniciado às 16 horas do dia 19 nos salões do Ex-Clube Germania o conclave transcorreu num ambiente de grande compreensão e amizade tendo terminado pela eleição da Diretoria Estadual que ficou assim constituído: Presidente: Irineu Bornhausen (reeleito);

Secretário Geral: Dr. Paulo Fontes; Sub-Secretário: Dep. Aroldo de Carvalho.

A UDN do Paraná fez-se representar à Convenção do Partido (Secção de Santa Catarina) pelos srs. deputados Ovan-de Amaral, Alvir Riesemberg, Rui Cunha e o dr. Lacerda Pinto.

Foram realizadas pelos Vereadores e Prefeitos Congressistas, visitas ao Governador à Câmara Municipal e ao Quinto Distrito Naval.

Se ricos quereis ficar
De modo facil e legal,
Fazei hoje uma inscrição
no CRÉDITO MUTUO PREDIAL

TRILHAS LITERÁRIAS

ALTINO FLORES

Cada escritor é um total representado pela soma do seu próprio talento e da cultura em que se abeberou nas obras alheias, não falando na influência, nem sempre activa, dos tres factores taineanos: a raça, o meio e o momento. Aquela cultura é o trigo de que o génio é o fermento. Pode um individuo ler muito; porém, se lhe faltar o génio (ou, pelo menos, o talento), não levedará: será simplesmente trigo.

Todos quantos bem ou mal escrevemos, somos, assim, devedores, em grande parte, consciente ou inconscientemente, aos autores, em cujos livros fomos encontrar a imagem vivida ou o pensamento fecundante para suavizar ou nortear a nossa fugitiva passagem no mundo.

Muitas obras reputadas originais estão, por assim dizer, em estado de nebulosa em outras obras, às vezes em um capítulo aparentemente sem importância, quando não em uma simples frase. A arte é a sugestão por excelência. É ela quem instila na imaginação a ânsia criadora. Assim, como cada semente contém em si a semente futura, também cada livro verdadeiramente belo e belamente verdadeiro leva em si o germe de outro livro.

Isso quanto às afinidades psico-estéticas gerais, e sem embargo das imitações, paródias, adaptações, etc., que, com serem deliberadas e intencionais, não invalidam a tese.

Descendo à técnica especializada de cada escritor, direi que nela com frequência entra certa dose de subconsciente. Explico-me. A memória retém, de todas as leituras feitas de corrida, apenas o que mais a impressiona; o resto, porém, não se perde: cai, mal comparando, em escaninhos de fundo falso, ou fica à maneira de brasa entre cinzas e quase sempre esquece. Daí resulta ser muito ocorrente o fato de escritores darem por sua uma ideia ou uma imagem bebida em obra alheia, porque essa imagem ou essa ideia lhes veio à pena, do fundo do subconsciente ou da submemória (como quiserem...), com todo o encanto de uma novidade virginal. Outras vezes, é um pensamento, uma metáfora que fazem brotar metáforas e pensamentos semelhantes. É o caso mais comum.

A propósito, no decurso das mi-

nhas leituras, fui notando numerosos casos desses, dos quais passo a mencionar alguns. Se, estes ou aqueles podem explicar-se pelo entorpecimento do subconsciente (ou da sub-memória...), outros pela imitação calculada, uns haverá talvez que fujam a toda explicação plausível, servindo, portanto, para demonstrar aquilo do Eclesiasta: Nada há novo sob o sol...

E passo aos exemplos.

No poemeto alegórico-satirico *Le Pape*, tem Vitor Hugo este pedaço de alexandrino: "...tâchez que l'ombre vous tolère".

Guerra Junqueiro, no conhecido poema *A Caridade e a Justiça*, também tem um alexandrino onde se lê: "...dize à sombra que te acoite!".

Na tradução portuguesa da *Tentation de Saint-Antoine*, de Gustavo Flaubert, por João Barreira (Porto, 1902), lê-se a pág. 23: "O aroma de tudo aquilo lembra o cheiro da maresia, a frescura das fontes, o vasto perfume dos bosques. Dilata as narinas o mais que pode, baba-se, pensa que tem ali para um ano, dez, para toda a vida! À medida que percorre com olhos espantados tantas iguarias, outras surgem e crescem, formando uma pirâmide cujos ângulos se desmoronam. Os vinhos põem-se a correr, os peixes a palpar, o sangue borbulha nos pratos, a polpa dos frutos aproxima-se como lábios apaixonados e a mesa sobe-lhe até ao peito, até à barba, etc."

Sabe-se que Eça de Queiroz admirava profundamente o mestre do realismo francês. Leia-se, pois, este trecho de Santo Onofre (*Últimas Páginas*, ed. de 1921, pág. 269): "E a tentação era tão deliciosa e doce... que Onofre, diante, tremendo todo, com uma espuma na boca ressequida, e grossas lágrimas rolando pelas barbas. Fugia: a mesa reaparecia tão rente do seu peito, que ele sentia a frescura da neve, o fumo da carne, e um aroma de pomar regado, e de flor de romãzeira, e de flor de laranjeira. Dava um brusco empurrão àquelas delícias do Inferno: as frutas esboroavam-se sobre os seus

pés, rachando de maduras, os vinhos entornados faziam regatos cheirosos na areia".

Na mesma tradução daquele livro de Flaubert, há isto a pág. 186: "...quando... o intestino do senhor se desenvolvia com estampido, o universo atento ficava sabendo que César tinha jantado!"

Coisa parecidíssima é aquela pilhéria que lá vem n' *O Mandarin* (5ª. ed., pág. 59), também de Eça de Queiroz: "Quando o meu intestino se aliviava com estampido — a Humanidade sabia-o pelas gazetas".

Eça de Queiroz tem isto a pág. 89 dos *Ecos de Paris* (2ª. edição): "Todo-o-Mundo é um sujeito que tem muito mais espírito que o Sr. de Voltaire".

Nos *Estudos de Literatura Brasileira* de José Verissimo (sexta série, 1907, pág. 132), encontramos o seguinte: "...o mundo tem mais espírito que o Sr. de Voltaire". Já noutra obra sua, publicada em 1894 (*Estudos Brasileiros*, segunda série, pág. 47), escrevera: "...o público tem mais espírito que Voltaire".

Na ponderosa *História do Romantismo em Portugal* de Teófilo Braga (Porto, 1890), lemos o seguinte a pág. 400: "...por isso Comte é com ele Maudsley entendem que a morte é um factor natural do progresso, pela eliminação daquelas individualidades que possuem o maior poder espiritual na idade em que já não avançam."

Esse conceito merece cotejo com o que o já citado José Verissimo emitiu a pág. 255 da segunda série dos *Estudos de Literatura Brasileira* (1899): "Até em literatura a morte é uma condição de progresso, suprimindo aqueles cuja glória e cuja preponderância acabam forçosamente por torná-los mais ou menos hostis ao desenvolvimento ulterior, como diria o filósofo."

A pág. 112 da segunda edição das *Prosas Bárbaras* de Eça de Queiroz, lê-se isto: "...nestes tempos livres... em que, como se não

POMADA
MINANCORA
NUNCA EXISTIU IGUAL

PARA FERIDAS,
ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES,
COCEIRAS,
FRIEIRAS,
ESPINHAS, ETC.

podem pôr certas verdades na boca dos homens, tem de se pendurar do bico dos milhafres."

Vai João do Rio e escreve a pags. 38 d'Os Dias passam... "...no bom tempo em que os homens, já com medo de complicações, punham na boca dos animais frases de senso."

A Holanda passa por ser a obra prima de Ramalho Ortigão. Escrita em 1883 para a Gazeta de Notícias do Rio e, depois, posta em volume, conta já cerca de dez edições. Também entre os livros de viagens de Edmundo de Amicis, que foram os que mais contribuíram para internacionalizar o nome do prosador italiano, há um sobre a terra neerlandesa e que foi vertido para a nossa língua, com truncamentos imperdoáveis, por Ferreira Martins e editorado pela Livraria Bertrand, de Lisboa.

Numerosos são os pontos de contacto entre as duas obras. Conterto-me em salientar o da descrição da praia e dos habitantes de Scheveningen. É preciso ter em vista que se o livro de Ramalho é de 1883, o do escritor itálico é mais velho que ele nove anos.

Leiamos de Amicis na tradução de Ferreira Martins: "A flotilha da pesca do arenque parte nos primeiros dias de junho, acompanhada por um rebocador, em direção à costa da Escócia... jáamos o que diz Ramalho: "Quando chega a estação da pesca, no princípio de junho, os de Scheveningen partem para o largo, até os mares da Escócia, numa flotilha de sólidas embarcações... protegidas por uma corveta de guerra..."

De Amicis fala em "barcos largos, robustos, de um só mastro e uma grande vela quadrada." Ramalho também tem essas "embarcações cobertas, largas, de um só mastro, com uma vela quadrada."

Dos pescadores, diz Edmundo de Amicis traduzido: "Ao partir, levam consigo a Bíblia. A bordo não se embriagam, não blasfemam nem riem. Quando o mar em fúria levanta e precipita de espantosas alturas o seu frágil batel, fecham todas as aberturas e esperam a morte com resignação." Eis o que escreve Ramalho: "Levam consigo, ao partir, uma bíblia... e não bebem senão água, enquanto perma-

necem a bordo. Quando a tempestade rebenta... fecham todas as escotilhas... e esperam heroicamente a morte."

"Nesses momentos", diz de Amicis, "as suas mulheres, encerradas nos casebres batidos pela chuva e pelo vento, cantam salmos." Nem outra coisa diz Ramalho: "Ao mesmo tempo... nas cabanas sacudidas pelo tufão... as mulheres, pálidas de terror, cantam os salmos."

Agora nós, os cá da terra. Começo por mim, o degrau mais baixo.

Em 1913 — que saudades dos meus vinte e um anos! — quando João do Rio dirigia com inexcusável talento a Gazeta de Notícias, tendo como secretário de redação Dinis Júnior, enviei àquele jornal, a convite desse ilustre conterrâneo, uma página pessimista, A Voz da Insónia, que teve a honra de sair na primeira coluna da primeira página de uma edição festiva. A linha tantas escrevera eu: "Só há no mundo uma coisa poderosa: as lágrimas de mãe; ainda assim, nunca puderam reanimar o cadáver de um filho."

Muito tempo depois, o meu velho amigo Luis Oscar de Carvalho mostrou-me uma página do romance de Camilo Castelo Branco Onde está a felicidade?, na qual havia esta passagem: "Augusta aqueceu-o com beijos e banhou-o de lágrimas, como se lágrimas e beijos de mãe pudessem ressuscitar um filho!..."

E (acreditem ou não) eu não havia lido, como até hoje ainda não li, o referido livro!

Por volta de 1912, Óthon d'Eça teve a ideia de fundar aqui uma Academia de Letras. O projecto, logo que foi divulgado, tornou-se alvo de todas as sátiras e chacotas. Defendendo-o, escreveu Barreiros Filho no semanáriozinho Argo, que José d'Acampora e eu dirigíamos, um artigo onde havia esta linha: "O voo do corvo não suja de negro o azul do espaço."

No vol. I das Horas de Paz (3ª ed., págs. 100) do mesmo Camilo, encontra-se isto: "...essas aves... que... nem a olhos de linco deixariam no espaço um leve sinal de sua passagem."

E Barreiros, até então, não conhecia aquela obra camiliana!

Se abrímos as Evocações de Cruz e Sousa, lá encontraremos a pags. 74: "...condenado... que... desprezou, para trás, para os tempos de outrora..."

A "Introdução" d'A Musa em férias, de Guerra Junqueiro tem este alexandrino: "Para trás, para trás, para os tempos remotos."

Quando Óthon d'Eça deu a lume a seu curiosíssimo livrito Cinza e Bruma, rebentou estrepitosa fuzilaria polémica no campo literário de Jurirê-mirim. Foi isso em 1918. Também eu me lancei ao entrevero. Tive então oportunidade de comparar algumas imagens do jovem escritor com outras de Fialho, Ramalho, etc.

Quando lá por 1924 a República desta capital deu início a um "suplemento literário", que inseriu coisas bem interessantes, foi Óthon d'Eça quem o apresentou aos leitores daquele matutino, com uma nota onde se lia: "Nem só de pão vive o homem."

A frase é velha, ultra-velha. É rifão que a ferrugem dos séculos vem mordendo. Teimoso filho de pais incógnitos...

José Maria Belo, n'A margem dos livros, pag. 102, escreveu também: "Nem só de pão vive o homem."

Já no Evangelho segundo Mateus (c. IV, v. 4) vemos Jesus dizer ao Diabo, que no deserto o tentava: "Non in solo pane vivit homo. Nem só de pão vive o homem".

Lucas repete-o (c. IV, v. 4).

Se mais ainda recuarmos, penetrando no Velho Testamento, iremos descobrir no livro pseudo-mosaico Deuteronomio (c. VIII, v. 3): "...que não só de pão viva o homem".

Quem sabe lá se o dito não é mais antigo ainda e talvez houvesse figurado no diálogo paradisiaco de algum Génesis — apócrifo, já se vê:

"E veio Eva à presença de Adão e disse: — Porventura terás coragem de comer a maçã?"

"Então olhou Adão para a macieira e respondeu, dizendo: — Dá cá a maçã. Que nem só de pão há de viver o homem!"

A Exposição

de ELIAS FEINGOLD

RUA FELIPE SCHMIDT, 54 - TEL. 1603

Casemiras - Tropicais - Linhos - Brins
e Sedas. - Confeções finas para homens,
senhoras e crianças.

TAPE ES E CONGOLEUNS.

Distribuidor dos aparelhos de rádio "Olympic".

"Airmec" e RCA Radiola

VENDAS A VISTA E PELO SISTEMA
CREDIÁRIO
FLORIANÓPOLIS

Restaurante Estrêla

Bebidas nacionais e estrangeiras

Cosinha a la "carte"

Asseio e prontidão

WALDEMIRO ALVES

Praça 15 de Novembro

O Conselheiro Jerônimo Francisco Coelho,

fundador da Imprensa Catarinense

O Conselheiro Jerônimo Francisco Coelho ocupa na história catarinense, sem dúvida alguma, um dos mais destacados lugares. Nenhum outro filho de Santa Catarina — e a Província os teve numerosos e ilustres — se projetou com maior brilho na sua vida política e social, no Século XIX.

Nascido na vila da Laguna, a 30 de setembro de 1806, com três anos de idade, apenas, ausentou-se da sua terra natal e a ela só voltaria homem feito, tendo a ornar-lhe os punhos os galões de capitão do Exército.

Ao regressar à Província de sua origem, como engenheiro militar, tornou-se logo pela sua inteligência, capacidade e perfeito conhecimento da situação do país, o centro de um grupo de moços patriotas que, no Desterro, constituíam o núcleo adeantado da sua atividade política. Fundou com eles a Sociedade Patriótica de Santa Catarina, espécie de reduto de resistência às tendências dos caramurus, partidários da volta de Pedro I ao trono do Brasil.

E foi nessa época que lançou à luz da publicidade o primeiro jornal em nossa terra, "O Catarinense", cujo primeiro número circulou a 28 de julho de 1831.

Em 1835, elegeu-se deputado provincial, primeiro posto da brilhantíssima trajetória que realizaria na política nacional. Foi um parlamentar sóbrio, mas eloquente, claro e preciso nas suas orações, parlamentar à moda do Império. Em 1838, já major, foi eleito deputado às Côrtes, como filiado à corrente liberal do parlamento.

Dissolvida a Câmara em 1842, Jerônimo Coelho voltou às suas atividades de engenheiro militar, prestando serviços em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sendo, nessa oportunidade, promovido Te-

nente Coronel e logo a seguir, em 1844, elevado ao Ministério que Almeida Torres, depois Marquez de Macaé, organizou, ocupando a pasta da Marinha e interinamente a da Guerra, conservando-se nesta até o ano seguinte. Na Câmara, como Deputado e membro do Ministério, foi um dos mais ativos parlamentares, até a dissolução do Congresso, em 1845.

Derrotado em Santa Catarina no pleito de 1847, já Coronel, como candidato do Partido Judeu, no ano seguinte foi nomeado Presidente da Província do Pará, conservando-se no posto até 1850. Foi um Presidente honesto, progressista e enérgico, tendo deixado o alto cargo cercado de simpatias.

Regressando à tropa foi promovido Coronel, em 1852, e, no ano seguinte, nomeado Diretor do Arsenal de Guerra. Em 1855, era General, logo após distinguido com a nomeação de Presidente da Província do Rio Grande do Sul, mas, antes de decorrido um ano, via-se novamente eleito Deputado por Santa Catarina, o que o levou a deixar aquele cargo. No mesmo ano, no Gabinete do Marquez de Olinda, passou a ocupar a pasta da Guerra, subindo, pela segunda vez, ao Ministério.

Em 58, o seu estado de saúde obrigou-o a abandonar a pasta que brilhantemente ocupava, morrendo dois anos depois, em Friburgo, para onde se mudara em busca de um clima compatível com a sua fragil constituição.

Este, em ligeiras linhas, o curriculum vitae do grande catarinense.

Mas, não dizem elas do alto valor intelectual e moral de Jerônimo Coelho. O ilustre lagunense foi um homem de letras, orador fluente, rápido nas réplicas, elegante nos debates, severo nos conceitos, e nas apreciações; foi um ho-

mem de ciência, engenheiro que deixou numerosos trabalhos da sua profissão; foi um administrador probo e adeantado nas iniciativas; foi um militar brioso e disciplinado e foi um político honesto e íntegro, sempre fiel aos seus ideais da mocidade.

Estadista na verdadeira acepção da palavra, Jerônimo Francisco Coelho, além de tudo, amava profundamente a sua terra, a nossa terra. Era catarinense cento por cento.

Homem de rígidos princípios, tinha a ornar-lhe o caráter uma das mais belas qualidades que pode possuir uma alma bem formada: — a gratidão.

Era amigo, em todas as horas, de seus amigos e sabia retribuir a dedicação com a dedicação. Quando, em 1837, se viu indicado à deputação por Santa Catarina, deveu-a a José da Silva Mafra, que desistiu da mesma em seu lugar. Jerônimo guardou memórias do seu partido. E, quando o Padre Lourenço Rodrigues de Andrade faleceu, abrindo vaga de senador, viu seu nome naturalmente indicado para ocupá-la.

Mas, não deixou que assim fosse. E, resgatando a sua dívida de gratidão, empregou todo o seu prestígio — e o conseguiu — para que fosse elevado à Câmara Vitalícia José da Silva Mafra, aquele que, com o seu gesto desinteressado e nobre, havia permitido que ele passasse da modesta deputação provincial ao Parlamento Nacional e se tornasse conhecido da Nação.

No dia em que se comemora a fundação da imprensa catarinense, a homenagem ao seu fundador não poderia ser outra senão esta: relembrar-lhe a vida luminosa, que é um dos mais legítimos orgulhos da terra barriga-verde. — R. M.

LIVRARIA ATLAS

Rua Felipe Schmidt, 52 — FLORIANÓPOLIS

Novidades Literárias

William Faulkner, O SANTUÁRIO	Cr\$ 40,00	Firmin Roz, História dos Estados Unidos ...	Cr\$ 20,00
Jorge Waltz, Vida de Júlio Verne	Cr\$ 35,00	José Vieira, Um Reformador na Cidade do	
René Miller, Os Santos que abalaram o Mundo	Cr\$ 40,00	Vício	Cr\$ 35,00
Amram Scheinfeld, Você e a Sexualidade (Mu-		Pearl Buck, Pavilhão de Mulheres (seleção do	
lheres e Homens)	Cr\$ 40,00	livro do Mês) coleção Nobel	Cr\$ 40,00
Dona Benta, Comer Bem	Cr\$ 40,00	Roger Bastide, Sociologia e Psicanálise	Cr\$ 50,00
Paul Grabein, No Brazeiro dos Trópicos	Cr\$ 26,00	Eng. Armando Arruda, Indústria Cerâmica (ri-	
Dr. O'Shea, Como Educar meu Filho	Cr\$ 35,00	camente ilustrada) 450 pag.	Cr\$ 150,00
James Byrnes, Falando Francamente	Cr\$ 40,00	Secretário Enciclopédico Brasileiro edição	
James Burnham, A Luta pelo Mundo	Cr\$ 35,00	1948	Cr\$ 30,00
Josef Lunt, A Eletricidade ao Alcance de Todos	Cr\$ 80,00	Fábio Luz Filho, Teoria e Prática das Socie-	
Richard Hirsch, Espiões Soviéticos	Cr\$ 30,00	dades Cooperativas	Cr\$ 60,00
José Lins do Rego, Pureza	Cr\$ 35,00	Vademécum forense (Coletânea de Leis do	
Godoy Ferraz, Médico — tua Missão é curar ..	Cr\$ 30,00	Brasil)	Cr\$ 185,00
Sthendal, A Cartucha de Parma (da biblioteca		Carvalho Santos, Repertório Enciclopédico do	
dos Séculos)	Cr\$ 50,00	Direito Brasileiro, vols. 1º, 2º e 3º	Cr\$ 150,00

Estoque permanente de obras JURÍDICAS, TÉCNICAS, COMERCIAIS E LITERÁRIAS — Atendemos qualquer obra, nacional ou estrangeira, pelo reembolso postal, Servimo-lo com prazer.

Contraternização dos Vereadores de Florianópolis



Aspécto do jantar no Lira Tennis Clube

Demonstração da perfeita harmonia reinante na Câmara de Vereadores, desta Capital, foi o almoço, levado a efeito, ultimamente, de que compartilharam todos os vereadores e Prefeito Municipal, confirmando, mais uma vez, a simpatia de que goza o Presidente da Câmara, Jornalista Batista Pereira.

Contraternização dos Vereadores



Os srs. Batista Pereira, Presidente da Câmara Municipal e dr. Tolentino de Carvalho, Prefeito da Capital, ladeados pelos líderes dr. João B. Bonassis, do P. S. D. e Gercino Silva, da U. D. N. e dos srs. vereadores Guido Bott, vice-presidente da Câmara Municipal e Cel. Antenor Taulois de Mesquita, da U. D. N.



Visita do dr. Nerêu Ramos ao P.S.D., no Estreito

Apresentamos, nesta página, dois flagrantes colhidos por ocasião da recente visita feita ao Diretório do P. S. D., do Estreito, por S. Excia. o Sr. Dr. Nerêu Ramos, Vice-Presidente da República. — S. Excia. foi saudado pelo jornalista Jairo Callado, cujas palavras foram bastante aplaudidas pela grande assistência. — Agradecendo a homenagem, S. Excia. produziu bilhante improvisado, percorrendo após, demoradamente, as várias dependências da sede do Diretório.



"O Dia de São João Batista"

Ao jornalista amigo Álvaro Tolentino de Souza

(J. LUPÉRCIO LOPES)

Festeja-se a 24 do corrente o dia do popular São João Batista. Em casas particulares são rezadas novenas em honra do santo desse dia. Fogueiras, foguetes, bombas isoladas, busca-pés, balões, pistolas e outros fogos de artifício ao alcance da meninada, no folguedo escolar, são queimados por toda parte: Em casa, nas ruas, praças, jardins e até nas esquinas surpreendendo os transeuntes esquecidos do dia outrora santificado, que transcorre.

Nos salões familiares, ao anoitecer comparecem a elite da localidade e outros convidados das redondezas.

Doces, amendoas, frutas e toda sorte de gulodices, são fartamente distribuídos às pessoas presentes. Logo após, comparece a orquestra. Em homenagem ao dono da casa, que era um senhor João Luiz da Silva, ex-~~uma~~ ^{uma} marcha e terminada esta, ~~o ambiente~~ ^{o ambiente} com entusiasmo, ~~trabalhado~~ ^{trabalhado} em salão de baile.

O altar, onde achava-se São João, todo enfeitado, é então encerrado por grande e bonita toalha de crivo. Estávamos assim, meu amigo Álvaro, em pleno baile.

A orquestra, da qual são sobreviventes o autor destas notas e as pessoas adiante referidas, dá o sinal da primeira quadrilha. (Era a marcha inicial dos bailes chics). Os marmanjos escolhem seus pares e estes, seus vis-à-vis. É aclamado para diretor do salão o circunspeto senhor Henrique Estefano Köerig, que aceitando, principia declarando que "marcaria a quadrilha em francês e que as pessoas canhotas tivessem cuidado com a ... mão; do contrário, as figuras da "grand-chaine", da direita e da esquerda, o "anarriére" e "sangé troia" não se executariam com a certeza e exatidão precisas!

A orquestra, ao sinal do marcante, toca a primeira parte, toca a segunda e terceira, e finalmente a quarta, tudo na maior alegria. O João Luiz, nosso amigo, sempre radiante, não sabia mais como agradecer os presentes. E manda, nos intervalos da quadrilha, oferecer ao belo sexo que não dansava e aos seus compadres mais idosos, pratos repletos de gulodices diversas, como aipins, batatas, melado, rapaduras, carás, pinhões e até a célebre "caninha velha" tão habilmente escondida e apreciada... e não demora o entusiasmo; levantam vivas ao São João, ao dono da casa e ao senhor Henrique Estefano Köerig. Prosseguem as danças sempre animadas. E o nosso incomparável João Luiz, alisando seus bigodes, manda para o brazeiro das fogueiras algumas dezenas de tainhas escaladas e acompanhadas de laranjas e limões para o pessoal do "sereno", que as recebe com entusiásticas demonstrações de agrado. Os peixes são colocados sobre as brasas, exalando um cheiro agradável e apetitoso.

E tudo isto se passava, meu caro Álvaro, no Passa Vinte, nesse arraial de moças bonitas e de gente boa. Havia fartura, união e ordem.

Atualmente não sei o que vai por lá; não sei se haverá um outro João que procure fazer naquele recanto da minha pobre Palhoça, o que outrora se fazia...

Passa Vinte foi a terra de diversos lavradores abastados e de importantes fazendeiros. Além de muitos outros, em Passa Vinte residia o comendador João Pinto da Luz, prestigioso chefe de partido conservador, do extinto regimen monarchico. (E aí em sua fazenda, ele faleceu).

— Mas, crescem as aclamações a São João Batista, à família do tes-

teiro João Luiz, justamente quando retiravam as tainhas das brasas. No salão dansavam animadamente; mas não obstante, alguns do salão se passaram a fazer parte dos convidados do "sereno".

O assado era, na verdade, o melhor e mais apetitoso dos petiscos. Aos poucos, "os malandros" deixavam as danças e vinham para "observar" as tainhas; outros vinham para se "esquentar" juntos à fogueira; outro para "contar" o que foi Passa Vinte em tempos idos. E dest'arte, o músico João Francisco Pamplona, o trompa da orquestra, queria ouvir a história do lugar, contada pelo músico que executava o clarinete (que era o cronista desta crônica). E o bondoso João Luiz queria ouvir a história, mas a história certa do São João Batista, o santo de sua devoção e que estava no altar ao "ouvir o que se dizia". Como tivessem dado meia hora de descanso à orquestra — comparecem também o bombardino da mesma, Benevenuto Gonçalo da Silva, atualmente professor público em Garopaba, dizendo estar cansado de "soprar" e portanto vinha descansar próximo à fogueira, enquanto no salão jogava-se "jogos de prenda", de "disparates"; contava-se anedotas e ditos pilhéricos e tudo regado com especiais licores; atendendo ele Benevenuto, ao pedido do seu padrinho, e dos "amigos" do sereno, ia dizer a História Verdadeira do grande São João Batista, o velho "Chará" do João Luiz... Há então verdadeiro movimento de atenção... Tem a palavra o Venuto, que diz:

"Foi São João Batista o precursor de Jesus Cristo, filho do Sacerdote Zacharias e de Izabel, sua esposa. Nasceu no ano quatro mil da criação do mundo, poucos mais

Torrefação e moagem de café

"MIMI"

Fabricante: I. C. Pires

Rua Cel. Pedro Demoro, 1352

ESTREITO

FLORIANÓPOLIS — S. CATARINA

"Tome Café MIMI"

Exija-o de seu fornecedor

COMERCIAL E INDUSTRIAL

FETT LTDA.

Indust. e Exportadores

Madeiras beneficiadas:

Forro, assoalhos, abas, caibros, reguas, e demais madeiras para construções.
Caixarias pinho. — Resserrados.

ESCRITÓRIO E DEPOSITOS:

Rua 24 de Maio 246/258.

Tel. 23 — Estreito — Florianópolis.

End. Telegr. — "TELMO"

Caixa Postal 16

Fábrica: CAMBIRÉLA, mun. de Palhoça

ou menos, seis meses antes de Jesus Cristo. No dia em que Izabel deu à luz um menino, discutiam os parentes qual o nome que ele devia ter, e insistindo muito pelo nome paterno, sua mãe observou que ele devia chamar-se João, — o que causou viva oposição, por nunca ter sido usado por nenhum dos seus.

Com geral assombro, Zacharias, que tudo assistia e depois de ter escrito que — João é o seu nome — recobrou a fala que perdera quando, ao ouvir a notícia que lhe dera um Anjo de que sua mulher daria à luz a um menino, duvidara dessa notícia, por causa de sua idade avançada.

Ninguém mais insistiu e compreenderam todos que a criança nascera predestinada. Zacharias entoou então o cântico seguinte: "Bendito sejas ó Deus de Israel porque visitou e remiu ao seu povo... Tú, filho meu serás chamado o Profeta do Altíssimo, porque irás adiante do Senhor, preparar-lhe os caminhos e ensinar a seu povo a ciência da salvação".

O jovem São João ficou com seus Paes até a idade viril e entrou depois no deserto, afim de preparar o seu espirito para a missão que ia empreender. O seu único alimento foram gafanhotos, ervas silvestres e mel de abelhas bravas.

Vestia um saco áspero, feito de lã de camelo e apertado por uma cinta rude e grosseira. Sua face era o chão duro e nua. Com trinta anos apresentou-se, pela primeira vez, ao povo e começou então a preparar os homens para receber o Messias, exortando a todos com palavras e exemplos para a penitência.

Foi à corte de Heródes e censurou-lhe a sua torpe vida, sendo então preso e metido num cárcere, de onde nunca mais saiu e depois de morto, por ordem deste foi, a pedido de sua filha Herodiades, degolado, sendo trazida à presença desta, a cabeça do Santo em um prato.

Já ao tempo em que São João Batista realizava a sua missão no mundo, preparava-se Jesus Cristo para se desempenhar da sua grandiosa empreza.

No deserto, João Batista não se limitava só à pregação e aos exemplos da penitência, mas batizava a quantos dele se aproximavam e penitenciando-se, iam formando a coorte que devia receber a palavra do Divino Messias.

Por este motivo recebeu São João

MATERNIDADE DR. CARLOS CORRÊA

Em assembléia geral que se realizou em 18 de maio passado, na "Maternidade de Florianópolis", ficou resolvido que se mudasse o nome daquela instituição para "Maternidade Dr. Carlos Corrêa", em honra à memória do saudoso médico e grande poeta Dr. Carlos Corrêa.

A homenagem póstuma que se presta ao antigo diretor da Maternidade de Florianópolis, é mais que justa. É um verdadeiro tributo de gratidão. Carlos Corrêa não foi só um grande médico e literato de valor. Foi, e antes de tudo, um facultativo dedicado o desprendido que exercia a medicina como verdadeiro sacerdócio.

o nome de Batista — o batisador, isto, é, o que purifica. Jesus tinha tal afeto a São João, que não só dele recebeu o Batismo nas águas do Jordão, como também sempre que a ele se referia, dizia que era o maior dos filhos dos homens e que era Profeta e mais que Profeta.

O Venuto todo satisfeito, de bombardino de baixo do braço esquerdo, recebia com o direito, os amplos dos ouvintes, que o felicitavam e do João Luiz, o festeiro, a melhor tainha assada.

Que recordações experimentamos ao narrar estes fatos, que foram levados a efeito em o Passa Vinte, arraial da Palhoça, em a noite enluarada e fria de vinte e quatro de junho de mil oitocentos e noventa e cinco, abrilhantados por uma orquestra de escôl, previamente organizada e ensaiada.

Que saudades comoventes, ao notarmos atualmente a falta daqueles que a compuzeram e que já deixaram este vale de lágrimas e de misérias para ingressarem na grande filarmônica celestial, e lá das alturas impenetráveis, sob a luz azul e segura da gloriosa Santa Cecilia, cantados de anjinhos e querubins, entoarem hinos de glória e cânticos de louvores ao popular São João Batista!

Cidade de Caçador, 15 de junho de 1948.

HÉLIO MILTON PEREIRA

Em um de seus últimos números, o Diário Oficial da União publica a relação dos candidatos que obtiveram aprovação no concurso para Oficial Administrativo do Serviço Público Federal.

Vinte foram os candidatos aprovados, dentro mais de 130 concorrentes de todo o país. Em primeiro lugar classificou-se o nosso conterrâneo, acadêmico Hélio Milton Pereira, que exerce, interinamente, o cargo de oficial administrativo na Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional desta Capital e vem há muito dirigindo a secção esportiva de "A Gazeta", sendo, ainda, secretário da Associação dos Cronistas Esportivos de Santa Catarina e da Federação Atlética Catarinense de Estudantes.

Hélio Milton Pereira, vê o justo prêmio de seus esforços e da sua dedicação aos estudos.

Aos cumprimentos que recebeu, juntamos os de "Atualidades".

AUTORES & LIVROS

Está sendo distribuído nesta Capital o semanário "Autores & Livros", que se edita na Capital da República, dirigido pelo escritor Múcio Leão.

"Autores & Livros", que já tem 9 anos de circulação ininterrupta, apresenta neste número, como sempre, matéria variada e interessante, destacando-se, pela sua importância histórica, num estudo sobre a carta de Pero Vaz de Caminha, de Carolina Michaelis de Vasconcelos.

Ao beletrista, dr. Otton d'Eça, que nos brindou com um exemplar, os nossos agradecimentos.

RELOJOARIA DIAMANTE AZUL

De OTÁVIO F. DA SILVA

Rua Trajano n. 19 (antigo prédio da Cia. Souza Cruz)

Bijouteria — Artigos finos para presentes — Anéis — Canetas

Parker — Tintas — Louças de Porcelana Mauá

POLAROID — O moderno óculo para o sol

Para suas compras, procure nossa Relojoaria, que atenderemos com a maior solicitude.

A Imprensa na Vida Moderna

(Especial para "Atualidades" por Waldyr de Oliveira Santos)

A Imprensa sempre foi através dos tempos, o veículo da Concórdia e da solidariedade humanas.

Cabe portanto, a ela, a tarefa gigantesca de aproximar os povos para que os mesmos conheçam-se a si mesmos.

Dela, vale-se, tôdas as profissões liberais para conseguir os seus intentos, pro ou contra a matéria em debate.

É por meio dela que se desencadeia a guerra, mas, também, é com ela que se consegue a paz.

Na Imprensa, reside a alavanca propulsora do progresso de uma Nação e da altivez de um povo.

Com ela, combate-se as idéias más que ameaçam escravizar o homem à condição de irracional.

É ela, a arma primeira e de excepcional grandeza com que se aqula do esconderijo o inimigo audaz e pernicioso.

A Imprensa, com o povo e o defende dos revezes sofridos, como também o eleva nos seus ideais cristãos e democráticos.

Por intermédio dela, ruíram tronos poderosos e caíram vencidos cidadãos que ameaçaram a estrutura do Estado.

É ela o veículo preferido para as expansões de júbilos e de desgraças.

Por meio dela, elegem-se cidadãos que serão os responsáveis pelos destinos da humanidade.

A Imprensa é a câtedra dos simplices e dos desprotegidos da sorte, porque ela é o tribunal popular ante as arrogâncias dos poderosos.

Por meio dela, dilatam-se fronteiras e crescem nações. É ela a cartilha do mundo, pois, que por seu intermédio, leva-se às mais recônditas regiões da terra a palavra de um tribuno e as qualidades de um sábio.

É a Imprensa o porta-voz de tôdas as competições que extasiam a alma popular e a faz vibrar diante às belezas do Belo.

É ainda a Imprensa, que arregimenta em tórno da sua bandeira legião de povos estigmatizados pela Fome.

Com ela avança o operário na conquista dos seus direitos e prerrogativas sociais.

É com ela, mais uma vez, que a Religião cresce e se dissemina. A Imprensa, desfruta pela sua utilidade, de prestígio impar, entre as demais Artes.

Diante da Imprensa, caem por terra os preconceitos sociais que enodoam o orbe terrestre.

A Imprensa abre a todos novas perspectivas de Paz e de Trabalho. Diante dela exércitos poderosos tornam-se pigmeus. A sua única arma é a liga antimoniaca, onde se funde os tipos que irão pregar ao Universo, o que é a Paz, o que representa a Guerra, o que significa o Direito, o que apregoa a Justiça e finalmente, o que é a Liberdade.

É por isso que o papel da Imprensa é o mais digno dentre todos que existem na profissão liberal.

Finalmente, a Imprensa é algo mais que tudo isso: "É a rainha universal das Artes e a cultora eterna da Liberdade e da Justiça".

BI-CENTENÁRIO DA COLONIZAÇÃO AÇOREANA SELO COMEMORATIVO

Por proposta do deputado sr. dr. Osvaldo Cabral, Vice-Presidente da Comissão Executiva das Comemorações do bi-centenário da Colonização Açoreana, a nossa Assembléia aprovou por unanimidade, no início de sua legislatura uma proposta no sentido de ser solicitada ao Governo Federal a emissão de um selo comemorativo do acontecimento.

Agora vem o sr. ministro da Viação de comunicar á Assembléia Legislativa do Estado, ter autorizado ao Departamento dos Correios e Telégrafos, emitir selos para o referido e patriótico fim.

Nada se sabe ainda sôbre o desenho que simbolizará tão justa homenagem, porém, quanto ao seu valor do selo, que circulará em Outubro, por ocasião do Congresso de História Catarinense, será de Cr\$ 3,80.

Destinar-se-á o referido selo, ao porte aéreo de correspondência para os Estados Unidos, Portugal e Açores.

RESULTADOS DISCRIMINADOS, DAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS

Teve o desembargador Guilherme Abry, Presidente do Tribunal Regional Eleitoral de Santa Catarina, a gentileza de ofertar-nos um exemplar, de folheto contendo "Resultados, discriminados, das eleições municipais realizadas em 23 de novembro de 1947".

Valioso, pelos quadros e mapas que contém, êsse trabalho permite uma completa interpretação do panorama eleitoral catarinense.

CARNEIRO & IRMÃOS



MÓVEIS FINOS

Rua Felipe
Schmidt, 33

Florianópolis

Ildefonso JUVENAL escreveu para "ATUALIDADES,"

ALMEIDA COELHO, o nosso Herodoto

Naquele celebre sermão dos Pretendentes, pregado em 1569, na Capela Real, referindo-se o insigne padre Antonio Vieira, eminente pontífice das belas letras e do nosso querido idioma, aos que vêm olvidado o reconhecimento pelas obras salutaras que edificam ou feitos admiráveis que realizam, lhes recordou, como consolação, o exemplo de Catão, a quem os romanos não testemunharam gratidão, erigindo-lhe, como o fizeram a outros de menor merecimento, estatua no Capitólio: — «Vinhão os estrangeiros a Roma, viam as estatuas daqueles varões famosos e perguntavam pela de Catão!».

«Esta pergunta», — observou-lhes Vieira, — «era a maior estatua de todas. Aos outros poz-lhes estatuas o Senado; a Catão o Mundo.

Tal como acontecera ao amado discípulo do incomparável Sócrates, alguém ao visitar a terra querida de Santa Catarina, ao se lhe deparar tantos monumentos, tantas inscrições honoríficas, tantas placas homenageadoras, contendo nomes por vezes obscuros, de par com alguns ilustres e outros ilustrados, e não vendo entre estes ultimos, o de Manoel Joaquim de ALMEIDA COELHO, venerando pai da Historia Catarinense, como Varnhagen o fôra da Historia Nacional, perguntou-nos qual a homenagem prestada por Santa Catarina à memoria augusta do nosso Herodoto, daquele do passado o maior historiador, cujas obras, mais precisas do que as de Saint-Hilaire, foram a fonte salutar onde muitos se dessementaram da sêde de saber da historia catarinense!

Dada não lhe fôra a satisfação, patriótica de ver a effigie do historiador catarinense, perpetuada no bronze, nem o seu ilustre nome em uma das placas de nossas ruas ou praças, nem tampouco na fachada de algum dos nossos estabelecimentos de ensino; mas, para nós, catarinenses, aquela pergunta se nos apresentava, a exemplo do que acontecera com o celebre filosofo grego, como uma das maiores consagrações prestadas à memoria de um filho ilustre de Santa Cata-

rina, esquecido pela injustiça ou incompreensão dos seus coestaduanos, muitos dos quais não vacilaram em evidenciar valores secundários, deixando à margem, impatrioticamente, os verdadeiros e reais valores.

Que poderia ensinar aos seus discipulos, sobre a vida e a obra do homenageado, o professor de um estabelecimento de ensino, cujo patrono fosse um nome obscuro, vazio de cultura e modelar operosidade, de ações apreciáveis ou feitos edificantes, falto de exemplos capazes de evidenciados como dignos de imitação?!

Que explicação poderíamos dar ao forasteiro visitante que, ao ler obscuro nome em uma placa de rua ou praça pública, nos inquerisse do valor da contribuição daquele homenageado em benefício da coletividade?!

Porisso, somos de opinião, (já por vezes expendida), que tais homenagens consagradoras, tendente à perpetuação de nomes, devem ser prestadas preferencialmente aos mortos, cabendo ao Instituto Histórico e Geografico, como órgão competente, pronunciar-se sobre a justeza ou o não merecimento da homenagem, evitando-se assim, sejam os mais dignos e merecedores, jogados ao esquecimento ou preteridos pelos de pouco ou nenhum merecimento.

Manoel Joaquim de ALMEIDA COELHO, nascêra em a nossa antiga Desterro, onde a natureza os seus dias, por vezes calmos e felizes, por outras atribulados e inquietos, pois, dado o reconhecido valor de sua abalisada cultura, bem merecia guindar à posições elevadas, naqueles tempos como ainda hoje, obtidas nem tanto pela comprovada cultura ou ilustração, como pelas injunções inconsideráveis da afeição.

Exercêra Almeida Coelho os cargos de membro substituto do Conselho Diretor da Instrução Pública, Secretario da Camara Municipal e Deputado à Assembléa Provincial. Era também Major da extinta Guarda Nacional.

Dotado de admirável intelligencia, primorosamente cultivada, dedicou-se com muito carinho à Botanica e à Historia. Em 1849 publicou «Discrição sucinta de algumas madeiras mais conheci-

das no mercado da cidade do Desterro», valioso trabalho, digno de cientista de comprovado merecimento; em 1853, a preciosa «Memoria Historica do Antigo Regimento de Linha da Provincia de Santa Catarina», obra pela qual o Brasil inteiro poude então admirar e louvar os feitos extraordinarios de abnegação e heroismo do lendario «Regimento Barriga Verde», que tanto orgulhou e engrandeceu o nosso passado; em 1854 deu a lume a notavel «Historia da Provincia de Santa Catarina», a sua obra mais prima, admiravel manancial de criteriosas informações sobre o passado da terra catarinense, cujo trabalho foi impresso, em segunda edição, no ano de 1877.

Cinco anos mais tarde, isto é, em 1859, publicava Almeida Coelho, seu ultimo livro, encerrando a «Biografia dos Senhores Coronel Fernando da Gama Lobo Coelho e seu filho o brigadeiro José da Gama Lobo d'Eça».

O Estado de Santa Catarina precisa dar a um dos seus futuros estabelecimentos de ensino, bem como o Municipio de Florianopolis a uma de suas praças ou ruas, o nome de Almeida Coelho, resgatando assim, divida de gratidão à memoria involvidavel de um dos seus mais ilustres, ilustrados e dignos filhos, o qual tanto engrandeceu pela cultura e excelsas qualidades, como homem publico de comprovada honradez e probidade, o passado de sua terra, levantando, como historiador emerito, os alicerces do magestoso templo da Historia Catarinense, cuja obra recebera mais tarde, a contribuição de obreiros dignos e abnegados como José e Henrique Boiteux, Saul Ulisséa e Luis Ferreira Gualberto, e agora, a ajuda não menos valiosa de outros, também abnegados, como Lucas Boiteux, Alfredo Taunay, Liberato Bittencourt, Osvaldo Cabral, Henrique Fontes, Carlos da Costa Pereira, Lupercio Lopes, Alvaro Tolentino e outros.

Almeida Coelho, como o divino Platão, é muito maior no impatriotico olvido a que foi relegado, mas, Santa Catarina a quem êle tanto engrandecêra, não pôde nem deve continuar cometendo tão lamentavel injustiça.

Comemorações do Bi-centenário da Co- lonização Açoreana

A Comissão Executiva das Comemorações do Segundo Centenário da Colonização Açoriana recebeu a seguinte mensagem do Instituto Histórico da Ilha Terceira:

"Angra do Heroísmo, 21 de maio de 1948.

Exmo. Senhor Presidente da Comissão Executiva das Comemorações Centenárias da chegada dos primeiros açorianos — Dr. Henrique da Silva Fontes, Florianópolis, Brasil.

O Instituto Histórico da Ilha Terceira ao ter conhecimento da comemoração bicentenária da chegada dos primeiros colonos açorianos ao Rio Grande do Sul e Santa Catarina, não pode ficar indiferente a tão honrosa homenagem e de coração grato e enternecido a ela se associa entusiasticamente.

Há muito tempo a parte que nos coube no povoamento do belo e florescente País como uma das nossas mais brilhantes glórias e disso justamente nos orgulhamos. Mas ao desvanecido orgulho vem juntar-se o agradecimento por ver como os brasileiros de hoje celebram o nosso esforço dentão.

Se no fundo da atual prosperidade do Sul do Brasil está a inicial ação tenaz e decidida dos casais açorianos que consolidaram o domínio português, desbravaram e cultivaram a terra e formaram os primeiros núcleos populacionais, sobre ela eleva-se o árduo trabalho das gerações que se lhe seguiram, o patriotismo e clarividência do conjunto de altos valores humanos construídos pelos homens da atualidade, obreiros dedicados do engrandeci-

mento do seu País e maior honra não podemos ter do que sabê-los, em maioria, descendentes de açorianos.

A vossa festa é assim também nossa e sentimos imperiosa necessidade de a dizer.

Aos riograndenses e catarinenses, netos dos casais açorianos, e

numa grande festa de família, outros netos que na terra de origem ficaram, levam agradecidos a expressão da sua solidariedade e os votos mais ardentes e sinceros de futuras prosperidades.

A Bem da Nação.

O Presidente, Luís da Silva Ribeiro.

Viver

Morrer é nada. O não viver
é que é medonho.
VICTOR HUGO

Viver, é simplesmente uma vontade
Por qualquer força oculta alimentada.
Vive a rês pelo campo em liberdade
Como vive a serpente envenenada.

Mas, viver não é tal. Não é verdade
Que se viva a viver, sem viver nada.
Viver, é ter-se n'alma a faculdade
De trazê-la na treva iluminada.

Viver, — é discernir, compôr-se um todo
De luz, não de matéria, e nem no lódo
Deixar plasmados os sinais dos rastros.

Viver, — é se sentir com sentimento.
Viver, — é se fazer do pensamento
Uma obra de Deus com a luz dos astros!

ANTENOR MORAES

Restaurante Lira Tennis Clube de FRANCISCO PRAZERES

Diarlamente

Atende serviços externos

Cozinha de 18,

Confôrto - Higiene = Ótima vista - Ambiente próprio para
homenagear uma família ou amigos de fóra

Suprema Causa

CASTORINA LOBO DE S. THIAGO

Na visão dêsse Além, que extasia minh'alma,
Que mistérios se escondem insondáveis profundos!
Rutilâncias de sois, estilhaços de mundos,
Gravitando na imensa amplidão sideral!
A veloz contradança, infinita, dos astros
Da harmonia, essas leis regulares perfeitas,
A' sublime ciência, ao poder são sujeitas
Do Magnanimo Deus, Criador Genial!

Mesquinha humanidade, em face do Universo!..
No culto exagerado, extéril, pueril
Dos instintos grosseiros e interesse vil,
Deixa que se estiole a energia benéfica,
Definhe a consciência à mingua do amor,
Desperdiçando esforços em missões inúteis,
Material estudo, ensinamentos futeis,
Injunções da fatal inspiração maléfica!

Quem poderá, jamais, duvidar da Entidade
Que aos destinos dos orbes orienta e imprime
A trajetória eterna, imutável, sublime?
Na imensidade, além, com vigor e firmeza,
Rodopiam serenos, em torno do Sol,
Esses globos de luz, que, suspensos no espaço,
Largos ciclos descrevem, atendendo ao compasso,
Do Divino Arquitéto, Imortal da Beleza!...

Da Natureza, o Livro imenso, abre, no entanto,
A' mente sequiosa, as fontes do Saber
Desvendando o mistério oculto em cada ser
E do Destino, a meta, apontando segura...
O pigmeu imortal, desbravador dos seculos,
Vibrando ao pensamento eterno de Jesus,
Canta, ao ritmo da Vida, a epopéia de luz,
A glória de sofrer para encontrar ventura!...

No turbilhão dos orbes, errantes no Céu,
A Terra vai singrando as vastidões ignotas
Em busca do ideal, que lhe orienta as rotas
Para a méta final na liça progressiva...
E a partícula obscura, anelante da luz,
Que exubéra de Vida, estremece ao embate
Das paixões que se chocam e ao bem dão combate,
Procurando entrar a marcha evolutiva.

Cantará suas quedas aos... de trevas,
Seus levantamentos e... redentores
Para bater as azas em vãos de condores
E subir, cada vez mais, para os altos cumes!
Nas cordas geniais dessa harpa universal
Cantará as maravilhas espirituais,
Sublimes concepções dos mundos siderais,
Sentindo, já, de perto, os divinos perfumes!...

No raio visual da mente, em abstração,
Sombria perspectiva oferece uma esfera,
Em plena convulsão, a girar na atmosfêra,
Quebrando a melodia excelsa do Infinito!
Nas colossais entranhas, insanos, famélicos,
Engalfinham-se, os homens, em luta feroz,
Porfiando exceder na crueldade atroz
E na Terra atingir, da prepotência, o mito!

A bela apoteose, imensa e magestosa,
Do resplendor do Sol, dos cimos alterosos,
Dos mares e dos rios, bramindo fragorosos;
Das noites estreladas, as amplidões dos céus,
Da terra as melodias, as vozes do invisível,
Vozes da consciência, eco da Voz Divina;
Tudo é revelação que a mente humana inclina
A'Ancenção da Grande e Eterna Causa — Deus.

Dr. Ivo Mosimann
Cirurgião·Dentista

Praça 15 de Novembro, N° 12
Florianópolis

HONROSA CARTA

Do escritor e jornalista Nereu Correa, residente em Itajaí, recebemos a seguinte carta:

«Prezado confrade João Kuehne. Tenho em meu poder o último número de «Atualidades» por sinal que um bom número, e, embora tardiamente, não quero perder a oportunidade de associar-me às justas homenagens que a intelectualidade da nossa Capital prestou à sua revista, que vem prestando, incontestavelmente, um grande serviço às letras catarinenses.

Um apertado abraço do amigo e admirador,

(a) Nereu Correa».

Muito gratos pela gentileza e esperamos que o brilhante confrade continue a prestigiar nossa publicação com suas excelentes colaborações.

ROTARY CLUBE

«O desenvolvimento do quadro de sócios em Rotary — Processo de informação rotária», é o título da tese oficial do Rotary Clube de Florianópolis, à 1a. Conferência Distrital do Distrito 29, realizada em Curitiba, apresentada pelo rotariano Arnaldo Suarez Cuneo.

Gratos pelo exemplar que nos foi enviado.

AOS NOSSOS LEITORES

Comunicamos aos nossos leitores que não nos responsabilizamos por quaisquer compromissos assumidos em nosso nome, no interior do Estado, por pessoas que não estejam devidamente habilitadas para isso.

Assim, no próprio interesse dos leitores, devem exigir a apresentação de documento comprobatório de estar o solicitante autorizado a efetuar cobranças ou contratar publicidade.

A direção.

Potes, rendas, trovas e um congresso de História

OSWALDO R. CABRAL

Do Instituto Histórico

Há tempos publiquei alguns pequenos trabalhos sobre os açorianos que haviam chegado há dois séculos a Santa Catarina e, num deles, «Gente Pobre das Ilhas» («Diário da Tarde» de 18 de fevereiro) perguntava si aquele Bartolomeu Furtado, natural de São Miguel, filho de Gonçalo Furtado e de Borbon de Souza, mestre fiscal de oleiro, não teria sido o mestre que ensinou na nossa terra a fabricação da louça de barro.

Agora, por gentileza de um nobre amigo, o sr. Desembargador Silveira Nunes, que encerrado na sua thebaida não esquece nem as letras nem os amigos, venho de conhecer um interessante livro sobre os Açores — «As Ilhas Desconhecidas», de Raul Brandão.

E lá encontrei, sobre uma delas, esta descrição que bem poderia ter sido inspirada ali, na Ponte de Baixo, nos arredores de S. José, onde eu vi a mesmíssima coisa.

«E' aqui que os barcos de tres velas veem buscar o barro em bolas, para S. Miguel fabricar grandes talhas, canecas porosas, vasilhas de todas as formas e feitios. Santa Maria não só fornece os oleiros dos Açores mas fabrica também cântaros, púcaros, caboucos, numa ruazinha escondida da Vila. Processos primitivos: o homem numa oficina escura prepara e amassa o barro, a que ~~o oleiro~~ lentamente dando feitio no engenho. Trabalha a mão e o pé: — o pé na grande roda que faz girar o prato com o barro ainda informe, e a mão dando-lhe forma».

E' o que se vê ainda hoje. O oleiro senta-se, apoiando os pés sobre a roda grande. Imprime-lhe o movimento rapido. O prato, sobre o eixo, com o barro informe em cima, gira vertiginosamente. E o artista, com as mãos molhadas, o espreme e o suspende. A gente vê o barro subir e abaixar, afinar e engordar, tomar forma sob os nossos olhos. Depois as mãos humidas mergulham os dedos no seu interior. A cavidade vai sendo aberta, o vaso cresce e vai ficando fino. A mão de dentro e a mão de fora regulam-lhe a espessura. E, nem cinco minutos passados, aquele caboclinho humilde e encabulado realizou com uma habilidade de pasmear aquele vaso que parece uma âncora!

Era em S. Miguel que se faziam, e se fazem ainda, as grandes talhas e as vasilhas de todas as formas e feitios. De São Miguel nos veio o mestre oleiro Bartolomeu Furtado. O que existe lá, existe aqui. A mesma roda, os mesmos pés, o mesmo prato, a mesma bola de barro que sob os mesmos dedos se des- ~~em~~ em formas varias desta ~~poterie~~ *poterie* que ali da praia se compra a poucos cruzados.

E, quando duzentos ~~anos~~ já apagaram quasi os vestígios daquela nobreza que veio das Ilhas, diluindo-a em gerações sucessivas, a arte do mestre Bartolomeu Furtado ainda subsiste como ele a trouxe, nas mesmas fornas, nos mesmos processos e nas mesmas instalações, sinão nos seus descendentes, pelo menos nos seus discípulos.

A idéa do sr. Othon d'Eça, de realizar uma exposição não só de figurinhas de barro mas também da ~~poterie~~ *poterie* fabricada pelos descendentes dos açorianos aqui radicados é excelente e deve ser levada avante.

Util seria si pudessem vir dos Açores, si não exemplares da que lá se fabrica, pelo menos fotografias de todas elas, para que possamos comparar a louça de lá e a louça de cá e verificar as modificações que o tempo e as necessidades do uso introduziram na industria. E seria interessante si uma sub-comissão feminina fosse constituída, com o fito de conseguir exemplares, amostras da nossa renda de almofada. As rendelras da Madeira são celebres em todo o Mundo e a sua renda estimadíssima. Tal como no Brasil estas que saem das mãos das nossas rendelras do Saco dos Limões, da Trindade e do Saco Grande.

Não seria interessante o estudo comparativo destes pontos,

Conclue na penultima pagina

A posse do fogo na mitologia kayuá

EGON SCHADEN

(da Universidade de São Paulo)

Uma das funções preponderantes de toda mitologia é a de fornecer ao homem um sistema de referência que lhe sirva de orientação no mundo que o cerca. E' evidente que isto vale em primeiro lugar para os povos de cultura tribal, cujas tradições míticas se entrelaçam com tôdas as esferas da vida. Combinando os dados da experiência com os frutos de sua fantasia, o espírito primitivo forja um sistema mítico-filosófico de conhecimentos e imagens, que, servindo de base à vida religiosa da comunidade, define também o lugar do homem no espaço e no tempo, com referência ao ambiente geográfico e a outros povos, e em face de sua própria cultura e do mundo misterioso do Além. E' verdade que as explicações variam de uma mitologia para outra, mas em seus temas capitais tôdas elas se preocupam de algum modo com o enigma da existência humana, ora indagando a origem dos homens ou o destino das almas dos mortos, ou em confronto com as outras criaturas.

Muitos povos primitivos admitem uma estreita afinidade entre o próprio grupo e o mundo animal, considerando-se mesmo, em determinados casos, como descendentes ou parentes de certas espécies de animais. E' o que se dá, por exemplo, com a maioria das tribos de organização totêmica. Outros povos, acentuando de preferência certas características da vida humana, estabelecem uma barreira bastante nítida entre os homens e outros seres vivos. Em muitas mitologias tribais, a posse do fogo se destaca como elemento decisivo dessa caracterização. Os animais, portanto, não são homens em primeiro lugar por não possuírem ou não saberem fazer fogo; são, obrigados, por isso, a comer alimentos crus e não podem aquecer-se nas noites frias de inverno. E' evidente que não se ignoram as outras diferenças. Mas em geral atribui-se-lhes uma importância incomparavelmente menor.

Conversei várias vezes sobre êsse assunto com um jovem índio kayuá de Mato Grosso. Era um homem inteligente e bastante versado na mitologia de sua tribo.

De há muito, os Kayuá se habituaram ao uso dos fósforos, mas, segundo Antônio João (assim se chamava o meu informante), ainda sabem «tirar fogo» com um aparelho simples de duas peças de madeira, uma de cipó e outra de canelão ou haste de folha de palmeira. O processo empregado é o que se observa na maioria das tribos sul-americanas. A uma vareta, quase sempre de canelão, segura verticalmente entre as palmas das mãos, apoiada numa cavidade da segunda peça, e apertada contra o solo, o Kayuá imprime um rápido movimento rotatório, produzindo fogo em poucos minutos. Na opinião desses índios, a técnica foi ensinada «aos velhos» pelo grande deus da tribo, chamado Nhandejara («Senhor») ou Nhanderuvu («Nosso Pai»), e as vezes identificado com o sol.

Segundo a mitologia kayuá, a primeira humanidade que povoou o mundo foi destruída por um grande dilúvio: «Choveu muito. O mundo se encheu de água, que não podia mais escorrer toda. Aí se afogaram todos. Não havia mais gente. O fogo também se apagou todo. Aí ficaram só dois». Êstes dois eram Koarahy e Djacy (o Sol e a Lua), que foram levados ao céu pela seriema. Depois a terra tornou a povoar-se por ordem de Nhanderuvu. Do céu vieram os primeiros casais de várias «nações», a cujos descendentes o Sol mandou dar tôdas as coisas de que precisavam. Em primeiro lugar menciona-se o fogo. «Então o Sol disse à Lua, irmão dele: Agora dê fogo a êsses filhos do Kayuá, do brasileiro e do paraguaio. A todos os três deu fogo. Só depois disso é que receberam utensílios, roupa, sementes e mudas para plantar.

A CAPITAL

Oscar Cardoso S. A.

Confecção DISTINTA - Marca registrada

Da Fábrica ao consumidor, distribuída pela casa

A CAPITAL

Endereço Telegráfico: CAPITAL

Filiais: Blumenau e Lages

O melhor sortimento em artigos para homens, senhoras e crianças

A mitologia dos Kayuá fala também de uma época em que não havia diferença entre os homens e os animais. A fauna atual é remanescente duma primitiva humanidade. E os atuais modos de vida lhe foram impostos pelos heróis Koarahy e Djacy.

Antônio João me ditou uma longa história do tempo em que «todos os bichos eram gente». A posse do fogo figura entre os temas predominantes da narrativa. Os personagens centrais são o tamanduá e a onça, que naquela época ainda se alimentava de carne cozida. A história principia assim: «A onça foi caçar para matar bichos. A cigarra estava lá em cima, trepada numa árvore. A cigarra gritou para ela: Ó onça, venha logo, compadre, que seu fogo não está mais aqui. Chegou a onça, ficou brava com a cigarra e quis matá-la. Aí a onça falou: Por que foi que você deixou apagar o meu fogo? A cigarra disse: Eu não tenho nada que cuidar de seu fogo. Dizem que o sapo estava escondido, estava perto do rio. E o coelho estava junto. O coelho mostrou o fogo à onça: Está aqui o seu fogo, disse a ela. Aí a onça atropelou e o sapo caiu nágua e o coelho também. O sapo enguliu brasa e o coelho amarrou um tição nas costas. Os dois foram para o outro lado. E a onça ficou do lado de cá e até agora come carne crua. — Aí a onça chorava. Passou por um caminho e encontrou o tamanduá num trilho». O encontro com o tamanduá deu ensejo a vários episódios. Num deles, a onça, que faz o papel de boba, convida o tamanduá para um «jogo de olhos». Ambos tiram os olhos e lançam-nos para o alto e para uma árvore: o tamanduá e a onça ficam presos na imagem. O macuco, que é o farmacêutico dos animais, então lhe coloca olhos novos, mas feitos de água. Depois reaparecem o coelho e o sapo. Vêm dizer ao tamanduá: «O fogo dela está lá no outro lado». E o tamanduá: «Deixem, pode ficar lá mesmo. Ela já começou a comer carne crua». No fim da narrativa volta-se ao assunto. Diz-se então que o tamanduá judia da onça incentivado pelo macaco. E, depois de a fazer perder os olhos, «o tamanduá-bandeira tirou o fogo dela e entregou-o ao sapo. O sapo levou o fogo para dentro da terra, para não vir mais fogo para ela. Para comer cru».

Em outro mito, conta-se como Koarahy (o Sol) andam pelo mundo, em companhia de seu irmão Djacy (a Lua), «para fazer todos virarem bichos». Vão de casa em casa no cumprimento de sua tarefa. O primeiro que receberam foi o veado. recebeu-o de Nhandedjara. «O veado não queria virar bicho, queria virar gente. O Sol chegou à casa do veado. O veado correu e gritou para o Sol: Não mexa no meu fogo, não. Aí o Sol mexeu e espalhou todo o fogo. Apagou tudo. Aí o Sol falou: Você é comida de onça agora, é isso que você vai virar. Pode ir embora, você não é mais gente. Você já é bicho agora. Aí o guaçu (veado) foi embora». (Antônio João me ditou também uma outra versão desse episódio, que ocorre igualmente na mitologia de outros grupos indígenas de língua guarani e que deixo de reproduzir aqui por ser muito extensa). Depois foi a vez da onça: «Aí a onça falou com o Sol: Eu quero virar gente. Aí o Sol falou: Não, você pode ir embora, você vai comer carne crua agora, você não tem mais fogo, você vai andar no escuro. Debaixo de qualquer pau você vai dormir. Você não tem mais casa. Você anda no mato, tudo, só no mato: Seu filho vai nascer debaixo de qualquer pau».

Em outras casas, o Sol se recusa a benzer o milho, a moranga, a mandioca e outras plantas que lhe são apresentadas para este fim. (Entre os

Sociedade Anonima Comercial **CASA MOELLMANN**

Casa fundada em 1869 - Com Filial em
Blumenau.
FLORIANÓPOLIS - Caixa Postal, 96

Secção de Artigos para Presentes :

Praça 15 de Novembro - Esquina Rua João Pinto
Tapetes - Malas finas para Avião -
Geladeiras - Utensilios Domesticos -
Cristais - Objetos de Arte - Valises e
Bolsas - Aparelhos de Porcelana para
Chá e Jantar - Jogos de Cristal para
Mesa e uma infinidade de outros Ar-
tigos para Uso Domestico e Ornamento
do Lar.

Secção de Ferragens :

Rua João Pinto, 2

Ferragens - Tintas - Oleos - Material
para Construções - Cimento - Louça
Esmaltada e de Alumínio - Cutelaria.

Secção de Automoveis :

Automoveis e Caminhões DODGE.
Veículos recomendados para entrega
oportuna.

Peças Ford, Chevrolet e Dodge.

Acessorios para Automoveis.

Kayuá e outros índios é costume «batizar» as plantas, «para crescer bonito»). Assim como a posse do fogo, também a lavoura é um distintivo da vida humana, e por isso deve ser negada àqueles seres condenados a transformar-se em animais.

Quando se encontraram na casa do tamanduá-bandeira, que o macuco sabe dos verdadeiros poderes do fogo, havido com os olhos da onça. «O macuco disse ao macuco: Se os olhos da onça não fossem lá em cima, no galho, a onça arranjaría fogo outra vez. Se o tamanduá-bandeira não tirasse os olhos da onça, ela arranjaría fogo outra vez para queimar a terra. Foi por isso que o Sol a mandou virar bicho. Se arranja fogo agora, apaga logo, porque os olhos dela são pura água».

Esta explicação se enquadra muito bem no espírito do Gênese kayuá, que dá grande relevo à cataclismologia. Para se compreender a relação, basta recordar que a identificação do jaguar com a lua é um traço corriqueiro da mitologia sulamericana. Na parte final do gênese, depois de confiado o governo do mundo ao Sol e à Lua, esta insiste em aniquilar a terra de qualquer maneira. Ora quer virá-la de cabeça para baixo, ora propõe a sua destruição por um incêndio ou então por um segundo dilúvio. Entretanto, o Sol, que tem mais força e é amigo dos homens, não permite que estes sejam vítimas de um simples capricho do irmão.

O Grevista

A noite de chuva tornára-se mais fria, quando o vento começou a assobiar pelas táboas que formavam a parede daquela humilde casinha.

Lá dentro, lutando com a falta de recursos, u'a mulher, ainda moça, com os olhos cansados pela vigília e o coração cheio de ansiedade, fitava a criança que ardia em febre, sem que pudesse compreender a razão daquela moléstia repentina.

Um gemido fe-la chegar para perto da filhinha e sua angustia aumentou; a febre tornára-se mais alta e sons roucos partiam da boquinha inocente, como se quizesse dizer alguma coisa.

Faltava-lhe tudo: remédios, dinheiro, e o auxílio de seu marido, pois há dois dias saíra para a fábrica e não soubera mais notícias. Recordava-se, agora, que uma vizinha havia dito que os operários estavam em greve. Talvez seu marido fôsse um dos grevistas, o *cabeça* até, pois ele dizia sempre que qualquer dia seus patrões haviam de atender às exigências dos operários, por bem ou por mal...

A menina continuava a gemer e a pobre mãe percebeu que devia procurar recursos de qualquer maneira. Pediu à vizinha para que olhasse a doente, e saiu, pela noite escura e fria, em busca de um médico.

Andou daqui para ali, bateu numa e noutra casa, até ser atendida. O facultativo, depois de perguntar pelos sintomas da doença, mandou-a depressa para casa, pois talvez se tratasse de um caso de crupe.

Ela não esperava por aquele golpe! Em seu coração cansado a terrível palavra ecoou nas proporções de um fantasma que parecia arrebatá-la para a filhinha.

Sim, ela sabia que na semana passada uma criança perdera a vida, vitimada por aquela moléstia. E agora, sua filha! Mas, era necessário andar depressa, quem sabe se a menina não estaria chamando? Oh, Deus, que ela tivesse forças para chegar a casa! E que o médico cumprisse a palavra! Sua filha não poderia morrer, era tudo para ela.

Que tristeza, a criança estava pior; a respiração cansada, dava-lhe a impressão de estar se asfixiando.

Afinal, o médico chegou. Olhando a doente, constatou ser verdadeiro o diagnóstico. «Vou operá-la imediatamente», disse êle.

«Mas, doutor? E' tão longe, com este mau tempo é necessário um automóvel e eu não tenho dinheiro...»

— «Não se preocupe, vou operá-la aqui mesmo. Trouxe o necessário; arranje uma lâmpada mais forte para colocar neste fio e improvisarei u'a mesa afim de deitar a menina».

A mulher não compreendia mais nada. Operar sem ser no Hospital? O que importava é que a vida de sua filha talvez dependesse da precisão com que ela cumprisse as ordens do médico. Trouxe a lâmpada com que costumava costurar, colocando-a no fio que vinha da parede para a sala operatória improvisada.

Imediatamente, o médico fez os necessários preparativos. A mulher nem olhava; não tinha coragem de ver o resultado daquele trabalho. O silêncio que se tornára profundo, dentro de poucos minutos foi quebrado por um *oh!* de espanto e de agonia, emitido pelas duas criaturas que ali estavam lutando

contra a morte — a luz apagára-se.

— «E agora, doutor? — Que fazer? Uma vela serve? — dizia a mulher, numa terrível angustia.

— «Sim, uma vela, depressa, também a minha lanterna está aqui no bolso; um lampião, qualquer coisa que clareie o quarto, preciso acabar a operação».

Encontrada a vela, colocou perto da cabeça da menina. Com a lanterna do médico, foi buscar o candieiro, mas faltava combustível. — «Meu Deus, está vazio. Não temos querosene em casa». Bateu na parede do lado e foi atendida. Trouxe o precioso combustível, mas, durante sua curta ausência, o inevitável aconteceu. Daquele momento a luta saíra vencida pelo Anjo da Morte. A pobre mãe, vencida pela dor, já não chorava. Compreendeu que o destino fôra inexorável; seu sacrifício, suas preces, a boa vontade do médico, transformaram-se em fatores sem importância diante da crua realidade!

O médico, compungido, tentou consolá-la. «Paciência, fiz o possível, a senhora bem viu. Se não fôsse a falta de luz no momento exato em que comecei a operar, sua filha estaria salva».

..

No quarto humilde, quatro velas vertiam «lagrimas de cera» sobre a menina morta. Vizinhas piedosas vieram ajudar a preparação da mortalha, quando, o silêncio foi quebrado por uma voz forte, vinda de fora:

«Luiza, Luiza, onde estás mulher? Vencemos! A greve terminou! O mais valente fui eu! Alguem seria encarregado de cortar a energia da cidade e eu me ofereci. Eu fui o grevista mais corajoso!»

COMERCIO E INDÚSTRIA

K. RAMTOUR

Florianópolis - S. Catarina

FABRICA DE BANHA

Produtos suínos - Conservas - Comestíveis - Salsicharia - Laticínios - Aves frigorificadas - Ovos etc.

MERCADO PUBLICO MUNICIPAL

Carlos Hoepcke S. A.

Comércio e Indústria

Telegramas: "HOEPCKE"

* *

MATRIZ — Florianópolis — Santa Catarina.
FILIAIS — Blumenau — Santa Catarina.
Joaçaba — Santa Catarina.
Joinville — Santa Catarina.
São Fco. do Sul — Santa Catarina.
Lajes — Santa Catarina.
Laguna — Santa Catarina.
Tubarão — Santa Catarina.

ESCRITÓRIO EM CURITIBA — Paraná, Praça Gen-
eroso Marques, 138.

SÃO PAULO — São Paulo, rua 15 de Novembro, 200,
7º andar.

SANTOS — São Paulo, Praça da República, 33, 1º
andar.

SEÇÃO DE FERRAGENS

Ferragens em geral.
Materiais de construção.
Louças e tintas.
Comestíveis.

SEÇÃO DE FAZENDAS

Tecidos em geral.
Armarinhos — Tapeçarias.
Panos para cortinas e estofamentos.

SEÇÃO DE DROGAS

Perfumarias.
Produtos químicos e farmacêuticos.

SEÇÃO DE MÁQUINAS

Máquinas e motores para todos os fins.
Motores Diesel — Bócieiras — Motores elétricos.
Rádios — Geladeiras — Enceradeiras.
Material para instalações elétricas e hidráulicas.
Artigos elétricos — Ferramentas de precisão.
Seção especializada em artigos para presentes.

SEÇÃO AUTOSHELL

Automóveis e caminhões — Chevrolet — Oldsmobile
— Cadillac — Peças e acessórios "GM".
Produtos de petróleo da Anglo Mexican.
Pneus e produtos "Goodyear".
Oficinas e Postos de Serviço nas principais cidades de
Santa Catarina.

SEÇÃO MARÍTIMA

Estaleiro Arataca — Vapores
Aparelhamentos completos para cargas e descargas
em Florianópolis e São Francisco do Sul.
Despachos marítimos em Florianópolis, São Francisco
do Sul, Laguna e Santos.

Fábricas de Gêlo e de Pontas 'Rita Maria'
FLORIANÓPOLIS

WILLY ZUMBLICK EXPÕE NOVAMENTE EM FLORIANÓPOLIS

Zedar Perfeito da Silva

A abertura, no último domingo, às 10 horas da manhã, da exposição de pintura do jovem artista tubaronense Willy Zumblick, foi, para gaudío nosso, um acontecimento inédito em nossa vida artística, pelo grande interesse que despertou. Lá, compareceu o que Florianópolis conta de mais representativo no seu mundo social. Verdadeira procissão de curiosos e de admiradores da pintura percorreu, sem intervalo, o amplo e iluminado salão. Consola saber que só no primeiro dia o livro de presença registrou cerca de mil assinaturas.

Nesta segunda exposição, Willy Zumblick catalogou sessenta e expôs setenta e cinco quadros. O comentário era de que o pintor progredira sensivelmente. Agora, a luminosidade de seus quadros se mostrava mais natural. O vermelho menos berrante. Contudo, é de notar que a sua sensibilidade continua fascinada pela claridade tropical.

Inegavelmente, Willy Zumblick vai vencendo e vencendo admiravelmente a primeira etapa de sua maturidade artística. Os quadros "Folhoes", "Bandeira do Divino", "Boi de mamão", e outros tão representativos de nosso folclore como os que viu em outras exposições. O tempo conserva-os atuais e a sua valorização é de cem por cento. Assim sendo, por que se afirmava categoricamente que Willy havia progredido extraordinariamente com a sua segunda mostra de pintura? Presumivelmente, a referência era endereçada ao gênero paisagem. É possível que no trabalho perseverante e na observação de todas as horas, houvesse o jovem pintor encontrado a técnica para colorir e harmonizar a composição de seus quadros. As suas novas paisagens ao mesmo tempo que representam aspectos de um país encantado e maravilhoso, surpreendiam-nos ao vermos trechos e sítios familiares.

Dos novos quadros de Willy, destacamos: — "Chico e o chimarrão", "Volta ao trabalho", "Carpinteiro da ribeira", "Parada May", "Subindo a serra", "Rio Tubarão", "Banhado das crianças", "Surpresa", "Descendo a serra", e muitos outros. Temos vontade de citar outros porque todos mereceram a nossa assistência. Os tipos populares foram bem e os temas bíblicos muito bem explorados.

Willy Zumblick nasceu em São Paulo nos grandes centros, como Paulo de Tarso, de Jandira. Foi vítima da inveja, o que quer que seja. Destituído de mais alguns dias, estará expondo no Museu de Arte do Estado de Paraná. Lá, a sua amostra de arte será apreciada com o devido apreço por aquele povo que sempre honrada. Dessa maneira, o nosso talentoso artista está sendo um especial e brilhante embaixador da arte brasileira para fora do Estado.

Willy Zumblick é uma afirmação do próprio talento. Nunca visitou os países ricos de tradições artísticas. Nunca assistiu a uma aula de pintura. Nunca conheceu professor. Tudo o que aprendeu e tudo o que realizou foi unicamente inspirado pela sua irresistível vocação para a pintura. Ele é um simples e despretencioso pintor. Mesmo assim, deve sentir-se satisfeito pelos aplausos que o nosso povo está merecidamente lhe tributando ao visitar a sua exposição, a qual enaltece seu cêspede natal, a cidade de Tubarão, e aumenta o renome do Estado de Santa Catarina no terreno das belas artes.

D'A Gazeta, de 9-6-48)

O Par de Luvas

BARRY PAIN

Surpreendeu-se um pouco ao ver entrar na loja a jovem estudante, com uma pasta cheia de livros debaixo do braço. Supôs que ela estaria cumprindo uma determinação de sua mãe. Na realidade, porém, a adolescente de cachos dourados tinha apenas o proposito de matar o tempo e dedicar-se ao seu divertidamente predileto, ou seja, pôr à prova a paciência do próximo.

— Certamente, senhorita — respondeu á pergunta que ela lhe fez. — Temos luvas. Que luvas deseja? De cabrito? de pele da Suecia?

— De cabrito? — indagou ela com todo o candor de seus grandes olhos ingenuos. — Não. Não gosto de usar luvas feitas com a pele desses animazinhos.

Ele sorriu, otimista.

— Senhorita, não dê muito valor às minhas palavras. Em geral, as luvas não são feitas com a pele de cabritos novos, mas com a pele de bodes velhos.

— Então, como é que vendem luvas de bodes como se fossem luvas de cabrito? Isto me parece desonesto...

— Um momento, senhorita. Se lhe desagrade o fato de ser muito jovem ou muito velho o animal de cuja pele se fazem as luvas, posso oferecer-lhe artigos muito usados...

— Qual, não gosto de artigos muito usados.

O sorriso do homem já era forçado; contudo, ainda era um sorriso. Imperturbável e paciente, insistiu.

— Quer dizer que prefere as luvas da Suecia?

— Que significa isso?

— Esta é uma expressão para designar certa especie de luvas. Estou certo de que lhe agradarão. Vou apanhar um par.

— Primeiro, diga-me uma coisa. As luvas da Suecia são tão suecas quanto eu?

— Não se pode descobrir a origem das expressões comerciais.

Abrindo uma caixa, ofereceu um par de luvas à jovem.

— Não gosto destas — disse ela. — São de um cinza muito escuro.

O homem trepou num tamborete, apanhou uma segunda caixa e apresentou outras luvas, que eram, entretanto, de um cinza muito claro. Voltou a trepar no tamborete, pegou uma terceira caixa e exibiu umas luvas cor

de um tom muito fechado. O homem desapareceu por trás da vitrine, entreabriu uma quarta caixa e trouxe luvas cor de baunilha. A jovem observou que elas facilmente se sujavam. Mas, afinal, compadecendo-se do suor que corria pela testa do comerciante, declarou, com uma vozinha suave, que ficaria com as ultimas luvas apresentadas.

Um sorriso de reconhecimento iluminou o semblante do homem.

— Custa 7 shillings, o par.

— Muito bem — concordou a moça. — Ficarei com uma.

— Com uma par? Perfeitamente.

— Perdão. Uma luva. A luva direita.

O sorriso de reconhecimento desertou da face congesta do comerciante.

— Mas, senhorita, isto é impossível — disse, peremptoriamente. — Nunca vendemos uma luva só. Não podemos desfazer os pares.

— Por que não vendem uma só luva? — indagou ela, num tom de candida inocência. — Que

contrariedade. Só preciso da luva da mão direita.

— Que poderíamos fazer com a luva da mão esquerda, senhorita?

— Meu caro senhor, quando eu compro luvas não me preocupo em absoluto com o que vocês fazem com as luvas que deixo de comprar. No caso presente, explico que se trata de um tio meu, que é maneta e não precisa de um par de luvas.

Exasperado, o negociante declarou:

— Infelizmente, senhorita, não posso atende-la. E' inteiramente impossível que deseie...

— Por que? Parece-me incompreensível. Sobretudo quando esposta a pagar por uma só luva o preço de um par.

No rosto do dono da loja reapareceu o sorriso.

— Ah, muito bem, senhorita. Isto agora é outra coisa. Com muito gosto. E' a luva direita que me pediu? Pois aqui a tem.

Foi então que a jovem estudante recolheu sua pasta de livros e com a maior altivez declarou:

— Desculpe, caro senhor. Disse ainda agora que não podia desfazer um par. Disse-me isso duas vezes. E agora me oferece a luva única: O sennor não é coerente. Por isso, sou obrigada a procurar outra loja. Depois desta ocorrência, o senhor ha de reconhecer que exagerou muito quando deu à sua loja a denominação de «O Diluvio das Luvas», quando não é capaz de vender-me uma só luva... Passe bem, meu caro senhor.

E a estudante, fazendo uma graciosa saudação, deixou sorrindo a loja. Instantes depois, a empregada da Caixa corria a acudir o pobre negociante, que se estatelara no chão.

O único

FLORISBELO

Alfaiate

Rua João Pinto. 21

Novidades

SELO COMEMORATIVO

O sr. Ministro da Viação autorizou o Departamento dos Correios e Telégrafos a emitir um selo postal comemorativo ao V Congresso Eucarístico Nacional, a realizar-se em Porto Alegre, em Outubro proximo.

O NUMERO DE ELEITORES NO BRASIL

Segundo cálculos estatísticos feitos pelo TSE o número de eleitores que votaram em 1945 foi de 6.160.245; em 1946 — 5.451.111.

Presentemente em todo o Brasil o numero de eleitores eleva-se a 7.710.543.

MEIAS MODERNAS

Estão sendo fabricadas nos Estados Unidos meias para homens e senhoras com uma divisão separada para cada dedo, como se fosse uma luva. Os fisiologistas e higienistas, neste modelo é mais higiênico do que as antigas. Aliás, isto não constitui novidade integral, pois de há muito os japoneses fabricam meias com a separação para o dedo grande, apenas.

EMIÇÃO ESPECIAL DE
SELOS

O Presidente da Republica enviou ao Congresso Nacional uma mensagem acompanhada de um ante-projeto de lei que auxilia a emissão especial de ações em benefício dos filhos saídos dos lazaros.

NOVO MÉTODO DE TRATAMENTO DA GASTRITA

O dr. Robert Katz, de Nova Orleans, Lousiana, descobriu após longas e pacientes pesquisas, um tratamento eficaz contra a gangrena que ataca diabéticos e arterioscleróticos. Para tais casos até então, só existia uma solução: a amputação. Segundo afirma e prova o dr. Katz, uma mistura de eter diluido em agua destilada, benzocaina contra a dôre penicilina contra a infecção injetada nas veias do paciente elimina a grangrena incipiente e alivia os diabéticos antes impossibilitados de dormir, devido à dôr e às úlceras. Em mais de cem casos de diabéticos e arterioscleróticos, o tratamento surtiu efeito.

Prosápia

Todo aquele que se entregar a investigações históricas regionais acaba, fatalmente, mais ou menos genealogista.

De tanto profundar em detalhes e minúcias, passa insensivelmente, a esmerilhar, curiosa e talvez indiscretamente, o passado e a linhagem de certos indivíduos, de determinadas famílias, sobretudo daqueles cujos representantes, pelo seu destaque social, pelos seus talentos e virtudes, pela sua acentuada atuação, mór ou menor influência tiveram, em o seu tempo, sobre a coletividade.

Foi o que aconteceu comigo. Depois de estudar, em conjunto, a evolução histórica do nosso extremecido Estado, da nossa encantadora "terrinha", comecei por esmerilhar certos fatos, vários episódios, determinados personagens em mais ou menos longas monografias e, depois de haver pacientemente revolvido diferentes arquivos, federais, estaduais, municipais e eclesiásticos, apresento-me também agora como linhagista, bem canhestro na verdade, a desvendar à geração de hoje alguns dos principais troncos de Famílias catarinenses, cujo apelido venerável ainda figura com brilho entre vários de seus portadores.

Há algum tempo forneço a patrícios e amigos os esclarecimentos ao meu alcance, relativos aos seus dignos antepassados. Hoje volto a tratar d'êles em letra de fôrma.

Cabe-me declarar que a maioria das indicações, que se vão ler, foram colhidas por mim nos arquivos eclesiásticos, principalmente, e municipal de Florianópolis e de algumas das freguezias vizinhas.

Quanto ao aspecto eclesiástico de o dizer que, no tempo de minhas consultas, estava ainda se tratando da carinhosa e vigilante do Monseñhor Francisco Topp, de honrada memória, alma boníssima, além do nascimento, mas um amante fervoroso da boa terra calarinet. Como zeloso pároco dessa capital, mais que seus antecessores brasileiros, muitos dos quais barrigas-verdes, é preciso que se diga, salvou de fatal destruição o pouco que nos resta do precioso repositório de tanta valia histórica.

Tempo é de formar-se nessa capital o Arquivo Geral do Arcebis-
pado, à guisa do que se fez em S. Paulo, reunindo todos os livros de
assentos de batismos, crismas, casamentos e óbitos, atirados à fúria
destruidora dos cupins, das traças e outros papirofagos nos gavetões
dos arcazes existentes nas sacristias das igrejas de nossas antigas fre-
guesia. Minhas pesquisas rezumiram-se ao período decorrente entre
os anos de 1714-1835.

Contentar-me-ei, por enquanto, em estudar, apenas as cépas vivazes e as primeiras estípites de várias famílias radicadas no município de Florianópolis e seus aros.

Se os interessados por esta classe de estudos encontrarem qualquer divergência ou lacunas (sempre possíveis e prováveis em trabalhos de esta natureza), será grande favor, que d'antemão e sobremaneira, apresentem a devida e precisa documentação. Entre-

LOVRAMENTO

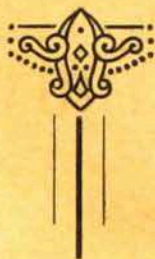
... dos COSTA de Santa
... filho de *Miguel Vieira*
de Melo e *Isabel de Melo*. Foi um bom agricultor estabelecido na
vila do Desterro. Ocupou várias vezes o governo da terra. O go-
vernador Teixeira O. m. m. refer. a escolha de officina de Orde-
nanças, informava ao Vice-Rei "O *Capitão Thomaz Francisco* 2º da
lista, tem o defeito do seu nascimento, não correspondendo ao de sãma
(sic). (Antônio Henriques de Miranda) foi homem de officina e me-
tre das obras; hoje he homem rico, he homem de probidade, certo e
se faz respeitar no seu cargo de Juiz". Foi negociante, forte e alouscou
e posto de Sargento-mór das Ordenanças. Arrematou a construção da
Casa da Câmara do Desterro. Casou na vila do Desterro a 26 de Outubro
de 1750 com sua patricia *Mariana Jacinta da Vitória*, filha de *Francisco* Bu-
tra de Faria (Vide Tit...) e *Maria de Faria*. Faleceu aos 73 anos de
idade, em 15 de Junho (Santos Silva diz a 14) de 1796. Sua viuva ex-
pirou a 24 de Fevereiro de 1824.

FILHOS:

I. — **Antônio José da Costa**. — Nacido em 1754 (no Rio de Janeiro?). Prestou excelentes serviços, principalmente no desbravamento do nosso sertão. Casou a 17 de Janeiro de 1770 com Pascoa Maria de Jesus, filha de Caetano Silveira de Matos e Catarina de Jesus. Faleceu como Coronel de Milícias a 27 de Maio de 1817; e sua mulher a 28 de Maio de 1834. Corre a lenda que essa senhora, muitos anos depois de seu enterramento, foi encontrada em perfeito estado de conservação.

II. — *Miguel Francisco dos Anjos*. — Batizado a 16 de Julho de 1752, no Desterro, e chrismado a 21 de Abril de 1765. Capitão de Auxiliares em 1792. Casou com Dorotéa Maria Clara de Jesus, filha do

NÃO DEVES PARTIR !



Por que vâes embora, quando mal começamos a viver ?!
Por que tão cêdo assim já nos vamos separar ?!
Por que, meu amôr, fico sozinha
Sem as tuas mãos nas minhas ?
O nosso sonho mal começa a ser sonhado . . .
A cortina dos nossos desejos
Ainda não abrimos com a valsa do nosso ideal!
Por que? Por que vâes embora para longe de mim ?

Não ! Tú não debes partir !
Não debes, assim destruir nosso início de felicidade !
Lembra-te dos nossos beijos
E dos nossos sonhos !
Recorda-te do luar . . . das estrêlas tão belas . . .
Da brisa acariciante que escutou nossos segrêdos !

Não ! Tú não debes partir !
Não debes partir para longe de mim !
eu sentirei o tédio e a desolação,
ortura e . . .

João Pessoa, Junho de 1948.



E todos, a se^{re} pedirão

«Saturno»

Fábrica de Choco-
late Saturno
BLUMENAU, S. C.

Representante em Florianop.:
JOSÉ P. LIMA
Caixa Postal, 49

Distribuidores no Estado de Santa Catari-
na dos Produtos de Ferro e Aço da Cia. Side-
rúrgica Nacional (Volta Redonda).

— Equipamentos completos para constru-
ção de estrada de rodagem.

— Motores à óleo cru, gasolina e quero-
zene.

— Material de rádio-recepção.

— Material de garage: Macacos, Ferra-
mentas, Carregador de Baterias.

— Máquina para gravar, para gravar, para gravar.

— Grupos Elétricos, para fornecer luz
para sítios.

— Talhas elétricas. Guinchos.

— Máquinas para olarias.

— Porcelana técnica.

— Produtos veterinários.

— Arados, cultivadores, grades de discos
e de dentes. Pás, enxadas.

— Insecticidas. Carrapatecidas.

— Cimento. Arame farpado.

— Válvulas Iguassú.

— Folha de fibra de madeira comprimida.

— Móveis Rio Negrinho.

— Cereais.

OSNY GAMA & CIA.

Representações — Conta Própria — Impor-
tação — Exportação

Rua Conselheiro Mafra, 84 — C. Postal, 239
Telefone 1.607

FLORIANÓPOLIS

O Vencido

Nenhum sintoma de vida velava nas paisagens longinquas, que se escondiam pelos picos altos e azulados. Ao contrário, um sentido de entorpecimento pairava pela estrada branca, sinuosa e sem fim.

Era poeta, e como tal, amava e sofria. O seu coração estava mergulhado no mistério da natureza morta, com um sol rasgando o horizonte e se metendo pelas quebradas à fóra.

Ainda não compreendera bem o capítulo da página da vida. O mundo não parece ter horizontes para o coração dessa gente.

Uma casa com formas quadriculadas e listas negras, surgia agora, deitando fumaça branca para o céu vazio de núvens. Havia poucos dias apenas que se julgara o mais feliz dos mortais. E pela sua imaginação em alvoroço deslizava suavemente a mais ditosa das recordações.

Sentira naquela noite um prazer intenso, um delírio infantil. Rememorando, corria pela espinha, pelos pés e por todo corpo, um frio etéreo e entontecedor. E assim, varria depressa uma idéia e logo outra se colocava ameaçadora ali bem dentro do seu espírito, torturando-o incessantemente. E uma angustiosa expectativa, moía tudo por dentro.

Ah! a mulher. Quantas vezes evitára aquela paixão sufocante e que lhe queimava mais que todo o fogo do universo. Enfim, ali estava, com aquela tristeza agressiva, tomando conta de tudo. Não achava decente retroceder. Quando na vida, um homem encontra um coração de esfinge para lhe triturar o juízo, fica a ponto de enlouquecer. E ele o encontrára em demasia. Por isso vagava sem destino, como um desenganado, como um naufrago, sem balsa, em desatino. Para onde? Issa era a pergunta. Cabe às naus desgozadas, sem destino certo, submergir, ou encetar, entre as escarpas de um penhasco, ou o destino do oceano.

Amor, gloria, sofrimento, — eis o misto que encerra o ciclo de uma vida. As portas da felicidade não se abrem, senão quando um desgraçado espreita do outro lado.

O sol já não existia. Aquelas casas com simetria rigorosa, pareciam restos de um campo de batalha. Havia mesmo um cheiro de morte naquêles telhados negros, como mortalha de um defunto pobre. Podia ter chegado até lá! — Para que? E uma sensação de angústia comprimia su'alma. Queria fugir, gritar, scandalizar o mundo egoísta e indiferente. Olhava o rio manso, beijando a lama nojenta e sua vida era mesmo tediosa e pungente. Porque o amor lhe castigava com tanto sofrimento? Sim, decididamente tivera a desgraça de nascer poeta. E o mundo dos poetas é um mundo diferente, com cintilações de estrelas. Que teria sua vida com o clarão da lua, ou com o fulgor das auroras? E aqueles olhos divinos e prometedores? Porque tanto suplicio, si um dia se reduziram a poeiras errantes ao vento, obedecendo à mais sábia das leis da natureza? Porque tanto sofrimento, tanta tristeza, tanta angústia, tanta dor, tanta melancolia, tanta saudade, tanta nostalgia, tanta saudade de um pensamento a latejar infinitamente no tempo?

Sim, era um vencido. De reformaria positivamente. De nada lhe valeriam amor próprio, nem honra, nem nada. Aquela mulher humilhava-o como a um cão vadio. Seu destino era a lama e nela iria mergulhar.

SYLLA

D R S.

J. B. BONASSIS

A. G. DE ALMEIDA

F. MAY FILHO

— A D V O G A D O S —

Causas cíveis, comerciais, criminais, trabalhistas, contratos, naturalizações, consultas e pareceres

Escritórios :

Rua Felipe Schmidt 34 - sala 3 - Florianópolis
Rua Pedro Demoro 971 - Estreito

Sociedade
Beneficiadora
de Madeiras
Ltda.

TELEFONE 1248 - RUA 7 DE SETEM.

BRO

Blumenau

Fornecedores de Madeiras

em geral

Forro paulista

Encantoneiras de qualquer

espécie

Ornamentos, etc.

Especialidade:

soalho marca

STROBEL

Crônicas Açorianas

V

Por HENRIQUE OURIQUE

No difícil e melindroso período do alvorecer do século XVIII, em que o erário começava a resentir-se em Portugal, das delapidações à Fazenda, da liberdade do Rei, da reverberante ostentação da corte, campeando feericamente o luxo e o prazer, os Açores aperceberam-se da crise, experimentaram-lhe o efeito e a inexorável lógica das necessidades.

Fugindo ao nefando conformismo que só agravaria o ciclo econômico para uma maior depressão, fascinados pela fecundia das Terras de Santa Cruz, os açorianos buscaram as ribas orientais do seu mar Oceano.

Assim foi, quando em 1748, consentaneo à indole da raça, o intento de cinco mil almas, encetou através as glaucas ondas, o caminho da expansão, numa vontade instintiva da conservação própria, no encanto dum sonho feito esperança e riqueza.

Corria então, o declinar do reinado de D. João V, o Magnanimo, o faustoso, o grande; cognomes que lhe couberam inteiramente.

Já o Tejo não regorgitava das famosas náus da Índia e do magno Empório escasseavam as especiarias.

O ouro brasileiro, tornara-se para Portugal, a mais rica fonte. erdura ainda pelos séculos o muito que o turbilhão aurífero cooperou na bagagem fisiológica desse Rei, no que de útil e valioso deixou ao País, no campo das letras, das artes e das ciências.

Urgindo aurir do Eldorado o maior caudal possível, D. João V, na célebre provisão de 9 de março de 1713, move a em. para os casais que ali se fixem.

Como tal, e ao abrigo da munificência regia, criou-se nos Açores um ambiente magnifico da juventude fisica e a corrente migratoria succedeu-se num ritmo crescente.

É Santa Catarina, transbordante de seiva e de assemelhações agroclimáticas, que atrai os Ilhéus.

Como jograis e trovadores, esfolhando saudades na encruzilhada da vida, levam eles consigo a viola, o sabor das romarias, dos baia-ricos, das cantigas ao desafio onde a ironia morde e soluça, as canções dolentes repassadas pela melopeia do mar, toda a expressão estética da luz, do céu, da paisagem, das gentes das suas nove Ilhas, disseminadas à flôr d'água no centro Atlântico.

Esta linguagem musical, enraizou-se como marco histórico, quando do povoamento daquele Estado-sul do Brasil e assinala ainda hoje a sua continuidade através o tempo, constituindo um elemento digno do labor e faculdades investigadoras dos eruditos etnografos.

Uma colectanea das canções populares catarinenses, obedecendo ao mais rigoroso etnicismo, recolhe a variedade no sabor e pureza integrais, com fácil discernimento a sua filiação nat- gins cantares açorianos, como o charamba, a chamarrita, o pésinho, a sapateia, etc.

A fisionomia folclórica terá decerto, a formal construção, ritmo e melodia que inconfundivelmente individualizam a música dos Açores.

O acompanhamento instrumental, o estilo das vozes e o bailado, eremos, mantêm-se ainda com características similares às açorianas, embora a natural deformação de adaptações ao correr do sentimento da imaginação popular, dos influxos modernos que originam sempre um movimento evolutivo, na orgânica musical e sobretudo na coreografia.

Mas, o estudo critico e científico do folclore catarinense pertence aos seus musicistas e etnografos.

Infelizmente a análise técnica sobre motivos populares açorianos, não tem passado nas Ilhas Açóricas, de meros ensaios da caracteristica regional.

Não é só porém, na musicalidade que encontramos esta manifesta assimilação.

No eclodir da sua sensibilidade artistica como na pesquisa ar-

(Continúa na penúltima página)

Notas

Rádio Guarujá

A Rádio Guarujá, a querida emissora catarinense, cuja onda se espalha por todo o sul do Brasil, é o resultado do esforço e da tenacidade de Ivo Serrão Vieira.

Nascida numa modesta sala dos altos da Confeitaria Chiquinho, sob a forma de «Public Adress», cresceu lenta, mas seguramente, até o que é hoje: uma potente «broadcasting» que enche os céus regionais de esplendidas melodias.

Seu aniversário, portanto, ocorrido a 14 de maio, foi motivo de geral contentamento, — o que, com efeito se justifica, visto ser ela uma emissora querida do nosso povo.

Aos cumprimentos que encheram de alegria a Ivo Serrão Vieira, «Atualidades» junta os seus.

DO BOM MILITAR

A 5 de Maio transcorreu mais um aniversário da fundação da nossa Polícia Militar, tendo sido a data condignamente comemorada.

BOLETIM COMERCIAL

O vitorioso Boletim Comercial, que se edita nesta Capital, desde ha 8 anos, de propriedade do jornalista e professor Odilon Fernandes e atualmente sob a direção comercial de Plácido Gomes, comemorou com excelente número especial a passagem da data de sua fundação a 13 de maio do passado.

Contendo o matéria variada, não só de assuntos econômicos, com ótima feição material, fartamente ilustrado, «Boletim Comercial» tem correspondido plenamente aos seus inumeros leitores e anunciantes.

Parabens e que a data se reproduza «ad multos anos».

BOLETIM MENSAL

Da Associação Comercial desta Capital, recebemos o número correspondente a março deste ano, do «Boletim Mensal», contendo matéria altamente interessante para o nosso comércio e indústria.

Um Episódio

José Cordeiro

O austero e sisudo Professor Onestaldo Quintela já tinha reparado bem na fisionomia e nas formas da criadinha Maria das Dôres. Esteve durante muito tempo a sonhar e a imaginar coisas. Passou noites em claro, fazendo planos...

Certa manhã, bem cedo, à hora em que sua mana, D. Felícia, deveria estar ferrada no sono, levantou-se e foi até a cozinha, pé ante pé.

Maria das Dôres terminara de fazer o café, e preparava-se para arranjar a mesa. Distraída, deu com o Onestaldo, e assustou-se:

— Ai!

— Uê! Que foi! Tem medo de mim?

— Medo, não...

— Então por que se assustou? Não lhe farei mal. Antes pelo contrário...

Ao vê-lo trêmulo, vermelho e agitado, a fitá-la com olhos brilhantes e esgazeados, ela emendou:

— Medo sim... O senhor está tão esquisito hoje...

— Eu estou esquisito?

— Está...

— Perto de você quem é que não fica esquisito?

Onestaldo achegou-se mais. Parecia nervoso. Tornara-se lívido repentinamente. O coração

lhe batia descompassado. A respiração era ofegante.

Tomou uma das mãos da criada e abriu-se numa torrente de disparates, para acrescentar, por fim:

— Escute, Maria... Eu gosto de você...

— Me deixe, seu Onestaldo! Fique quieto... Sua irmã, D. Felícia pôde vir por aí...

— Não vem, não... Ela está dormindo... Olhe, pequena, eu estou louco por você... Eu amo...

E foi abraçando a moça, que resistia. A pouco e pouco foi dominando-a; e prendeu-a por completo nos braços longos e fortes, a dizer frases sem nexo:

— Tenho paixão por você,

— Me largue! Me largue! Me largue!

— Não, Mariazinha! Não largo! Você é minha! E' minha! E' minha!

E excitado, fóra de si, dominado inteiramente pelo desejo, foi levando, foi arrastando a rapariga para um banco que havia próximo à porta da despensa.

— Não! Não! Assim não, seu Onestaldo...

— Sim, Maria! Sim! Você é minha! Minha...

— Não! Isto não! Assim não! Não quero assim! Não! Não quero... Não... quero...

E sua voz foi-se abafando lentamente. Cessara, afinal, toda e qualquer resistência.

Onestaldo Quintela saíra vitorioso...

Quando D. Felícia se levantou, a mesa tinha sido posta. Ela e o irmão comeram com bom apetite.

Ambos pareciam sorridentes.

Maria das Dôres, porém, apresentava no olhar certa melancolia...

* *

Na manhã seguinte, Onestaldo levantou-se ainda mais cedo. Quase não dormira, na antevisão das delícias da véspera.

Levou à cozinha. Maria das Dôres ainda não se acordara. Esperou cerca de meia hora, a fumar cigarros uns atrás dos outros.

Mostrava-se inquieto. Os minutos escoavam-se com preguiça.

Impaciente, já se resolvia a bater na porta do quarto para chamá-la, quando Maria apareceu.

Pressuroso, atirou-se em direção a ela, na esperança de abraçá-la.

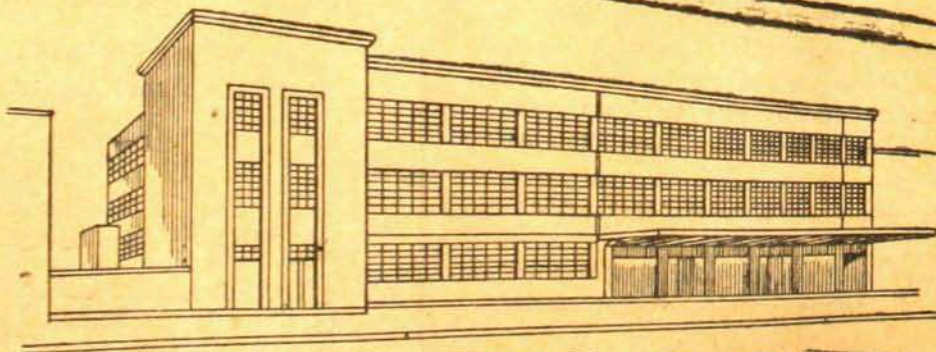
Mas ela, detendo-o, disse rispidamente:

— Não quero mais nada! Nem quero conversa...

— Uê! Por que?

Drogaria e Farmacia - "Catarinenses" S. A. -

A maior organização farmacêutica do sul do Brasil



SÉDE DA MATRIZ, em construção

MATRIZ: JOINVILLE

Distribuidores para o Estado de S. Catarina dos produtos dos laboratórios:

S. A. de Perfumaria Roger Chéramy
Ely Lilly & Co. of Brasil Inc.

Laboratório Xavier
Química Baruel Ltda.

E. C. de Witt & Cia. Ltda. (Fixbrill)
Johnson & Johnson do Brasil, Prod.

Cirúrgicos
Laboratórios Andrômaco S. A.

A. J. Ferreira & C. Lt. (Urodonal etc.)
Bernard Bruggemann (Perl-It)

Perfumaria Anhangá Ltda.

Laboratório Vitex Ltda.

Renato Guimarães (Safrol etc.)

STA. CATARINA - C. Postal 95

FILIAIS: FLORIANÓPOLIS - Rua Trajano, n° 5 — BLUMENAU - Rua 15 de Nov., n° 508
BRUSQUE - Av. João Pessoa, n° 47 — JOAÇABA, Rua Paraná, 5

Catarinense

Por LUCAS ALEXANDRE BOITEUX

A' minha formosa terra, á minha boa gente e aos indefessos garimpeiros do nosso passado.

Foi a cinza dos mortos que criou a Pátria.

Lamartine

Capm. João Pereira Cardoso, alentejano, e Maria Josefa. Segundo Santos Silva, faleceu em 1831.

III. — Ana, batizada a 13 de Julho de 1754 e falecida de menor idade.

IV. — José Francisco de Faria e Costa. — Batizado a 15 de Março de 1757. Não encontrei nenhuma outra indicação sobre ele. Diz Santos Silva que ele passou ao Rio Grande do Sul e lá faleceu a 5 de Setembro de 1811.

V. — Ana Maria Francisca de Jesus. — Batizada a 15 de Janeiro de 1759. Consorciou-se com o Tte. Coronel José Luiz do Livramento, filho de Vicente Luiz da Costa, nat. de Paranaguá, e Sebastiana Tereza de Jesus, da ilha Terceira. Ana-Maria faleceu aos 56 anos em 19 de Março de 1815.

VI. — Joaquim Francisco do Livramento. — Nacido a 20 (sexta-feira da Paixão) e batizado a 22 de Março de 1761. Foi um verdadeiro apóstolo da caridade. Conhecido por *Irmão Joaquim*. Faleceu sem descendência, em Marselha, em 1829.

VII. — Manuel Francisco da Costa. — Nacido em 1763? Chegou a Capitão-mór. Casou a 12 de Junho de 1784 com Caetana Maria Rita da Silveira, nat. do Desterro, filha do Tenente José da Costa da Silveira e Inocência Maris Ferraz. Casou 2ª vez, em Fevereiro de 1792, com Francisca Ignácia do Nascimento, filha de José Pereira da Costa e Francisca Inácia Rosa.

VIII. — Francisca Maria de Jesus. — Batizada a 16 de Fevereiro de 1765. Casou a 4 de Fevereiro de 1786 com o Alferes (Tenente em 1795, Capm. em 1797 e Sargento-mór em 1816) José Ceserino da Rosa (Vide: Tit...), filho do Capm. André Vieira da Rosa e Ana de Souza Furtado, nat. do Rio de Janeiro. Ela faleceu a 26 de Junho de 1832.

IX. — Tomás Francisco da Costa. — Bat. a 19 de Fevereiro de 1767. Presbítero secular e 2º Arcipreste da província a 22 de Novembro de 1832. Faleceu aos 77 anos, em 10 de Maio de 1843.

FILHOS de I. (Antônio José e Páscoa Maria):

A. — Domingos José da Costa. — primogênito; Major de Ordenanças; morador na "Fazenda da Tapera", na barra do Sul. Não tenho dele outras indicações.

B. — Ana Maria, nascida no Desterro. Casou com o Capm. Manuel Soares Coimbra (Vide: Tit...) Faleceu em 1854?

C. — Francisca Maria das Chagas. — Casou a 25 de Maio de 1800 com o Cap. do Regimento n. 17 de 2ª linha Francisco de Souza Fagundes, nacido em 1775 na ilha do Faial, filho de Raimundo Xavier de Souza e Genoveva Tomázia Silveira. Fagundes faleceu aos 86 anos, em 10 de Junho de 1861.

D. — Caetano José da Costa. — Nacido no Desterro. Casou com sua prima Emerenciana Francisca de Jesus, filha de Manuel Francisco da Costa e Caetana Maria da Costa, a 15 de Setembro de 1805. Estabelecido na Enseada de Botim, faleceu aos 66 anos em 15 de Agosto de 1863.

E. — Genoveva Maria de Jesus. — Batizada a 17 de Janeiro de 1771. Casou a 13 de Abril de 1793 com o Capm. (Major em 1801 e Brigadeiro em 1816) Antônio José Feijó e Silva, filho do Capm. Domingos Martins Feijó (nat. de Braga) e Maria Tereza, viuvo de Francisca d'Assunção de Almeida, falecida aos 40 anos em 17 de Outubro de 1791, deixando 4 filhos. Genoveva Maria faleceu aos 40 anos, em 4 de Abril de 1806, deixando também quatro filhos. O então Coronel Feijó casou pela 3ª vez a 11 de Novembro de 1811 com uma filha do Sargento-mór J. Jacques Nicós (Vide: Tit...).

F. — Maria Micaela. — Faleceu aos 13 anos em 22 de Maio de 1796.

G. — José Antônio da Costa Frade. — Casado com Elena Benedita da Costa, que faleceu em Fevereiro de 1862.

FILHOS de II (Miguel Francisco e Dorotéia):

A. — Tomás Cardoso da Costa. — Batizado a 31 de Dezembro de 1776 e casado com Rufina Maria do Livramento (?).

B. — João Antônio da Costa. — Major de Milícias. Casou a 11 de Janeiro de 1818 com Maria Luiza do Livramento, filha do Tte. Coronel José Luiz do Livramento e Ana Maria Francisca de Jesus. João Antônio faleceu com 72 anos a 26 de Julho de 1858.

C. — Mariana Benedita. — Nacida na Lagoa; casou a 24 de Janeiro de 1824 com o Tte. Coronel Antônio Carlos Pereira de Macedo.

D. — Francisca Luiza da Costa. — Também nascida na Lagoa; casou a 27 de Outubro de 1810 com José Xavier de Souza, nat. do Faial, filho de Raimundo Xavier de Souza e Genoveva Tomázia da Silveira (Vide I-C).

Atualidades

Publicação mensal
Redação e Oficinas: Av. Mauro
Ramos 301 — Florianópolis
S. Catarina — Brasil

Propriedade — Direção — Redação e Gerência:
E. I. KUEHNE

—o—

Assinaturas:

Anual Cr\$ 18,00
Número avulso Cr\$ 1,50

Anúncios de acôrdo com a
tabela de preços

—o—

"ATUALIDADES" acolherá de boa vontade todos os originais, não se responsabilizando, porém, pelos conceitos emitidos em artigos etc. assinados.

Os originais — mesmo os não publicados — ficarão em poder da Redação.

—o—

«A Pellsqueira»

de Apitívis N. 1

de Florianópolis

Bebidas nacionais e estrangeiras

Petiscos em geral

Rua João Pinto, 19

Fone 1428

ALFATIARIA FORNEROLLI

RUA TIRADENTES, 8

Elegância de seu corpo !

Dr. Remigio

Molestias Internas em Geral — Doenças das Senhoras e Crianças

CONSULTÓRIO:

Rua Felipe Schmidt

Edif. Amélia Neto — Fone: 1392

Consultas: 9 às 11 — 14 às 16 horas

RESIDÊNCIA:

Igo. Benjamin Constant, 6
Fone: 1392

De Tudo, um Pouco...

NÃO BEBEM

Os papagaios podem passar muito tempo sem beber líquidos. No Jardim Zoológico de Berlim houve um que viveu 50 anos, sem uma única gota de água que retiram dos alimentos sólidos que ingerem, graças a moela que possuem.

POR PESO

Nas estradas de ferro do Colorado, Estados Unidos, os preços das passagens eram cobrados na razão do peso dos respectivos passageiros. Esse costume durou até 1904.

CARACOL GIGANTESCO

No Museu do Jardim das Plantas Tropicais, em Paris, há a carcassa de um grande caracol, procedente do Congo. Esse molusco, que viveu alguns anos no cativeiro, desenvolveu-se de tal modo que chegou a pesar um quilo. Atualmente do caracol gigante só existe a casa deshabitada, já se vê

OS PAIS NA OPIN. DOS FILHOS

Um curioso inquerito publicado pela revista «Quen's Work», órgão das Congregações Marianas nos Estados Unidos, que indagou sobre o conceito que os filhos formam de seus pais, revela que o bom genio, a generosidade e a compreensão são as qualidades paternas mais apreciadas.

Outras virtudes que os jovens assinalaram em seus pais: respeito pela mãe, abnegação, interesse pela família, altas ideias, equanimidade, sentido pratico, espírito desportivo, respeito pela mulher, sobriedade.

O mau humor, segundo o inquerito, traz o desapego dos filhos. O alcoolismo, maus habitos, irritabilidade sem razão e sobretudo a injustiça, tornam os filhos indiferentes ao pai.

CURA PELO OURO

Os antigos, e mesma ainda hoje, acreditavam que o ouro tinha propriedades curativas e medicinais, principalmente no tratamento da erisipela e da ictericia. Na China e na India diluía-se o pó de ouro em água e dava-se aos recém-nascidos, como preventivo para todas as doenças. Uma coisa porém está provada: o ouro, em injeções é utilizado, com bom êxito, no tratamento das doenças pulmonares.

FILHOS de III — Sem descendência. FILHOS de IV — Nada alcançei de sua geração.

—o—

FILHOS DE V (Ana Maria e José Luiz):

A. — *Miguel Joaquim do Livramento*. — Nacido a 27 de Março e batizado a 27 de Abril de 1795. Capitão. Casou a 4 de Abril de 1836 com Mariana Cândida de Barros Cavalcanti, nat. do Recife, filha do então Presidente da provincia, Tte. José Mariano de Albuquerque Cavalcanti, um dos chefes da revolução pernambucana de 1817, e de Candida Rosa de Melo e Albuquerque.

B. — *Rita Maria d'Assunção*. — Casou a 16 de Maio de 1799 com Francisco Pedro de Miranda e Castro, filho de Francisco José de Castro e Caetana da Encarnação de Jesus. Francisco Pedro, enviuvando, casou segunda vez, em 29 de Junho de 1801, com Maria da Anunciação, filha de?

C. — *Ana Francisca Maria de Jesus do Livramento*. — Casou a 2 de Junho de 1788 com o Major Torquato de Freitas Noronha, nat. da Laguna, filho de Manuel de Freitas Noronha, nat. da I. da Madeira, e Brites Antônia da Conceição.

D. — *Antônio Luiz*, falecido a 21 de Maio de 1813.

E. — *Maria Luiza do Livramento*. — Nacida a 7 de Fevereiro de 1772? Batizada a 18 de Fevereiro de 1793 e casou com seu primo João Antônio da Costa (Vide: II-B).

F. e G. — *Tomás e Mariana*. — Gêmeos. Batizados a 8 de Setembro de 1799.

H. — *Joaquim Luiz do Livramento*. — Capm. de 2ª linha. Casou a 4 de Novembro de 1807 com Ana Maria de Jesus. Faleceu aos 74 anos em 26 de Setembro de 1862.

I. — *Francisco Luiz do Livramento*. — Major. Casou a 21 de Janeiro de 1815 com Joana Leonor de Campos, filha do Coronel Alexandre José de Campos e Ana Soares de Campos (Vide: Tit...). Teve o título de Comendador.

J. — *Domingos Luiz do Livramento*. — Casado com Ana Maria Joaquina da Costa. Julgo que casou segunda vez.

K. — *José Luiz do Livramento*. — Casado com Ana Maria Francisca de Jesus. Recebeu o hábito de Christo a 5 de Fevereiro de 1824. Capitão a 6 de Dezembro de 1798. Faleceu no Rio a 8 de Abril de 1846.

—o—

FILHOS de VI — sem descendência.

—o—

FILHOS de VII (Manuel Francisco e Caetana Maria):

A. — *Emerenciana Francisca de Jesus* (1º leito). Conserciou-se com seu primo Caetano José da Costa (Vide I-C).

B. — *Manuel* (2º leito). Bat. a 27 de Fevereiro e fal. a 5 de Outubro de 1797.

C. — *Joaquim* (2º leito). Fal. a 3 de Dezembro de 1793.

D. — *Antônio Francisco da Costa* (2º leito). Nacido a 13 e bat. a 30 de Novembro de 1794. Casou a 22 de Setembro de 1821 com Francisca Pereira da Cunha, filha do Major José Pereira da Cunha e Leonarda P. da Cunha.

—o—

FILHOS de VIII (Francisca Maria e José Ceserino):

A. — *Mariana*. — Bat. a 3 de Janeiro de 1795.

B. — *Gertrudes Bernarda da Conceição*. — Bat. a 25 de Julho de 1797. Casou a 30 de Agosto de 1816 com o Alferes Luiz Antônio Ribeiro Bonjardim, nat. de Lisboa, filho de Antônio da Silva Ribeiro Bonjardim e Lucia Eufrasia Madeira.

C. — *Francisca*. — Bat. a 24 de Maio de 1799.

D. — *Genoveva Ceserina da Rosa*. — Bat. a 9 de Julho de 1801. Casou a 9 de Julho de 1830 com o Alferes Joaquim José Machado da Cunha, nat. da Bahia, filho de Lourenço Machado Barros e Rosa da Conceição.

—o—

FILHOS de IX. — Sem geração.

—o—

FILHOS de I-A (Domina). — Nada encontrei sobre sua geração. Talvez os livros das irigueiras do Ribeirão e Enseada de Brito digam sobre ela.

FILHOS de I-B:

1. — *Manuel Soares Coimbra*. — Nasceu a ? e faleceu a 12 de Fevereiro de 1801.

2. — *Manuel Soares Coimbra* (2º). — Nasceu a 28 de Novembro e bat. a 7 de Dezembro de 1795. Faleceu a 18 de Maio de 1796.

3. — *José Soares Coimbra*. — Nasceu a 10 e foi batizado a 26 de Março de 1799. O Capitão Manuel Soares Coimbra teve, que descobri, dois filhos naturais: *Maria*, que faleceu a 22 de Julho de 1795 e *Luiz* nascido a 3 e falecido a 11 de Fevereiro de 1796.

—o—

FILHOS de I-C. (Francisca Maria-F. Souza Fagundes):

1. — *Antônio de Souza Fagundes*. — Casou a 21 de Fevereiro de 1834 com Felicidade Fernandes da Costa, filha de João Francisco da Costa e Tereza Fernandes de Jesus.

2. — *Francisca*. — Bat. a 17 de Abril de 1801.

3. — *Domingos*. — Fal. a 1º de Maio de 1811.

4. — *João*. — Fal. a 11 de Maio de 1811.

5. — *Luiz de Souza Fagundes*. — Nasceu em 1816. Major. Casou com Clara Emilia da Gama Lobo d'Eça.

6. — *João de Souza Fagundes* (2º). — Brigadeiro. Casou com sua sobrinha Raquel de Souza Fagundes. Sem descendência.

7. — *Clara de Souza Fagundes*. — Casou com o seu primo o Marechal Guilherme Xavier de Souza. Sem geração.

8. — *Maria Augusta Fagundes*. — Casou com Antônio Varella.

9. — *Maria do Carmo Fagundes*. — Casou com João Francisco de Melo.

FILHOS de I-D (Caetano José-Emerenciana):

1. — *Laurentino José da Costa*. — Bat. em 1812. Casou com Prudência Emília Machado, filha de Antônio Caetano Machado (nat. de S. Paulo). Ela faleceu em Lages em 1872.

2. — *Domingos José da Costa Sobrinho*, nascido em 1816. Casou com Luiza Firmina Neves, filha do Coronel Joaquim Xavier Neves.

3. — *Felicidade Prudência da Costa*. — Casou com Roberto von Trompowsky.

4. — *Ana da Costa*. — Casou com José Inácio de?

5. — *Genoveva*. — Casou com Francisco Martins.

6. — *Páscua*. — Casou com Marciano da Silva; casou 2ª vez com Miguel Pelck.

7. — *Maria Leopoldina*. — Naceu em 1823; casou com Manuel José da Silveira, nascido em 1818 e falecido a 26 de Julho de 1908. Ela faleceu a 26 de Agosto de 1891.

8. — *Francisca Costa*. — Casou com Domingos José da Costa Barbosa.

FILHOS de I-E (Genoveva — A. J. Feijó e Silva):

1. — *Francisco de Assis Feijó e Silva*. — Naceu a 2 de Julho de 1801. Casou a 5 de Outubro de 1822 com Leocádia Bernardina da Costa, nascida em 1805, filha do Capm. Manuel da Costa Pereira e Marcelina Bernardina da Costa. Major de 2ª linha. Sua mulher faleceu a 25 de Agosto de 1891.

2. — *Domingos*. — Bat. a 24 de Agosto de 1799.

3. — *João*. — Bat. a 25 de Janeiro de 1796.

4. — *Francisca Benedita da Conceição Feijó*. — Bat. a 2 de Outubro de 1797. Casou aos 13 de Julho de 1816 com o Cadete Roque de Moraes Sarmiento, nat. de Lamego, filho de Bernardo de Moraes Sarmiento e Liberata Joaquina de Melo.

FILHOS de I-G. (José Antônio-Elena Benedita):

1. — *João da Costa Frade*. — Brigadeiro. Era proprietário da "Fazenda da Restinga da Marambaia", estado do Rio, que foi posta em praça em 25 de Junho de 1832.

2. — *Antônio Amâncio da Costa*. — Naceu em 1812. Casou a 22 de Setembro de 1835 com Carlota Leopoldina de Freitas, filha de José de Souza Freitas e Tomázia Inácia de Jesus. Ele faleceu em 1862.

3. — *Domingos José da Costa*. — Casou com Ana Joaquina do Livramento.

4. — *Tomáz José da Costa*. — Major. Casado com Francisca Benedita da Costa. Ele faleceu em 1853.

FILHOS de II-A (Tomáz Cardoso-Rufina Maria):

1. — *Miguel Cardoso da Costa*. — Casou a 29 de Novembro de 1835 com Maria Idalina, filha do Major José Pereira da Costa e Florinda Rosa de Jesus. Ele faleceu em 17 de Dezembro de 1853.

2. — *Tomáz Cardoso da Costa* (2º). — Naceu em 1813. Casou a 19 de Janeiro de 1839 com Maria Jacinta da Conceição, filha do Capm. Jacinto Martins Lourenço e Ana Joaquina. Casou segunda vez (?) com Isabel de Bittencourt Costa, falecida em Setembro de 1852.

3. — *José Cardoso da Costa*. — Não tenho dêle outras indicações.

FILHOS de II-B. (João Antônio-Maria Luiza). — Nada alcancei de sua geração.

FILHOS de II-C. (Mariana-Antônio Carlos). — Sem qualquer informação.

FILHOS de II-D. (Francisca e José Xavier). — Da mesma forma.

FILHOS de V-A (Miguel Joaquina do Livramento):

1. — *Manuel Luiz do Livramento*. — Naceu a 11 de Maio de 1818. Casou com Rita Cândida da Silva, filha de João da Luz e Maria Joaquina dos Passos.

2. — *Domingos Luiz do Livramento*. — Naceu a 11 de Janeiro de 1806. Casou com Maria Joaquina do Livramento.

FILHOS de V-B. (Rita Maria-Francisco Pedro). — Nada encontrei.

FILHOS de V-C. (Ana Francisca-Torquato):

1. — *Francisca do Carmo*. — Bat. a 28 de Julho de 1799. Casou a 10 de Agosto de 1820 com o Tenente José Ramon Maiul, nat. de Montevideo, filho de Carlos Maiul e Ema Hernandez.

2. — *Francisca do Carmo* (2º). — Falecido a 8 de Janeiro de 1810.

3. — *Francisca do Carmo* (3º). — Falecido a 18 de Abril de 1810.

4. — *Bernardino*. — Fal. a 7 de Abril de 1813.

FILHOS de V-E. — (Maria Luiza-João Antônio). — Nada alcancei desta geração.

FILHOS de V-H. — (Joaquim Luiz e Ana Maria):

1. — *Rita Luiza do Livramento*. — Casou a 5 de Novembro de 1853 com José Feliciano de Proença, filho de Hipólito José de Menezes e Ana Januária de Proença.

2. — *Floriana Joaquina do Livramento*. — Casou a 29 de Janeiro de 1831 com Domingos Dias de Souza Medeiros, filho do Capm. Manuel Antônio de Souza Medeiros e Maria Efigênia de Campos.

3. — *Luiza*. — Faleceu a 20 de Março de 1815.

4. — *Francisca do Carmo*. — Casou com o Coronel Antônio de Souza Cunha.

5. — *Francisco Emílio do Livramento*. — Nacido em 1837.

Conclui na penultima pagina

O Laboratório Radio Tecnico

executa concerto de vosso radio
com a máxima garantia e per-
feição, a preços razoaveis.

Técnicos: B. BOUSON
H. SALOLOMONI
ex-radio-tecnico da
Cruzeiro do Sul

Anexo oficina de concerto de
máquinas de escrever

Rua Vitor Meireles, 18, - Salas 2 a 6
Oficina: Tiradentes, 22 A

CLINICA MÉDICO-CIRURGICA
- do -

Dr. Saulo Ramos

Ex-assistente do
Professor Brandão Filho — Rio
Consultório:

RUA VIDAL RAMOS, 28

Consultas:

Das 9,30 - 12 e das 16,30 - 18

Telefone 1009

Seja fan do «Costume» do
culo-XX

«Aperitivo KNOT»

Senhorita!

O Eleitorado feminino elegeu
líder majoritário

«Guaraná KNOT»



Como Acabará o Mundo?

As cinco prováveis catástrofes que poderiam dar cabo da terra

Como acabará o mundo?

Eis uma pergunta que se faz constantemente, pondo em sérios apuros os sábios e os estudiosos para responde-lo com logica.

E não são somente os homens de ciência que se preocupam com o transcendental assunto.

Também o vulgo anseia por saber como terminará essa velha e convulsionada carcassa, pondo assim, termo a uma serie de complicações na vida dos homens, que, sem coragem para «acabarem» eles mesmos com a vida» esperam que um cataclismo o faça, passando em numerosa companhia, desta para melhor... ou pior.

Entretanto, quem quizer ter na impressão um forte impacto que poderá suceder ao nosso modesto planeta, pode, sem maiores despesas, dar um pulo ali ao Planetarium Hayden, no Central Park em Nova York,

onde por modesta quantia de 75 centavos, assistirá de cadeira, como a «Terra morre», isto é, a um film que ali se exhibe.

A pelicula de um realismo horripilante devido aos efeitos fantasticos de luz, e a Cenografia magistral, mostra os cinco modos pelo qual o nosso mundo poderá desaparecer, isto é, pela transformação do Sol numa nova estrela, pelas reacções em cadeia, pela desintegração da energia atomica, a qual incendiaria a Terra; a perda de energia do Sol, (Cerca de 20.000.000 de graus centigrados de calor em seu nucleo) que se irá resfriando e fazendo chover sobre a terra morta e congelada, bilhões de toneladas de neve.

O Sol, um astro errante com o Sol; o embate com um cometa e, finalmente pela queda da Lua sobre a orbita terrestre, devido a atração da Terra e consequente explosão

do Satellite que a bombardearia com varios trilhões de meteoros a velocidades superiores a 70 quilometros por segundo.

E se o visitante quizer guardar uma lembrança mais suave desse contato visual e espiritual com os astros, poderia deixar a sala de exhibições e visitar o 1º andar, onde poderá então, ver todo o sistema planetario de Copernico, inclusive o Sol, a Lua os planetas e seus satellites com a velocidade que lhes é propria, relativamente é claro. No seu teto de aço branco, ferido pela projecção das imagens dos corpos celestes, a ilusão da imensidade do espaço é perfeita, auxiliada pelos raios cosmicos projetados que fazem brilhar as estrelas.

Depois disso, certamente o visitante não mais precisará perguntar como o Mundo acabará.

E' só esperar a hora.

COMPANHIA FLORESTAL BRASILEIRA

Indústria e Comércio de Madeiras

Matriz:

FLORESTAL, S. C. Rua 14 de Abril
(Estreito)
Caixa Postal nº 225 — Telefone nº 1520
Telegramas: FLORESTAL

Filiais:

JOINVILE, S. C., Rua Jacob Richlin (Edifício Colon)
Caixa Postal nº 155 — Telefone nº 51
Telegramas: FLORESTAL

S. PAULO, S. P., Rua B. Vista, 65, 4º, sala 4
Caixa Postal 4569 — Telefones 2-1633 — 2-5024
Telegramas: FLORESBRA

Agências:

ITAJAÍ, S. C., Rua Blumenau, nº 456
Telegramas: FLORESTAL

BOM RETIRO, S. C. — Telegramas:
FLORESTAL

SERRARIAS:

São Judas Tadeu — Espírito Santo — São José

A CLIPER

no, 4

Confecções Finas

Tecidos em geral

Grande sortimen

de

Tapetes e Congoleuns

E segurou-lhe numa das mãos, puxando-a para si.

— Me largue!

— Mas que é isso? Você ontem deixou...

— Não senhor! Não deixei! Fui dominada! Não tive forças para reagir. Fraquejei... Maldita hora!

— E hoje pôde ser também como ontem...

Num brusco movimento, Maria livrou-se da mão que prendia a sua, e com raiva afirmou:

— Nem hoje, nem nunca mais será como ontem! Se continuar teimando, eu grito...

— Por que, Maria? Eu gosto tanto de você... Eu posso proteger você. Posso alugar-lhe uma casa... Posso dar-lhe tudo. Posso...

— Pôde casar comigo?

Onestaldo pensou um pouco. Atrapalhara-se com a pergunta. Uma resposta exata, verdadeira, seria evidentemente negativa. E uma negativa poria tudo a perder...

Contudo, não foi melhor a resposta que lhe veio à cabeça:

— Casar? Nunca pensei em casamento...

— Então só quer aproveitar-se de mim! Só quer me desgraçar! E quando estiver farto de mim, rua! Dá-me um pontapé! Não é isso?

Meio atrapalhado, Onestaldo Quintela gaguejava, sem saber o que dissesse:

— Não, Maria. Eu... Você... Sim... Você está exagerando. Eu nunca me hei de faltar de você. Além disso, eu sou um homem de bem...

De pé frente a êle, erecta, firme, rosto contraído, em atitude de revolta, ela olhava-o com desdém.

Depois sorriu com desprêso, e respondeu:

— Homem de bem?! Homem de bem!?. Um homem de bem não persegue u'a moça durante anos, como você me perseguiu! Um homem de bem não se aproveita dela, sabendo que ela é direita! Um homem de bem não faz o que você fez! Um homem de bem, quando infelicitava u'a moça, repara o mal, casando com ela! Homem de bem... Um canalha, um nojento, é o que você é! Ouviu? Canalha! Nojento! Ouviu bem? Ouviu?

E desvairada, a soluçar, correu para o quarto.

Onestaldo quis detê-la, mas não pôde. Ela fechou-se por dentro, e entrou convulsivamente.

Êle chamou-a baixinho, para que Felícia não escutasse:

— Maria! Maria! Maria! Escute, Maria!... Tenha calma. Tudo se há de arranjar. Você

Escritório Imobiliário

A. L. Alves

Rua Deodoro n° 35

-: Florianópolis :-

Encarrega-se de: compra, venda, hipoteca, legalização, avaliação e administração de imóveis.

Organiza, também, papeis para compra de propriedades pelos Institutos de Previdência e Montepio Estadual.

está me ouvindo? Não quero que minha irmã ouça e desconfie. Não quero que ela saiba...

Maria das Dôres, entretanto, nada escutava.

Imersa profundamente em sua dôr, apercebia-se da realidade: Seu êrro e sua irremediável desgraça!

Por este mundo em fôra, há uma infinidade de Onestaldos de todos os tipos, sob todos os disfarces e aparências.

E' mistér que as Marias das Dôres, que também são muitas, se precavenham contra êles...

CIA. WETZEL INDUSTRIAL

Joinvile

FABRICA DE:

Vélas de Stearinha

das afamadas marcas
JOINVILENSE - ECONOMICA
LINDA - N° 1 - PAZ - CARRO

Velinhas para Natal

em 6 linhas

Dois

«ARGEM ESPECIALIDADE»

em 3 tipos - 1/1 - 1/2 - 1/3

Glicerina

«LOURA FINA» e «BRANCA»

Massa para rolos

para tipografias.

Banco de Crédito Popular e Agrícola de S. Catarina

CAPITAL REALIZADO Cr\$ 1.640.000,00

RUA TRASPÃO 10 — SEDE PRÓPRIA

Registado no Ministério da Agricultura pelo Certificado n. 1, em 20 de Setembro de 1939

Endereço telegraf.: BANCREPOLA — Códigos usados: MASCOTE 1ª e 2ª edição

FLORIANÓPOLIS

Empréstimos especiais a agricultores

EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — COBRANÇAS E

ORDENS DE PAGAMENTO

Tem correspondentes em todos os municípios do Estado. repartições Públicas, Federais, Estaduais e Municipais

Mantém carteira especial para administração de prédios

Recebe dinheiro em depósito pelas melhores taxas

C/C à disposição (retirada livre) 2%

C/C Limitada 5%

C/C Aviso Prévio 6%

C/C Prazo Fixo 7%

Acelta procuração para receber vencimentos em tôdas as

A Cigarra Está Vingada

Os técnicos do Museu de História Natural de Nova Iorque estão, atualmente, empenhados numa tarefa inglória e sumamente antipática: a de demolir a reputação de trabalhadora infatigável, econômica e providente de que goza a Formiga, que era sempre, chamada a terreno quando se fazia mister um exemplo para os demais seres viventes. Essa campanha que fará certamente estremecer de horror nos seus tumulos, a Lafontaine e a Michelet e de encher de indignação a Maeterlinck, não é certamente, financiada pela Cigarra. Mas, incontestavelmente virá causar uma sensação decepcionante e amarga a milhões de criaturas que acreditam, piamente na tradicional operosidade da formiga, segundo o modelo classico. Aqueles naturalistas, após acompanharem, atenta e cuidadosamente, a atividade de *Formica ruginosa*, através das selvas do *Formicário*, durante cinco dias, a razão de meio quilometro por dia, afirmaram que a maioria desses minúsculos seres passam o tempo sem nada fazer, isto é, em completa ociosidade, num «dolce far niente» capaz de fazer a inveja do maior madraço do genero humano.

A equipe dos naturalistas do Museu de Nova Iorque registrou os movimentos de ambos os grupos daqueles animaculos, os quais eram identificados por marcas e sinais especiais e observou que as formigas tem uma ordem social algo complicada e apresentam notáveis diferenças de métodos, hábitos e costumes, no que se relaciona com

seu comportamento individual nos formigueiros.

Assim é que chegaram a conclusão de que 50% dos habitantes da Republica não trabalham em absoluto. Outros 40 desempenham regularmente suas obrigações e os restantes 10% «trabalham ocasionalmente» ou em outras palavras, quando se lhes dá na veneta de o fazer

Quanto à mística do amor, respeito e acatamento à «rainha», os aludidos cientistas afirmam, também, que se as formigas se reúnem sob a égide real e trabalham para a «soberana» isso não passa de uma «peculiar atração química».

A causa desse fenômeno, ou que outro nome tenha, é, ainda objeto de pesquisas, tanto por parte da Entomologia como da Química. Pobres formigas. Ainda há pouco apareceu outro homem de ciência que tentou provar por A mais B que a «inteligência» das formigas era coisa muito discutível, não passando de propaganda... Agora vêm esses e tentam desce-la do pedestal da sua reputação!

MAGNESIO E NÃO ALUMINIO

Ao contrario do que afirmam os fabricantes, cerca de 80% dos utensilios domesticos denominados de aluminio, deste metal só têm o nome. O magnesio, com o ferro, é o material empregado, por ser mais barato, mais abundante e, tudo mais manejavel.

Bazar de Módas

Rua Felipe Schmidt, 34 - Fone 755
Telegr.: M A F R A
FLORIANOPOLIS

Confecções e alta costura
administrada por competente
profissional.

Apresenta sempre as ultimas novidades em cortes de sedas e lãs nacionais e estrangeiras, bolsas, luvas, etc.

Trajes sob medida

Guaspari

PEROLAS

Existem três tipos de perolas: as legítimas, as cultivadas e as que contêm, como corpo central, uma conta de vidro.

A perola verdadeira é produzida por varios tipos de moluscos, principalmente a ostra. Desenvolve-se quando uma partícula de materias estranha ao molusco penetra-lhe as valvas. Disso resulta uma secreção que vai envolvendo o corpo estranho em capas alternadas de carbonato de calcio, e um material claro e corneo.

A perola cultivada é idêntica à genuína, e resulta da introdução nas valvas do molusco, pela mão dos homens, da partícula causante da irritação.

Para o terceiro tipo, existe uma essencia de perola, "substancia retirada das escamas do peixe, composto organico" que contém nitrogeno e diminutos cristais do produto quimico genuino.

**Se ricos quereis ficar
De modo facil e legal,
Fazei hoje uma inscriçao,
no CRÉDITO MUTUO PREDIAL**

FARMACIA MODERNA

De EDUARDO SANTOS

A Farmácia que mais lhe convem pelos seus módicos preços, escrupulo e enorme variedade em seu estoque de tudo quanto diz respeito a esse ramo de negocio.

Aviamento de receitas feita com todo escrupulo e sempre por preços sem concorrência.

Perfumarias dos melhores fabricantes.

Agora à Rua João Pinto n. 4

Telefone, 1375



O Horror em Valinhos

Osvaldo Melo

Cansado, mas alegre, trazendo na fisionomia a certeza de uma vitória, o pequeno agricultor entrou na sua casinha, saudado pela esposa, que atarefada, tratava dos últimos arranjos domésticos. Ao redor os filhos, aguardando ansiosos a hora de saciar o apetite. Tudo pronto, afinal. Fumegava o feijão preto enquanto a chaleira de ferro transbordando a água fervente, estava preparada para a herva já socada nas cuias com a bomba ao lado. Estava reunida a pequena família de trabalhadores rurais.

— Pois é minha velha. A colheita êste ano está mesmo boa. Você já pode fazer a sua listinha, para as compras de casa e, olhe lá, não se arrependa de botar no papel o que quizer, porque que está ainda na terra: dinheiro. Não esqueça anela para esses piás, que stão meio pelados e batendoeixo de frio.

— De ouça, João. Tá mesmo tudo bonito e a coiêta tão boa é um agrado prus óios da g. Vamos comê rapazes, que estambo tá grudado no corp

Valinhos, a pequena localidade de Canoinhas, àquela hora recolhia-se ao silêncio habitual. O tempo começava a transtornar-se, fechando-se. Pelo céu, onde raras estrelas ainda brilhavam baçamente, nuvens grossas, ameaçadoras, já se acumulavam.

— Tá escurecendo, João. E' mió recoiê as coisa aí pru perto.

— Deixa-te está creatura. Não te consumas. Come. Isso é trovoada que passa.

— Agora, não tem geito. A luz da candeia está tão sumida...

— Pois bota mais corozene e come descansada.

Um clarão ilumina tôda a casinha e logo, um ribombo forte de trovoada baixa, faz estremecer a humilde morada, rangendo nos velhos gonzos, as janelas de páu.

— Santa Bárbara, São Jerônimo... credo, que estouro feio.

— Isso passa e amanhã cedo temos que ir prá roça. O rapaz que se acorde com o canto do galo, que muito temos que fazê.

— Pae, a maiáda está no rancho?

— No rancho, piá?

— Ora, purque não? Aquilo

já foi muito pió e hoje é mesmo um rancho.

Um novo relampago como si o céu se houvera rasgado e um estrondo de fim de mundo. Tudo tremeu. O cãosinho dispara da cozinha e se enrosca ganindo debaixo da velha mesa. Depois, um barulho surdo, como um urro longinquo que viesse da mata próxima, fazendo estalar os galhos das árvores do quintal. O céu abriu-se em novos clarões. Faíscas elétricas se sucediam, umas após outras, multiplicando-se, quasi sem intermitências, de maneira apavorante, acompanhadas de um canhoneio infernal, como si centenas de aviões estivessem impiedosamente despejando toneladas de bombas sobre Valinhos, na repetição das cenas dantescas da última guerra. Desencadeavam-se as fúrias apocalípticas, desenfreadamente.

— João, João, é o fim do mundo.

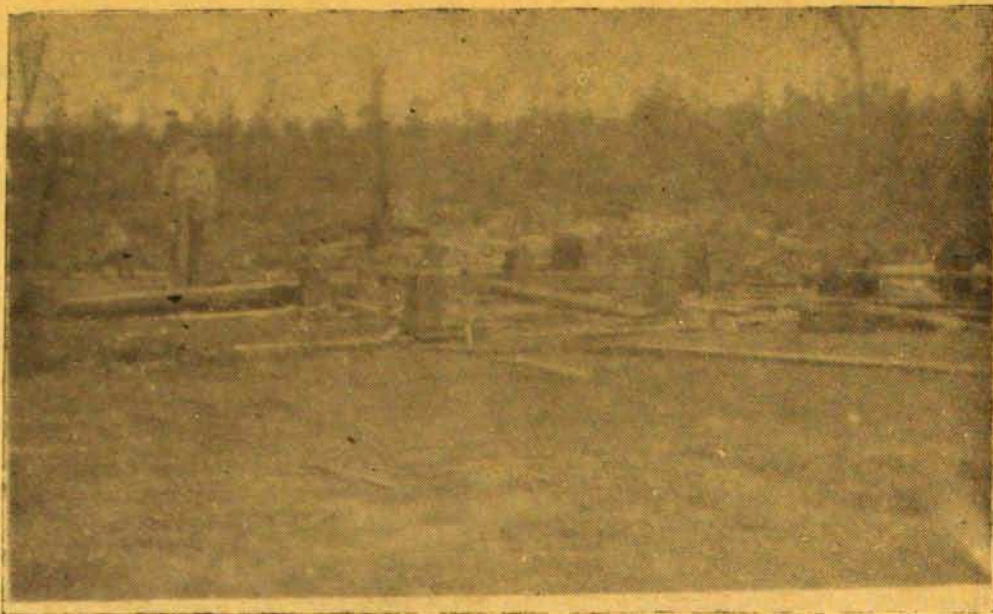
— Tudo pro quarto. Vamos rezar. Isso passa, passa...

As creanças não falavam mas, tremiam dos pés à cabeça, espantadas, assustadiças, completamente bestificadas. E o tem-

poral continuava aumentando, crescendo espantosamente.

A chuva caía em catadupas, farta, grossa, doida e em todas as direções. O vento, o tufão, o ciclone... Todas as grossas camadas de ar se haviam concentrado naquele céu da pacata vila. Era a fúria do desconhecido abalando céus e terras. Valinhos estava ferida de morte trágica. Voavam em rodopio pelos ares, de maneira e em contorsões terríveis, as velhas árvores e os arbustos floridos, entre eles, o manacá e o ipê da serra. Até os pinheiros pareciam gravetos, arrancados da terra e jogados longe com arremesso de fúria indômita. As casas, apanhadas e mais expostas ao vendaval, eram derrubadas e arremessadas em todas as direções, numa dança fantástica e em turvelinho sinistro.

Era uma batalha de todos os demonios, de todos os gênios maus, num assalto cruel e em fúria sem igual, numa agressão inopinada, irresistível, que se agigantava de minuto em minutos. Tudo rodopiava numa radança macábra. Pedacinhos de madeira, cruzavam-se zunindo no espaço negro. Corpos humanos e de animais eram jogados à distância incrível, enquanto alguns projetados como simples folhas iam-se fregar nas pontas dos arames farpados de restos de cercas. Homens, mulheres, crianças aos gritos, inteiramen-



Aqui existiam diversas casas, que foram totalmente destruídas

te nus, corriam sem direção levados pela ventania. Gritos estertorizantes de socorro, desferidos a esmo na defesa instintiva e na inconsciência do inesperado se faziam ouvir em mistura com os barulhos sinistros de todas as coisas. Enfim, o arrasamento, a desolação, o quase impossível, a morte.

A escola, a igrejinha local, as árvores, as casas, tudo, um montão de ruínas. Os que haviam escapado à morte trágica, gemiam dolorosamente, perguntan-

do-se a si mesmos, o porque daquela fúria selvagem.

A noite toda fôra assim. Uma noite triste, como nenhuma outra. Depois, tudo foi-se acalmando, serenando, pacificando-se. Vinha a madrugada. Uma madrugada sem o canto do galo, nem o mugido do gado, sem nada a não ser o gemido abafado dos flagelados e o medo, o terror, o silêncio, passeando vagarosamente por sobre escombros e corpos deformados.



Tudo o que restou de Valinhos...

Onde estava aquela família que se reunira para o jantar que não terminaram?

Onde o «seu» João, a mulher que já havia pensado no que comprar, os filhos, o cãozinho, a vaquinha malhada, o rancho, a plantação viçosa, a casa onde moravam?

Ninguém. Nada, ali.

Todos mortos. Tudo destruído.

Valinhos era uma desolação. Desolação imensa, sobre um manto escuro e tão grande, cobrindo toda a localidade infeliz.

Ali, em Canoinha, aqui em nosso Estado.

Neste pedaço de nosso Brasil.

Troncos Açorêanos

A FAMÍLIA COSTA

Por ANTÔNIO TAULOIS DE MESQUITA

Ao erudito professor ANTÔNIO MANCIO DA COSTA

Quando se verifica as gerações dos primeiros iniciadores das antigas famílias radicadas neste Estado chega-se à concensão que ao título COSTA cabe a primazia de ter deixado a mais numerosa descendência, toda oriunda de dois açorêanos do Raial, aqui chegados, ha duzentos anos, com os primeiros colonizadores.

Sua enorme e ainda incompleta genealogia, por mim pacientemente organizada pelo método descendente, que, como se sabe, começa pelo antepassado mais remoto e menciona toda a sua geração até nossos dias, já se eleva a mais de tres mil nomes de descendentes em linha reta masculina e feminina — número não ultrapassado por qualquer outro dos antigos troncos açorêanos. Tantos são os valores culturais existentes nesta enorme família que se não pode deixar de colocá-la no primeiro plano das que mais se evidenciam. Temos, assim, uma excelente oportunidade para o estudo de valores pela hereditariedade de acordo com as "leis biológicas fundadas sobre a comunidade do sangue". Devo ainda assinalar, para comprovar tal fato, que as novas gerações continuam sempre a apresentar novas personalidades em evidencia — não importa qual seja o Estado, ou cidade, onde seus descendentes se tenham radicado — demonstração clara que ao sangue inicial do velho e rijo tronco português deve-se em grande parte o merito de tais gerações.

De quem teria herdado a descendência COSTA aqui dessa grande árvore genealogica? Foi ele o Sargento-Mór Tomaz Francisco da Costa, filho de Miguel Vieira de Melo e de sua mulher d. Helena de Jesus.

Seus antepassados de outros troncos descendiam, pois, Domingo Vieira e sua mulher D^a Isabel de Melo, foram seus avós pelo lado paterno e pelo lado materno foram Domingo Guerreiro de Aguiar e sua mulher D^a Maria da Conceição. Sómente desta não consegui identificar sua ascendência pelo cognome de família. A identificação desses antepassados do Sargento Mór Tomaz Francisco da Costa poudé ser feita pelo manuscrito original em que ele solicitára ingresso na Veneravel Ordem Terceira de São Francisco da Penitencia desta Ilha de Santa Catarina em 31 de dezembro de 1752, cujo documento foi encontrado pelo nosso ilustre historiador Dr. Oswaldo Rodrigues Cabral, e se acha arquivado na Secretaria da mencionada ordem. E como diz o ilustre genealogista açorêanista Snr. Ferreira de Serpa que "era costume os filhos segundos usarem os apelidos maternos", é o caso de perguntar: — seria D^a Helena de Jesus, mãe do Sargento-Mór Tomaz Francisco da Costa, descendente dos COSTAS, senhores de grande prosapia, nascido em terras da Torre de Moncorvo, Arcebispaço de Braga, uns dos primeiros povoadores das Ilhas do Faial e de São Miguel? Parece-me que não erro opinando pela afirmativa.

O Visconde Sanches de Baena no seu esplendido "Arquivo Heraldico, Genealogico" quando se refere à família COSTA diz ser ela "muito antiga e nobre. Tem o seu solar na quinta da costa na Comarca de Guimarães, com torre e casa forte, de que foi senhor Gonçalo da Costa, no tempo de el-rei D. Affonso I, e o possuiram seus descendentes até o anno de 1400 em que o perderam por crimes. É família muito extensa, que se divide em muitos ramos com casas muito illustres".

E o erudito Gaspar Frutuoso assim, descreve, em Saudades da Terra, o Brazão da família COSTA.

"Um escudo com um campo de vermelho, com seis COSTAS de prata em facha, em duas palas e alguns tem diferença por uma flôr de liz de ouro, elmo de prata aberto, guarnecido de ouro, paquife de prata e vermelho, e por timbre duas COSTAS em aspas".

No conjunto que abaixo menciono acredito tenha preponderado mais o sangue masculino do antigo casal faialense, pois, pelo lado feminino — família Dutra de Faria — não são tantos os valores que se possam cotejar com os da família COSTA. Um apanhado rápido permite-me focalisar alguns de seus descendentes, catalogando-os quer pela profissão a que se especialisaram, quer pelos trabalhos seus dados à publicidade.

MILITARES

NO Exército: — Marechal Brás de Almeida — que mereceu especial destaque o vulto deste gigante cerebral, que foi um legítimo padrão dos mais altos valores culturais de nossa Pátria"; Brigadeiro João de Souza Fagundes; Generais João Nepomuceno da Costa, Pedro Maria Trompowsky Taulois, Tito de Oliveira Ramos; Coroneis Antenor TAU-LOIS de Mesquita, Engenheiro Trompowsky Taulois, Horácio de Bittencourt Cotrim, Victor Francisco Lapagesse; Tenentes-Coroneis Carlos Trompowsky Taulois, Virgílio Caetano da Cunha; Majores Joaquim Olympio Cardoso da Costa; João Alves Corrêa Neto, Pedro Luis Taulois Neto. Capitães Adhemar de Mesquita Rocha, Adroaldo Argeu Alves, Afonso Jorge Von Trompowsky, Arthur Cavalcanti do Livramento, David Trompowsky Taulois, Eliezer Henrique da Costa, Hilnor Cangucú Taulois de Mesquita, Morivalde Calvet Fagundes, Otacílio dos Reis da Costa; 1^{os} Tenentes Antônio Taulois de Mesquita Filho e João Nepomuceno da Costa Filho; 2^o Tenente Hélio Pederneiras Taulois, Alferes João Francisco do Livramento; aspirante Antenor Cangucú Taulois de Mesquita; alunos da Escola Militar de Rezende Ary Cangucú Taulois de Mesquita e Heitor Francisco do Livramento Stein.

Na Marinha: — Almirante João Justino de Proença e Quintino Francisco da Costa; Contra-Almirante Eduardo Conclue na penultima página

MADEIRAS E FÉCULA

LUIZ OLSEN S. A.

SERRARIAS

Madeiras

em bruto e beneficiadas

PASTA MECANICA

RIO NEGRINHO

Santa Catarina — Brasil

End. telegr.: «LUIZINHO»

Códigos: «Ribeiro» e «Mascotte»

ESCRITÓRIO EM JOINVILLE

Caixa Postal, 190

A Exposição de Willy Zumblick

Constituiu um verdadeiro sucesso a *mostra* que o pintor catarinense Willy Zumblick acaba de fazer nesta Capital.

A grande afluência de amadores da arte que encheu a galeria em que o jovem pintor tubaronense expôs as suas obras, deve ter concedido momentos de satisfação ao mesmo que, antes de ir expô-las ao público do Paraná e de São Paulo, quiz dar à sua terra a primazia de contemplá-las.

Com efeito, Willy Zumblick não desmereceu do alto conceito que o nosso publico fazia das suas qualidades de artista. Bem ao contrário, entre as duas exposições que realizou nesta Capital, a primeira ha anos, na Associação Catarinense de Imprensa, e esta agora, sente-se o grande progresso que fez o artista.

Auto-ditada, pl... que não teve um mestre a gu... os passos e a encaminhar-lhe a educação, só o trabalho, o treino, a contemplação dos grandes mestres do pincel, a análise das suas concepções e realizações, poderiam ter dado ao pintor catarinense a oportunidade de aprimorar-se na sua arte.

Dai, não se prender Zumblick a escolas e a estilos e só um artista de grandes qualidades inatas pode realizar o que ele realiza.

Em sua mostra ha quadros como *«Rio Seco»*, que poderiam trazer a assinatura de um mestre da escola franceza; ha quadros como *«A espera de Diana»*, que poderiam ser assinados por um Batista da Costa; e naturezas mortas que se poderiam atribuir a uma Georgina de Albuquerque.

«Folia do Espirito Santo», *«Fazenda»*, *«Briga de Galos»*, são coisas tipicamente nossas.

MINHA VIDA

Para o acatado poeta e distinto amigo Antenor Moraes.

As mágoas e as torturas que em meu peito
Já se abrigaram desde longos anos
Criaram em mim um mundo já desfeito,
De desenganos...

E choro à noite, ao recordar, no leito,
Todos os males, todos os enganos
Que forem meu viver já contrafeito
Por tantos danos!

Assim é minha vida: dissabores,
Amargo sofrimento, acerbos dores,
Negros caminhos...

Tortuosa via-crucis, corolário
De duras penas, tal como um calvário
Feito de espinhos!...

S. VIEIRA

Alem da afluencia dos apreciadores, Zumblick contou, tambem, com bom numero de adquirentes, o que constitue um outro sucesso.

Estamos certos de que, no Paraná e em S. Paulo, o pintor tubaronense encontrará a sua espera o mesmo exito quem vem de obter nesta Capital.

A nova geração de artistas paranaenses, que conta com nomes de Agostinho Mallinverni Filho, Martinho de Haro, Marcir Fernandes, Ávila Filho, Willy Zumblick e outros, val, assim reconquistando para a sua terra os louros colhidos outrora por Vitor Meireles e Sebastião Per-

Dr.
A. DAMASCENO DA SILVA
ADVOGADO
Ações cíveis e comerciais
Esc.—Rua João Pinto, 5—Térreo
(Anexo ao jornal «O Estado»)
Florianópolis—Santa Catarina

... grandes. Tem realizado ela as esperanças de todos os catarinenses e oxalá encontre novos nomes a engrossar-lhe as fileiras.

H. J.

(«Diário da Tarde» de 8.6)

CASA
FOTO-AMADOR
G. Scholz

Rua 15 de Novembro, 596
Telefone 1010
BLUMENAU

EMPRESA COMERCIAL
R. GROSSENBACHER S. A.

BEBIDAS - ARMARINHOS - FERRAGENS

:- Comércio por Atacado :-

IMPORTAÇÃO :- EXPORTAÇÃO

Rua 15 de Novembro, 857 - C. Postal, 15

BLUMENAU

NOMES DE PESSOAS

(Continuação)

ABELARDO, m. Francês **Abailard** ou **Abélard**.

Nome por que é conhecido **Pedro de Palais** ou **Pedro Abelardo**, teólogo e filósofo francês, célebre por suas controvérsias e por seus amores com **Heloísa** (1079-1142). "Muito se tem fantasiado, — diz **Fumagalli**, — sobre a etimologia deste nome. Provavelmente é nome céltico, que significa somente "o filho de **Eilard**", pois que na língua céltica **ab** ou **ap** quer dizer "filho". Resta agora saber o que quer dizer **Eilard**!" (**Piccolo Dizionario dei nomi propri italiani di persone**, vb. **Abelardo**).

Há quem ligue o nome a **abeille** "abelha". Para uns, **Abélard** será "abelheiro", isto é, "homem que trata de abelhas" (**Dr. Rudolf Kleinpaul, Die deutschen Personennamen**, pág. 39). Para outros, entra o nome do inseto como elemento de composição. "Segundo **M. Bourdonné**, — informa o **dr. Pedro Felipe Monlau**, — é formado de **aboel**, **aboile**, em romano "a abelha", e do teutônico **ard**, **art** "terra, natureza"; isto é, "da natureza da abelha", porque os antigos fizeram da abelha o símbolo da eloquência, comparando os encantos desta com a doçura do mel". "É muito formosa, — comenta, — esta etimologia, mas **Génin** sustenta que a verdadeira é **aboie-le-lard** "que é guloso por toucinho" ("que se alampa por el lardo"), sobrenome imposto ao ilustre filósofo pelo muito que gostava dessa substância" (**Diccionario etimológico de la lengua castellana**, vb. **Abelardo**). A etimologia vem desenvolvida na **Encyclopedia Americana**, que, relativamente a **Abelardo**, diz o seguinte: "Seu verdadeiro nome era **Pierre de Palais**, o outro é uma alcunha, escrita de várias maneiras, mas originalmente **Bajolardus** "lambeedor de toucinho" ("bacon-licker"), proveniente de pilhéria escolar, que ele, em réplica, mudou para **Habelardus** "possuidor de toucinho" ("bacon-haver").

É engenhosa a anedota; resta é provar que seja verdadeira. A dificuldade principal que apresenta a etimologia do nome está em se ter o famoso filósofo como seu primeiro portador. O nome já era, porém, conhecido e usado antes dele, pois afirma, **A. Bongioanni** que "a história conhece um **Abailardo**, filho de **Drogon d'Altavilla**, rebelde ao pai e fugitivo em Constantinopla, onde morreu pouco depois de 1080". Parece-lhe que o nome é uma forma francesa de **Eberhard** e a ele liga os cognomes italianos **Bellar-di**, **Vallardi**, **Velardi**, **Bajardi**, **Bajardini** e **Boiardo** (**Nomi e cognomi**, vb. **Abelardo**, **Abailardo**). Dada essa anterioridade do nome, é de se admitir que ele não se originou de fato da vida do filósofo. Por motivo de ordem fonética, parece, porém, mais aceitável para étimo não **Eberhard**, mas outro nome germânico, a saber: **Albhart**, formado de **alb**, **alp** ou **alf** "elfo", e de **hart** "forte", em que o **l** tenha trocado de lugar com a consoante vizinha. Não é gratuita a hipótese dessa transposição, pois ela não só é comum no elemento **adal**, que frequentemente passa a **ald**, como ainda se verifica com o próprio elemento **alb**, como se vê em **Alebertus**, nome que há de ter saído de

(De um livro em preparo)

HENRIQUE FONTES

Albbert e que é o de um santo que o **Allgemeines Martyrologium** menciona a 15 de janeiro. Há, por outro lado, um nome composto de **alb**, **alf** ou **alp** e de **hart**, que aparece com as formas **Albhart**, **Alfart**, **Alphart** (**Tetzner, Namenbuch**), **Alfhard** (**Max Gottschald, Deutsche Namenkunde**) e **Alpart** (**Bogislav von Selchow, Das Namenbuch**); e no calendário figura um santo de nome **Alfardo**, mártir na Noruega, no século XI (**Allg. Mart.**).

Se **Abelardo** proceder de **Albhard**, tem o significado de "forte como um elfo" ou "forte entre os elfos".

Quanto ao nome **Eilard**, a que se refere a explicação de **Fumagalli**, nenhuma dificuldade oferece, porque tem composição e significação conhecidas: é composto de **agil**, que é uma das formas que toma o elemento **ekka** "espada", e de **hart** "forte, duro"; quer, pois, dizer "forte pela espada".

ABENEZRA ou **IBNE EZRA**, m. Árabe. "Filho de **Ezra**". "Ezra" é nome hebraico, transcrito em latim por **Esdras**. **V. Esdras**. Os judeus e os árabes não usavam nomes de família; como um dos meios de distinguir os indivíduos, tinham o de lhes dar um sobrenome em que era mencionado o nome do pai, precedido de **ben** e também **bar**, entre os judeus, e de **ibn**, entre os árabes, palavras que significam "filho de". De **Ibn Ezra** se fez **Abenezra**. **V. Averroes** e **Avicena**. Cp. **Abu Becre**.

Abenezra é o nome por que é conhecido **Abraão ben Meir ibne Ezra**, "Abraão, filho de Meir, filho de **Ezra**", célebre erudito do período judaico da Espanha, poeta, matemático, astrônomo e comentador da Bíblia (1167).

ABÉRCIO, m. Latim **Abercius**.

Bispo e mártir em Hierápolis, na Frígia, comemorado a 22 de outubro (**Mart. Rom.**).

ABGAR, m. Latim **Abgar**, **Abgarus**. Segundo **Ragy Basile**, provém do árabe **al-bāghī** e significa "homem poderoso, que não respeita preceitos" (**Dic. etim.**, vb. **Abágaro**). É denominação dos reis de Edessa, usada como César em Roma, **Faraó** e **Ptolomeu** no Egito e **Antíoco** na Síria.

Conforme respeitável tradição, **Abgar V**, rei de Osroena (capital Edessa), teria sido batizado por **S. Tadeu**, no século I. Refere essa tradição que o rei, atacado de doença incurável, enviou a **Jesus Cristo** mensageiros com uma carta em que lhe oferecia hospitalidade para o proteger da malevolência dos judeus, pedindo-lhe também que lhe restituisse a saúde. **Jesus Cristo** ter-lhe-la respondido por carta, dizendo que não podia aceitar o oferecimento; prometeu, porém, enviar-lhe um discípulo, para o curar. Pouco mais tarde, teria o arcebispo **S. Tomé** cumprido a promessa do Senhor, mandando **S. Tadeu**, que teria sido o primeiro a converter a alma do rei. Estas duas cartas parecem apócrifas (**L. Marion, Histoire de l'Eglise**, 5ª. ed., vol. I, págs. 62 e 63). Este rei figura como bem-aventurado no calendário a 28 de outubro (**Allg. Mart.**).

ABI, f. Hebraico. "Jeová é pai". É forma abreviada de **Abia**. **V. Abia**.

Nome da mãe de **Ezequias**, em **4Reis** 18, 2; em **2Par.** 29, 1, é chamada **Abia**.

ABIA, m. e f. Hebraico. "Jeová é pai". Forma abreviada: **Abi**. 'Ab significa "pai". Em vários nomes, 'ab não

PETROLINA
MINANCORA

CONTRA CASPA,
QUEDA DOS CA-
BELOS E DEMAIS
AFECÇÕES DO
COURO CABELUDO.

indica o pai natural, mas o pai divino, isto é, Deus. "Um costume muito antigo é o de chamar a Deus de *ab* = pai, *ah* = irmão, parente, *am* = irmão, membro da mesma tribu. Poder-se-ia provar com muitos exemplos que estes substantivos são de fato teofóricos, isto é, que não designam pai ou irmão humano, mas a Deus. Bastam dois exemplos: *Io-êl* = *Iahvé* é Deus, *Abi-êl* = Pai é Deus, *Ammi-êl* = Irmão é Deus; *Io-nadab* = *Iahvé* foi liberal, *Abi-nadab* = Pai foi liberal, *Ahi-nadab* = Irmão foi liberal, *Ammi-nadab* = Irmão foi liberal" (P. Ernesto Vogt, S. J., *Interpretação dos nomes próprios hebraicos*, no Anuário de 1946 do Seminário Central da Imaculada Conceição, São Leopoldo).

Na Bíblia, há duas mulheres e sete homens de nome *Abia*.

ABIAIL, ABIAIEL, m. e f. Hebraico. "Pai é força", "Pai é poderoso". Latim *Abihail*, *Abihahiel*.
Nomes bíblicos.

ABIALBON, m. Hebraico. "Pai é forte".
Um dos valentes do exército de David, também chamado *Abiel*, nome de igual significação.

ABIAM, ABIÃO, m. Hebraico. "Pai do mar", isto é, "homem das bordas do mar".
Nome de um rei de Judá (Bíblia).

ABIASAF, m. Hebraico. "Pai reuniu", ou "Pai acrescentou". V. *Eliasaf*. "Cada novo filho é saudado com alegria e amor: *El-iasáf*, *Ab-iasáf* = Deus acrescentou (outro filho), e desperta o desejo de novo aumento na família" (P. Ernesto Vogt, ob. cit.).

Rei de Judá (Bíblia).

ABIATAR, m. Hebraico. "Pai deu abundantemente".
Nome bíblico.

ABIBAAL, m. Fenício. "Meu pai é Baal".
Rei de Tiro.

ABIBAS, ABIBO, ABIBON, m. Estes nomes talvez se relacionem com o hebraico *'abib* "espiga, espiga madura, espiga com sua haste, frutos maduros e novos", e, por metonímia, "o tempo em que os frutos amadurecem"; é também o nome de um mês, o primeiro do calendário hebraico, chamado mais tarde *nisan*, que corresponde ao nosso mês de março e, conforme as luas (porque os meses judaicos eram contados pelas luas), abrange também os princípios de abril. Em grego, há nomes de significação semelhante: *Stáchys* "espiga", e *Eústachys* "de belas espigas, carregado de espigas". Deste último procede *Eustáquio*.

O *Martirologio Romano* traz Santo *Abibo* (latim *Abibus*) a 15 de novembro e Santo *Abibon* (latim *Abibo*, onis) a 3 de agosto; o *Allgemeines Martyrologium* traz outros santos de nome *Abibo* a 13 de março, 6 de setembro e 22 de outubro, e um de nome *Abibas* a 29 de janeiro.

ABIDA, m. Hebraico. "Pai sabe", "Pai é sábio", ou "Pai da ciência", isto é, "sábio".
Nome bíblico.

ABIDAN, m. Hebraico. "Pai é juiz", ou "Pai julgou". O verbo *dan* quer dizer "julgar, salvaguardar o direito de alguém", e, por isso, algumas vezes, "ajudar": *Abi-dan* é "Pai julgou, ajudou"; *Dani-êl* é "Deus julgou, ajudou" (P. Ernesto Vogt, ob. cit.).

Nome bíblico.

ABIEL, m. Hebraico. "Pai é forte", ou "Pai é Deus". V. *Eliab*.

Nome do avô de Saul e de um dos valentes do exército de David, também chamado *Abialbon* (Bíblia).

ABIEZER, m. Hebraico. "Pai é socorro". V. *Eliezer* e *Joezer*.

ABIGAIL, f. Hebraico. "Pai é alegre", ou "Pai é alegria".

Nome da mulher de Nabal. "Era esta uma mulher prudentíssima e formosíssima" (1 Reis 25, 3). Casou-se depois com o rei David. Nome de uma irmã de David (Bíblia).

ABÍLIO, m. Para J. J. Nunes é "nome gentílico (ou de família) romano, cujo sentido se ignora" (Os nomes de baptismo, na Rev. Lusitana, vol. XXXI). Leite de Vasconcellos dá-o também como nome gentílico romano (*Antroponímia portuguesa*, pág. 71). G. Belize interpreta-o como "qui n'a point de fiel", "que não tem fel" (*Dictionnaire des noms de baptême*); deve, porém, ser rejeitada a interpretação, por ser difícil de explicar a formação do híbrido, pois a é grego e *bilis* é palavra latina.

Note-se, entretanto, que há um nome de pessoa grego que tem a significação de "sem fel": é *Acólio* (*Achólíos*), formado de *a* e *cholê* "bilis, fel".

Nome de um bispo de Alexandria, comemorado a 22 de abril. Dê-le diz o *Martirologio Romano* que foi o segundo da mesma cidade, depois do bem-aventurado S. Marcos, e que governou o bispado com grande santidade.

ABIMAEL, m. Hebraico. "Meu Pai é força", segundo Vigouroux, *Dict. de la Bible*; Gesenius, *Lexicon manuale Hebraicum et Chaldaicum*, não lhe dá a significação.

Nome bíblico.

ABIMELEQUE, m. Hebraico. "Pai é rei". Em assírio há um nome que lhe corresponde: *Abi-milki*. V. *Eliméleque* e *Aquiméleque*.

ABINADAB, m. Hebraico. "Pai foi liberal". V. *Aquina-dab*, *Aminadab* e *Jonadab*.

Nome bíblico.

ABINOEM, ABINOAM, ABINOÃO, m. Hebraico. "Pai é agradável", "Pai é delícia, encanto". V. *Aquinoam* e *Noemi*.

Nome bíblico.

ABIRAM, ABIRÃO, ABIRON, m. Hebraico. "Pai é elevado", "Pai é excelso". É variante de *Abrão*. V. *Abraão*.

Abiron — levita engulido pela terra juntamente com *Datan* e *Corê*, por se terem rebelado contra Moisés e Aarão. *Abirão* — filho primogênito de *Hiel*, que reconstruiu Jericó; morreu, quando seu pai lançou os fundamentos da cidade (Bíblia).

(Continúa)

MAQUINAS DE COSTURA

(de pé e de mão)

de diversas marcas, fabricação italiana e sueca, novas e garantidas

Peçam informações detalhadas, inclusive quanto a facilidade de pagamentos, a

COSTA & SCHADEN

Rua Alvaro de Carvalho, 21 — C. Postal 338
Florianópolis

Registo literário

J. C.

Alice Afra de Carvalho, O
DIVÓRCIO, Rio de Janeiro, 1947.
Edição da autora.

Há mais de três quartos de século que o divórcio, no Brasil, de quando em vez, volve ao cartaz; e depois de causar grande alarido, sai dele, sem, contudo, abalar fundamentalmente o lastro mental do povo brasileiro, à base exclusiva de preconceito religioso e tradição.

Mormente nos períodos de reviravoltas políticas, quando as câmaras legislativas voltam a reunir-se, e tomam a si o encargo de elaborar novas leis orgânicas, — é fatal: aproveita-se a oportunidade e torna-se a falar na separação legal e definitiva de cônjuges malavindos. Tenta-se invariavelmente introduzir no texto constitucional um artigo de lei que permita a adoção da medida salvadora da paz conjugal, no dizer de seus partidários mais ferrenhos. Foi assim em 1893, em 1934, em 1937 e em 1947. Será assim sempre, até que a mentalidade do povo mude. E, também invariavelmente, as maiorias parlamentares se rebelam. Valem-se da "lógica do poder" e não do "poder da lógica". Vetam o alvitre; — e o divórcio continua a ser uma questão vencida...

Entre os literatos, tal como entre os legisladores, não há unidade de vistas. Uns são a favor e outros contra. Aqueles, fundamentados na gênese contratual do casamento, defendida por Rousseau; estes na tese eclesiástica da origem divina e, portanto, da indissolubilidade do matrimônio.

A voz dos primeiros, dos que clamam pela ruptura desses élos débeis, que não raro se forjam ao calor de sentimentos inferiores, — da *cobice e da lascívia*... Alice Afra de Carvalho vem juntar a sua: uma voz bem modulada, clara e nítida que, não obstante a intensidade com que sóe ferir os ares, talvez não chegue a impressionar o nervo auditivo dos que nada querem ouvir, a não ser a voz rouca e grave da tradição...

Do ponto-de-vista literário "O DIVÓRCIO" é um opúsculo bem escrito, que se lê sem enfado, e, até, com prazer; e se bem que a autora não aduza novos argumentos acerca da necessidade do divórcio, apresenta bem, com sobriedade e elegância, os argumentos já consagrados.

É tal, em síntese, o mérito principal da obra.

Egon Schaden, FRAGMENTOS
DA MITOLOGIA KAYUÁ. Separata
da "Revista do Museu Paulista".
São Paulo, 1947.

O estudo da mitologia e da simbologia dos índios americanos que, na parte a que se refere aos quichuas, dos mais antigos deste continente, teve em Mário Roso de Luna um cultor apaixonado, prende a atenção de Egon Schaden, jovem catarinense, professor de sociologia em São Paulo. E de tempos em tempos, quando *leem* os ócios, ele incluí, em periódicos especializados, mas quase sempre na Revista do Museu Paulista, substanciais relatos, a maioria dos quais resultante de pesquisas próprias sobre tudo o que respeita à vida índia.

O livro que temos em mãos, separata da citada revista, intitula-se "Fragmentos da mitologia Kayuá". Originou-se de uma jornada de estudos que o autor fez ao posto indígena de Icatú, em comêços do ano passado.

Observador honesto, metódico, minucioso, atento e perspicaz, e anotador paciente, Egon Schaden conversou longo tempo com remanescentes dos Kayuás. Investigou sem descanso. Fez largas e cuidadosas indagações. Ouviu-lhes explanações truncadas e prolixas com respeito à cos-

mogênese e à antropogênese universais, de acôrdo com as crenças aborígenes. Pesquisou-lhes as lendas e os mitos. Não lhes perdeu uma só palavra. Tomou nota de tudo. E ordenando tais notas, e acrescentando-lhes observações explicativas, deu-nos um magnífico trabalho, um resumo de verdadeiro cientista, — digno de leitura cuidadosa e atenta por parte do leitor normal, e de comparação, e meditação profundas, pelos estudiosos do assunto. Estes, ou os que tenham perlustrado obras de Wilhelm Humboldt, White, Blavatsky, Jacoillot, Balis, Bucheli, Domingos Jaguaribe, M. Roso de Luna, Fabre d'Olivet e outros, não de chegar, como nós, ao término da leitura do trabalho de Egon Schaden, à seguinte conclusão: há perfeita unidade entre a mitologia e a simbologia dos povos americanos, e a dos europeus e orientais, — o que mostra haver uma origem comum e remota para todos esses povos: o ancestral atlante.

Concitamos Egon Schaden a que continue a brindar-nos com novos e ótimos estudos, nos moldes de "Fragmentos da mitologia Kayuá".

São labores que o tempo custará a destruir...

Arnaldo S. Tiago, IBIPORANGA,
poenetas. Florianópolis, 1947.
Editora Atualidades.

Arnaldo S. Tiago é, a par de Huberto Rhoden e de Oswaldo Cabral, dos mais fecundos intelectuais catarinenses. Orador, poeta, filósofo, e ensaísta erudito, já nos tem dado, em letra de fôrma, uns quantos volumes de mérito incontestável; e graças a eles, e *tem* ao êxito das conferências que realiza, amiúde, no *capital* da República, seu nome, que de há muito *foi* ao âmbito estadual, ultrapassou, de igual modo, as fronteiras do país.

Dá-nos ele, agora, um livro de versos — "Ibiporanga", que enfeixa poemetas escritos em várias épocas, glorificando a terra natal, — São Francisco do Sul.

Neste registo singelo, não nos cabe estudar o autor, um querido amigo, e muito menos julgar do livro, um bom livro, — mas simplesmente anotar-lhe o aparecimento.

Há, contudo, neste punhado de páginas e neste milhar de estrofes, tanta beleza, tanta suavidade verbal e de ritmo, tanta unção poética, — reflexos evidentes da grande alma do autor, e, por outro lado, tanto colorido e tanta grandiosidade descritiva e emocional, que não exitamos em dar ao leitor amostras colhidas ao acaso.

Aqui vai um trecho, aquele com que se inicia Alvorada:

"Moldura natural da Babitonga,
a verde serrania se prolonga
desde o Estaleiro às praias do Itapema.
Ao norte se ergue, qual balsa extrema,
de o acidentado solo detém
em ângulo obtuso, uma colina,
cuja coloração viva contrasta
com o azul de uma outra que se afasta
mais para o centro, além, na escalonada
sucessão de colinas, projetada
pela extensa cadeia de montanhas,
tão altas, tão cimeiras, e tamanhas,
que percorrem a litorânea costa".

São versos magistrais, onde Arnaldo S. Tiago se revela ótimo paisagista, perfeitamente comparável a Bento Teixeira Pinto, a Santa Rita Durão e a Basílio da Gama, entre os antigos, e a Vicente de Carvalho, entre os modernos, quando este descreve as escarpas graníticas e a vegetação luxuriante da Serra do Mar.

Mais adiante, pintando, ainda em Alvorada, o cenário

JAPY FERNANDES

comunica a sua distinta freguezia e amigos que mudou seu escritório
de Representações da Rua Trajano n. 33, para a mesma Rua n. 19 —
sobrado.

deslumbrante de sua terra, um dos recantos mais lindos do Brasil, o poeta exclama, entusiasmado:

"A tudo quanto pôde a fantasia
arquitetar, excede a realidade!
Ninguém descrever pôde a magestade
do cenário divino! Absorto em prece,
apenas ao espírito aparece
a sublime expressão de tal grandeza.
Contemplando a celeste natureza,
mais humilde se torna a criatura!"

Depois, em Ocaso, ao concluir o esboço do quadro que o apaixonou desde a infância, o poeta confessa-se incapaz de traduzir em verso toda a beleza que há nos fins de tarde outonais de sua querida Ibioporanga:

"Cinzento-róseo, a se perder no azul,
um minarete sobe lá do sul
para o alto do céu, lembrando ao crente
magestosa mesquita do oriente
brilhando em mil colorações difusas,
a projetar cintilações profusas
de ardentes luminárias. Quem descreve
os ocasos de abril? A quem se deve
toda essa infinda gama de beleza?"

"A mão da Natureza, perdulária,
tesouros distribui pelo Universo,
que descrever não pôde humilde verso".

Por fim, ao encerrar o livro, à lembrança do "ninuano" que, no inverno, soprava, furioso, agitando as águas da Baía de Babitonga, forçando — quem sabe? — nos dias afastados da meninice, o poeta a interromper seus passeios marítimos numa canôa fragil, que ele mesmo remava, Arnaldo S. Tiago de Oliveira, em um soneto magnífico, que Bilac ou Alberto de Oliveira não hesitariam em subscrever:

"Invadem o meu ser mil emoções suaves
quando sopra, iracundo, o riço minuano,
e a saudade desperta um recôndito arcano
se dos bosques nos chega o prelúdio das aves".

"Vem-me à recordação como singram as naves,
de volta ao mesmo porto, o límpido oceano:
reavivando um passado inteiro, ano por ano,
percorrido a sonhar, — sonhando sem entraves".

"Que saudade, meu Deus, dos tempos de meninos!
Passávamos, então, tal como os beduínos,
a vida descuidada e alegre dos sertões!"

"Fugiram, como fuge uma vela no oceano,
os bons tempos de infância, — e agora o minuano
só desperta saudade em nossos corações!"

Arnaldo S. Tiago, em Santa Catarina, é pouco conhecido como poeta.

Ele é, entretanto, do nosso tempo, e sem dúvida, o maior poeta catarinense. Quem quer que lhe examine a obra poetica anterior e, agora, leia o livrinho IBIOPORANGA, há de concordar plenamente.

Alice Afra de Carvalho, BORDEJOS. Rio de Janeiro, 1948. Edição da autora.

Em Bordesjos, pequeno volume de menos de cem páginas, reuniu Alice Afra de Carvalho sua produção poetica, que monta em perto de cinquenta poesias sobre vários temas.

É bem diferente a Alice Afra de Carvalho de O divórcio, da Alice Afra de Carvalho de Bordesjos. Aquela, apai-

xonada, vibratil, nervosa, — perquire, expõe, emociona-se e aflige-se; e quer remediar um mal que, em nosso país, é irremediável... Esta, sensível, delicada, meiga, — entenece-se ante coisas simples; e compõe cromos delicados, à maneira de B. Lopes:

"A quem, neste mundo, cura,
nunca se paga na vida,
a não ser com alma pura,
de joelhos agradecida".

"O médico busca a saúde
para o inimigo viver;
arranca à morte o ataúde,
tira ao que pena o sofrer".

Ou contando episódios de outros tempos tira, de sua trivialidade, em ritmo suave, e na doçura de uma poesia quase bucólica, motivos de grande beleza:

Manacá é um exemplo característico:

"Lá na casa onde eu morava,
desta vida descuidosa,
eu plantei um manacá,
para o ver enflorescido
e o seu perfume aspirar.
E o manacá foi crescendo,
foi crescendo mais e mais,
com a promessa risonha
das flôres que me daria".

"Um dia, em meio à tormenta
da vida, que tudo muda,
mudei-me também da casa
onde estava o manacá..."

"Uma vez por lá passei.
Vi o manacá viçoso,
mas sem flôr, como a dizer-me
que ali me estava esperando
para em flôr desabrochar".

"Tempos depois eu voltando
em visita ao manacá,
não mais o vi, nem à casa...
Tudo estava transformado!
Com o tempo tudo muda!
O tempo — sim — só não muda
uma saudade latente
de uma lembrança perene
do tempo que não vem mais!"

Posto que certos problemas mereçam discutidos, não o devem ser, entretanto, senão por quem sinta que o espírito do assunto se coaduna com sua natureza pessoal.

Ora, Alice Afra de Carvalho é poetiza inata, como se verá da leitura de Bordesjos. Ela deve, portanto, já que lhe não faltam, nem estro nem talento, dedicar-se inteiramente à poesia, e deixar as questões sociais aos sociólogos. E na psicologia da criação não há poesia alguma...

Aperfeiçoar-se, pois, na arte poética, estudando, meditando, sentindo profundamente a realidade, o número de todos os fenômenos, poderá ainda vir a ser astro de primeira grandeza no parnaso nacional.

Não lhe faltam, para isto, qualidades naturais...

Recebidos:

Nuno D'Eça — Um casal ilustre. Oswaldo Cabral — Terra de liberdade. Ildefonso Juvenal — Eduardo Dias. Correspondência para "Registo Literário". Caixa Postal n. 202 — Florianópolis.

LABORATÓRIO ELECTRO TÉCNICO "ELECTRÓN"

OTOMAR GEORGES BÖHM

Profissional Formado na Europa com 20 Anos de prática

Especializado em reconstrução de

MOTORES, DINAMOS, TRANSFORMADORES, etc.

Rapidez e Garantia

Florianópolis - Estreito. Estado de Santa Catarina

Rua Osvaldo Cruz, n. 613

Meditando Apenas...

Recordando o que foi uma vez... e que então juramos jámais olvidar. — Voltar com os pensamentos que transpõem as maiores distâncias no mais curto tempo, sem barreiras alfandegarias entre países e povos, — ao passado, às horas felizes de nossa vida.

Estas horas que nos parecem tão raras, e que procuramos segurar e prolongar o mais possível com uma avidez e avariza egoísta, mas que nem porisso podemos reter eternamente.

Mesmo porque, si diariamente fossemos felizes, em breve aquilo que mais almejamos na vida — uma felicidade por tantos ignorada e nunca sentida — se nos tornaria insuportável, por mais inacreditável que nos pareça.

Sim, a própria natureza humana assim o estabeleceu: tudo que nos é dado facilmente não perdura; tudo que conseguimos sem luta nem sacrifício, apenas por pouco tempo nos consegue entusiasmar, nos arrebatam e turvar os sentidos, para em seguida se tornar o objeto de nosso ódio e desprezo.

Oh! natureza grandiosa, mãe de todas as sabedorias, tu que governas o mundo e todas as cousas, certamente tudo previste para nosso próprio bem, mesmo quando te acusamos erradamente, te criticamos (como é fácil criticar, e como difícil fazer melhor) sem base nem fundamento! Sim, apenas porque somos fracas criaturas, impacientes egoístas e não habituadas ao sofrimento.

"O sofrimento enobrece". A pessoa ou alma que muito sofreu nesta vida, através desse mesmo sofrimento se elevou acima das cousas mesquinhas, vivendo numa atmosfera superior, desprovida de egoísmo, falsidade e simulação. Numa atmosfera em que também as pequenas cousas merecem sua devida atenção, em que todos são ouvidos e julgados com imparcialidade.

Não há dúvida, é uma atmosfera em que prevalece o espírito sobre as cousas materiais, as que nunca deixam de ser apenas passageiras, e que exercem sobre nós — apenas fracos seres humanos — o efeito dum narcótico maléfico e sedutor, com o qual procuramos iludir-nos por curto lapso de tempo. Findo o breve momento, terminada a ação do entorpecente, despertamos mais decepcionados, infelizes e desamparados que antes... E por mais incrível que pareça, mesmo cientes das suas consequências doentias, sempre de novo praticamos os mesmos erros, seguidamente incorremos em novos pecados — tão de-

pressa nos esquecemos da lição anterior. E por mais dura que tenha sido, por mais atroz achamos nosso sofrimento, por maior que tenha sido nossa decepção, em breve tudo esquecemos, tornando a errar, para em seguida sofrer novamente as consequências de nossa imprudência. Assim continuaremos sempre, num eterno ciclo vicioso do qual não há saída. É como si nos encontrássemos num enorme labirinto em que todos caminhos são iguais, onde de olhos vedados tateamos ao longo de paredes húmidas e pegajosas, para após longo esforço inútil, sacrifício e desespero, voltarmos ao lugar de partida.

Sou ainda muito jovem, si bem que a vida nem sempre me foi um doce leito de rosas, muitas vezes antes um leito de rosas com milhares de espinhos dolorosos. Cedo, muito cedo me tornei discípulo da Escola da Vida, impiedosa e realista, que desconhecendo grandes e pequenos, ricos ou pobres, raças e origens, lapida a todos sem distinção. É ela a Escola da Vida, superior e insuperável pelo conjunto de todas as demais escolas do mundo acima da crítica de quem quer que seja, que forma, educa e ensina a cada um; cria e adapta uma correspondente moldura para cada indivíduo, lapida penera e embeleza o caráter de cada um dos seus alunos, qual diamante nas mãos experimentadas dum joalheiro. Planta e transplanta como flores as criaturas humanas, para finalmente ampará-las e criá-las em seu verdadeiro meio-ambiente. Impõe-lhes sofrimentos e difíceis passagens pela vida como duras provas, momentos de ansiedade e desespero para experimentar nossa fé e força de vontade. Cria, o que chamamos de insuportável, de aniquilador e mortífero, para dar-nos, a nós próprios, uma prova de nossa resistência, fé e poder. No entanto quando parece superior às forças, quando o consideramos o fim de tudo, — como por encanto vencemos, sem poder explicar, a passagem dolorida, o abismo julgado intransponível. Desaparece a dor que parecia nos consumir, dilacerar nosso peito, e seguem então dias felizes, momentos agradáveis, minutos de loucura e embriaguez, de paixão e sensualidade que nos arebata, nos transforma e por sua vez parece nos consumir, no sentido e forma opostos, porém. Saibam pois: O mecanismo de nossa alma humana é sutilmente construído e oferece inúmeras válvulas de escape piedosamente. A ninguém cabe maior pena, ou carga mais pesada à que pode suportar. A natureza providência misericordiosamente narcóticos...

Esquecemos como por milagre os dias tristes, as horas cheias de melancolia, tédio e desespero; já não lembramos aquela dor superior às nossas forças. Em nosso semblante, nenhum vestígio denuncia o que acabamos por sofrer, e sim, todo ele irradia felicidade, uma felicidade tão grande, parecendo até superior às nossas forças, e o mundo pequeno para abrangê-la. Eis porque: "A faculdade de esquecer é a maior dom que recebemos, e o simples e o vulgar, é o que nos foram designados para elemento e moradia de nossas almas".

Como somos volúveis e fracos, desamparados e imprudentes mesmo ingratos e egoístas. Mal uma nuvem imprevista turva nosso caminho de felicidade, um pequeno equívoco, engano ou desapontamento — desanimamos e deixamos pender a cabeça, calamos e quedamo-nos sentidos. Aliás, sem razão e justificação de causa, apenas porque somos mimados, mal acostumados e fracos, porque apesar de todo seu rigor, ainda é por demais complacente e tolerante a própria Escola da Vida, porquanto esquecemos mui depressa seus sábios ensinamentos, para nos entregarmos levianos aos vícios e pecados. Assim também esquecemos de novo a dolorosa penitência, durante a qual abjuramos nossas faltas, mas é apenas na dor e no perigo que fazemos tais promessas...

"Juro para sempre" — é expressão vulgar que todos conhecem. Somos por demais levianos também em nossas expressões; falamos sem pensar, magoamos e ofendemos sem refletir. E como reagimos nós, quando nos ofendem, a quem nos critica? E consideramos sempre inocentes, imerecido o castigo. Apenas não fomos compreendidos, há sempre um equívoco por partes dos nossos juizes?!

E novamente, então, um mundo de infelicidade desaba sobre nossa pobre cabeça, querendo nos sufocar e soterrar. Uma onda de injustiças nos faz exclamar: "Isto é demais — é superior às minhas forças — não aguento mais..."

Como você está errada, pobre criatura humana, errada é ao mesmo tempo injusta, parece até que já esqueceu a frase acima.

Não há motivo para desânimo, e por maior que pareça nosso infortúnio, no qual alguém nos mergulha do alto dum precipício, é preciso reagir, do contrário apenas aumentamos nossa dor, e — quem assim procede é um fraco que não

merece a compaixão dos seus semelhantes.

Meu caro leitor! Talvez meneias a cabeça e um leve sorriso irônico emoldura teus lábios, ao dizeres baixinho, ou então apenas pensa-res, que equivale ao mesmo: "O papel é paciente, é fácil escrever estas cousas. Bonitas teorias, e o autor, vive êle de acôrdo com a filosofia que acaba de expor?" É êle de fato o personagem que deixa transparecer nesse escrito? Que se esconde nas entrelinhas e aparece por detraz de cada palavra do que aqui ficou dito? Caso positivo: que criatura-modelo!"

E quando descobrires que o au-tor é igual a ti? Erra, pratica e comete os mesmos pecados e vícios, ama, sente, sonha e vive como tu? Talvez uma grande decepção se apodera de ti. Uma profunda desi-lusão terás que te roube a fé em tudo que acabas de ler? Destroi o ideal que dêle fizeste, e mudas por completo o juízo que tomaste ao ler essas páginas?

Esqueces então, meu caro leitor, que na realidade não sou o autor desta filosofia, si assim a queres denominar. Ela é tão velha quan-to o mundo e milhares de pessoas a sentiram, tu mesmo talvez. Porém, em tê-la sempre prática, praticá-la cada dia, nisto está a moral da história.

Quanto à minha própria condu-ta, saiba, que errar é humano, e que eu não passo dum ser humano como tu e nosso próximo, como tô-das as criaturas que nos cercam no afã diário da vida cotidiana, que como nós sentem, amam, sofrem, tem saudades e esperanças, desejos, pecados, vícios e virtudes. Que são capazes, como tu, de gestos baixos e nobres, de atos sublimes e in-dignos, uns com maior, outros com menor intensidade. É uma lei irrevogável para todos feitos da mesma matéria, e que vivem neste planeta a que um dos nossos antepassados denominou: Terra. — Esta mesma terra, o enorme globo terrestre que para nós é o nosso mundo, toda nossa existência cheia de alegrias e tristezas, de altos e baixos, onde se re-vejam o sublime e o sôrdido, o divino e diabólico.

Assim és tu, alma humana — na-da mais que um mero joguete a mercê dos caprichos dum destino ignorado...

Walter Wolfgang von Buettner

O AMOR SEMPRE VENCE...

Serenamente êle colocou o cigarro no cinzeiro esmaltado e voltando-se para o visitante, exclamou com molesas:

"O que o senhor quer é im-possível. Espere mais algum tempo. Quem sabe si a sorte o ajudará. Nas atuais condi-ções não lhe darei a mão de minha filha!"

"Pois bem, senhor milioná-rio: esperarei! Mas não vá es-ta espera custar a sua felici-dade!"

Manuel Durão Carvalhosa, capitalista de largos recursos, vivia em invejosa opulência. Os saráus dados no seu imen-so solar, eram gabados e co-mentados pelo grande mundo. E um dêles, o mais fulgurante, o mais concorrido, o mais lu-xuoso, merecera mesmo as honras de ser criticado nas páginas de um livro extraordi-nário, de um não menos extra-ordinário escritor!

A tanto destaque na vida so-cial daquela cidade, a tanto bafejo inconcebível da sorte, antepunha-se uma infinita tristeza nos esgarços olhos de Marina, mimoso e perfumado botão de flôr, que era toda a razão da prosperidade sempre crescente na vida de Durão. O capitalista lidava e rebatia os golpes falsos da fortuna, só-mente por um sorriso mais largo de Marina. E no entanto ela, sensível e amorosa, se dei-xara prender pelos arroubos de certo guapo "sportman", atração domingueira dos cam-pos de "foot ball", como invic-to centro-médio que era!

A recusa de Carvalhosa ao pretendente da mão de Mari-

na, viêra ainda mais encher de nuvens aquêle semblante docê e lindo de menina-moça. E os candidatos ricos foram por ela afastados sucessiva-mente, crescendo sempre e sempre a fidelidade ao seu amor a proporção que os anos rolaram vertiginosamente...

A roda da fortuna tem ca-prichos inconcebíveis. E um dia o guapo "sportman" sur-giu na arena da vida como destemeroso industrial, que em decididos lances conseguiu desde logo se impôr nas esfé-ras financeiras.

Durão Carvalhosa roído pelo tempo e pela inflexibilidade de Marina em não aceitar preten-dentes endinheirados, esbanja-va a fortuna em constantes viagens á Europa, onde, com a filha dilêta corria por Cannes, Nice, Evian ou mesmo Mona-ço, Nápoles, Estoril... E, como o dinheiro foi feito para girar, Durão viu de um momento pa-rra outro seu casarão faustoso hipotecado, as ações de suas usinas sem valor algum, con-sequente paralização dos ser-viços e uma angustia tremen-da a medrar naquêle cérebro acostumado sempre a vencer!

O antigo capitalista bem tarde lobrigou o dedo do ex-"sportman" naquilo tudo. E bem tarde compreendeu que nada no mundo é mais forte que o poder da vontade, aliado á perseverança inabalável do amor. E Carvalhosa afinal, te-ve de se curvar ante a vitória daquêle que lhe derruiu a for-tuna e roubou o amor de sua filha Marina!

1925.

Antônio Sbissa

MATRIZ

Rua 15 de Novembro, 533

Caixa Postal, 90 - Fone 1085

Blumenau — Sta. Catarina

End. telegr.: "Siewert"

GRAFICA 43 S. A.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

FILIAL

Rua João Pinto 9-A

Fone 1407-Caixa postal, 309

Florianópolis-Sta. Catarina

End. telegr.: "Siewert"

IMPRESSOS EM TIPOGRAFIA E OFFSETT — LIVRARIA — PAPELARIA — ARTIGOS DE ES-CRITÓRIO E ESCOLAR

A BOA LINGUAGEM

“Já assistiu o jogo?”

TRAJANO SOUSA

Na sociedade das idéias cumpre às palavras ocupar posição determinada, à maneira do que ocorre nas sessões magnas das agremiações humanas.

Também na jerarquia vocabular avulta soberana, a presidir-lhe as funções, uma como diretoria, casta de palavras de primeira plana, assim como as há de segunda categoria a completar, explicar ou realçar o sentido das orações.

As primeiras, que governam a proposição, dizem-se regentes, enquanto se denominam regidas as segundas, que se lhes subordinam como inferiores ou subalternas.

Figura ainda esta parte da sintaxe (a que cabe a primazia e se chama regência) como sede de certas deformações e irregularidades várias que aparentemente desalinham a estrutura da sentença, mas, em compensação, trazem mais graça e originalidade ao fraseado.

O vínculo pelo qual se opera o nexo entre os termos subordinantes e os subordinados é formado, no geral, por partículas invariáveis — as preposições. Pode, outrossim, vir indicado pela colocação e por meio de conjunção subordinativa.

Demais disso, verbos há que reclamam determinado regime prepositivo à completa e exata enunciação do sentido, tais como **obedecer**, **aspirar**, **depender** e a forma verbal acima — **assistiu** — de que nos servimos para exemplificação desta teoria da língua.

É que no moderno português, tal verbo, no significado de estar presente, comparecer a, só se constrói acompanhado da preposição a, e não despidido dela, como no caso em apreço.

Portanto, considere-se erro de regência ou solecismo de linguagem dizer-se — Não assistiu "o" João ? — O certo é — Não assistiu ao João ? — mediante a presença obrigatória da preposição a, regime necessário que é do verbo *assistir*, na função que lhe é peculiar de transitivo indireto.

Semelhantemente ao que acontece com assistir, em se lhe dar complemento errado, usa-se com obedecer, responder (dizer ou escrever em resposta), pagar e outros.

Porquanto, amínde se ouvem, até a pessoas instruidas, frases como estas: Os filhos já não querem obedecer "os" pais — Não pude responder "sua" carta — O amigo veio pagar "o" médico.

E, todavia, não são apenas os verbos a exigir regimes especiais, senão que os substantivos, os adjetivos e os mesmos advérbios podem requerer certa e determinada preposição para interpretar com a propriedade e vernaculidade precisas a idêja que visam a expressar.

Destarte, morador requer em e não "a"; sito, em e não "a"; inde-

pendentemente reclama de. Atente-se à diferença de acepção motivada pela mudança de colocação das palavras: Minha residência aqui é conhecida, e, minha residência é conhecida aqui.

Ainda cumpre mencionada uma das mais características anomalias da regência, a que se dá o nome de *anacolúta* ou frase quebrada. É realmente importa em uma quebra ou interrupção do seguimento lógico das idéias, e, com ser um dos caprichos da língua e escapar aos tipos normais da análise, não deixa de imprimir certo cunho de relevo e originalidade à frase.

Do que sirva de exemplo a sentença: Eu, parece-me que você não tem razão, construção esta tida e havida por português de lei e, além disso, considerada uma das figuras de pensamento.

Em conclusão, evitem-se os solecismos de regência abaixo, substituindo-os pelos equivalentes certos.

Passo a responder "o" seu cartão, por: passo a responder ao seu cartão. — Assisti "o" ato solene, por: assisti ao ato solene. O menino não obedece "o" pai, por o menino não obedece ao pai. — Ele aspira "ser" grande homem, por: ele aspira a ser grande homem. — O médico atende "chamados", por: o médico atende a chamados. Paguei "o" armazém por: paguei ao armazém. — Visei "tirar" um prêmio, por: visei a tirar um prêmio. — Prefiro "antes" o jôgo "do que" o cinema, ou, prefiro "mais" o jôgo "do que" o cinema, por: prefiro o jôgo ao cinema. — Não "brinca", por: não brinque; não "joga", por: não jogue; não "faz", por: não faça (imperativo negativo). — O larário estava en-

negativo. — O larapio estava en-
laido “numa” árvore, por: o la-
rapio estava encostado a uma ár-
vore. — O menino atirou pedra
“na” vidraça, por: o menino ati-
rou pedra à vidraça ou contra
vidraça. — Recebi sua participação
“cuja” me deu grande prazer, por:
recebi sua participação que (ou a
qual) me deu grande prazer. — Es-
ta fruta é para “mim” comer, por:
esta fruta é para eu comer. — Há
dias que não “the” vejo, por: há
dias que não o vejo. — Irei “con-
sigo”, por: irei com o senhor, irei
em sua companhia. — Não “se o”
explica, por: não o explicam, ou,
não tem explicação. — É tempo
“do” pessoal sair, por: é tempo
de o pessoal sair. — Vou “na” lo-
ja, por: vou à loja. — O lugar “on-
de” chegou, por: o lugar aonde
chegou. — A casa está “sita à” Rua
Quinze, por: a casa está sita ou
situada na Rua Quinze. — Antônio
natural e residente “em” S. Paulo,
por: Antônio natural de S. Paulo,
onde reside, ou, Antônio, residen-
te em S. Paulo, donde é natural.

Vítima de um colapso cardíaco, faleceu em São Paulo, a 4 deste mês, o grande escritor brasileiro Monteiro Lobato.

Personalidade vibrante, dotada de alta dose de idealismo patriótico e servida por grande saber e descomunal talento Monteiro Lobato foi o mais eclético dos nossos escritores tendo explorado todos os gêneros, salientando-se em todos êles, notadamente na literatura infantil.

Deixando grande bagagem literária e grandes serviços prestados as letras pátrias, seu nome passará à posteridade ao lado do de José de Alencar e Machado de Assis.

**SOC. DE ASSISTÊNCIA AOS
LÁZAROS E DEF. CONTRA A
LEPRA**

Assumi a presidência da Sociedade de Assistência aos Lázaros e ~~na~~ ^{luta} contra a Lepra, em nosso Estado, a D. Sarita F. ~~neiras~~ ^{pederneiras}, viúva do Dr. Humberto Pederneiras. A ilustre dama exerceu, por muito tempo, a presidência da filial da Sociedade no município de Blumenau.

PINTOR CATARINENSE EXPONDO NO RIO

A propósito da exposição de pintura realizada na Capital da República pelo nosso talentoso conterrâneo Curt. G. Hermann, diz o vespertino "A Noite" o seguinte:

“Chegado de Santa Catarina, de onde é filho, está expondo, presentemente, no Automovel Clube, o pintor Curt. G. Hermann. Artista por vocação, tem orientado sua técnica no sentido realista, buscando na natureza os belos temas que ela nos proporciona. É um auto-didata por isso, não tem a influência de nenhuma escola ou mestre e revela o êxito de seu notável esforço pessoal. Sendo de tendência acadêmica, foge à academia pelo traço pessoal que lhe caracteriza a obra. Em algumas telas, revela a ingenuidade de seu temperamento, o que, sob certos aspectos, é qualidade. Sua vocação nos autoriza a prevêr, nêsse artista, a sequência de uma obra segura, com apreciáveis atributos”.

Uma reliquia de Eduardo Dias, o saudoso artista conterrâneo



Um pitoresco e emotivo trecho da praça 15, no passado, com o seu jardim ostentando, então, como o afirmou Vieira da Rosa, várias e raras espécies florestais exóticas, malsinadamente destruídas a ordem de quem nada entendia de botânica... Vê-se o Café Natal um dos dois edifícios originalmente montados, naquela época, as esquinas do magestoso jardim cercado com grandes e graves grades... estilo da arte portuguesa antiga.

Da tela que vemos reproduzida, lembrando o pitoresco encantador, então, dum bosque heraldico pelos exemplares florestais nele carinhosamente colecionados com inteligente sabedoria, tudo falando a linguagem das recordações daquela época, nada existe mais. Apenas o quadro caracteriza o que realmente existiu! É o retrato fiel do passado.

A magnífica pintura de Eduardo Dias, o

inesquecível mestre sem mestre, reproduzida neste clichê, é uma forte e vigorosa expressão do valor artístico do laureado extinto que, viveu, uma vida boa e santa, rica de glórias, mas, arrastando uma pobreza que a todos conduia, menos a êle...

A honrada feição da obra cultural de Eduardo Dias, sempre mereceu da Imprensa fartos aplausos, consagradores do merito do artista conterrâneo.

Belo gesto teve o nosso conterrâneo senhor Hermann adquirindo o quadro em apêco, para que não o levassem para fóra da terra catarinense.

Más, não é tudo. Há necessidade, todavia, que o Instituto Histórico, ou o Govêrno do Estado adquira a propriedade do rico quadro de Eduardo Dias para a sua necessária continuidade na terra barriga-verde.

(Do BOLETIM COMERCIAL)

A Exposição de Pintura de Willy Zumblick

HERMES GUEDES

Inaugurada no último domingo, continua atraindo numerosas visitas, o que, de certo modo, evidencia o êxito de que foi coroada, a exposição de pintura do artista Willy Zumblick, no edifício, à Praça 15, onde existiu o "Pérola".

Levados, mais pela curiosidade do que propriamente pela necessidade ou simplesmente prazer de recrear o espírito, também lá entrámos e, apesar da exiguidade do tempo de que dispunhamos, fomos regiadamente compensados.

O pintor, o é por pendor. Não cursou "Belas Artes". De algumas de suas telas, porém, dificilmente olhares profanos poderão deduzir essa circunstância, tal a harmonia e a naturalidade, que nelas suprem, quicá, a falta de técnica, (se é que há nelas falta de técnica), pois que é entre os leigos nosso lugar. Mas nem por isso deixaremos de arriscar o despretenso comentário, que outra coisa não visa sinão dar as nossas desvaliosas impressões, a título de incentivo, ao esforço já vitorioso do artista coestaduano, cujo nome, merecidamente consagrado, transpôs de muito as fronteiras do nosso Estado, e que estamos certos, se delas não precisar, não as menosprezará, todavia.

Assim é, que da olhada, pra que digamos, sumária, por nós dada à exposição de Zumblick, ficou-nos a impressão de que o festejado artista é menos forte em aquarela que em óleo, e neste material o seu forte são os ambientes noturnos. Entretanto, pareceram-nos quadros de grande mérito, — uns e outros pela sobriedade das tintas, empregadas sem exagêro de tons, dando ao colorido doce suavidade de matiz, pela perfeita distribuição da luz, pela magnífica perspectiva, pela coerência ambiente, pela exatidão na projeção das sombras, — entre outros, "Folhões", "Bandeira do Divino" e "Cigana", tendo, de resto, o folclore sertanejo, no artista, fidelíssimo intérprete. E quando a paisagem folclórica é registada à noite, sôbe então de ponto a sua perícia na distribuição aparentemente fácil de luz e de sombra. "Contando Caçadas", "Pescadores e Caçadores" (êste revelando impulsos, que geralmente ocorrem juntos, no serrano e raramente no homem da beira-mar) e "Trapeiros no Pouso", são cenas vividas pelo intérprete, que de outro modo, não lhes poderia transmitir aquele cunho de impressionante realidade, a provocar, paradoxalmente, no observador a ilusão de viver o momento. Mormente quanto a êste último, ante o qual tôda e qualquer preocupação de análise de que por ventura se haja a gente premunido, desaparece num repente, cedendo lugar à estesia, que abruptamente nos impele todo o ser para a grandiosidade do conjunto, que num relance abrangemos maravilhados e só aos poucos, nos reconduzimos à realidade ambiente notando que em derredor, como nós, outros se deliciam absortos na contemplação dos quadros que, ao rés do chão ou sôbre cavaletes, se sucedem em profusão. Voltamos novamente a admirar a tela, já agora, porém, com o entendimento menos nimbado da obnubilção nêle produzida pelo ineditismo da sua flagrante realidade. Só então, temos olhos de ver, admitindo mesmo a obra de verdadeira inspiração, a felicidade do artista na disposição das figuras, no caso, os tropeiros sentados despreocupadamente, no primeiro plano, pelo chão ou em cepos improvisados em bancos, à roda do "fogo" crepitante, onde uma labareda muito viva aquece uma lata pendente. Estão todos muito atentos à música que se evolva da sanfona, esperando cada qual a sua vez de tomar chimarrão, que um dêles, no segundo plano, vai "cevando" e servindo. Atrás dêste, lá no fundo, um terceiro, deitado em plano superior, de cotovêlo assente sôbre a tábua onde repousa, tendo a dextra espalmada sob o rosto em descanso, fita a fundo o fogo, como que imerso em profunda meditação, deixando-nos a impressão de que é a música dolente da sanfona que imprime naquela alma simples de caboclo, a pungente nostalgia do "pago" distante, onde no seu devaneio, através do bruxolear da labareda, parece vislumbrar a "china" nos últimos afazeres domésticos, ou quicá metida sob a coberta de penas, gozando o merecido descanso, depois de um interminável dia de lida na Fazenda. Tudo isto muito objetivo, no galpão de paredes enfumadas, onde uma grande abertura, que dá para o campo livre, deixa ao observador o prazer de desfrutar, como remate, a cúpula de um azul meio indeciso do

CASA BORBA

Rua Padre Miguelinho
n. 25

Florianópolis



Fazendas

Bôas

Bonitas

Baratas

ali, no

BORBA

à

Rua Padre Miguelinho

25

Florianópolis

História e Esporte

Nossa joven terra pode-se orgulhar de ter nascido com boa estrela esportiva, e de ter fornecido valores impares...

Não discorrendo sobre o esporte propriamente dito — de Santos Dumont, Gusmão, Maria Lenke, Piedade Coutinho, tenente Parense etc., que são recentes — podemos falar sobre fatos de nossa historia. Desde o seu nascimento, tem incentivado «cracks» alienigenas e produzido «ases» nativos, em todos os ramos da especie humana.

Em 1500, o nauta português Cabral, aventurando-se ao acaso, com o auxilio de barcos à vela, descobriu o nosso Brasil. Quer dizer, veio velejando, modalidade esportiva... Portanto, fomos secundados esportivamente.

Viéram os primeiros colonizadores, e no novo país, em terra forte e virgem, trouxeram denodadamente a trabalhar, enfrentando a robusta natureza. Foi portanto, uma peleja que deve ser considerada esportiva, pois o trabalho é esporte, onde se aperfeiçoam os musculos... As infiltrações pelo nosso extenso litoral, abaixo e acima, foram se alastrando, organizando-se em marchas firmes, povoados e vilas, e marcha não deixa de ser esporte.

Os estranhos foram se misturando aos selvícolas, e desta «sui-generis» esportividade, foi se iniciando a nossa nacionalidade.

Olhos cobiçosos de além Atlântico, voltaram-lhe para o nosso lado de ouro, e tivemos as invasões e consequentes guerras. Então, valentes nacionais, Camarão, Vidal, Vieira — aliados a estrangeiros aqui residentes, também brasileiros por adoção — porque quem sentir o cheiro agradável e o abraço carinhoso e fraternal da terra brasileira, adere e aqui permanece, — heroicamente guerrearam e ficaram livres... Luta legitima e bela,

porque naqueles tempos não existiam guerras como as modernas onde imperam as maquinas.

Só se destacava o valor, a fibra e a resistencia dos homens.

Surgiram os lendários e sempre lembrados bandeirantes, os verdadeiros poli-atletas da nacionalidade, cavaleiros, andarihos, nadadores, alpinistas, pedestrianistas, atiradores, mergulhadores, caçadores... lutadores intemeratos que, com audacia incrível, desenharam em definitivo o geografico mapa patrio.

A nossa história, o nosso esporte veio progredindo...

Tiradentes, nome magico de homem, esportista digno, dono de um imenso amor ao Brasil e de grande coragem e espirito de sacrificio, lutou como perfeito atleta.

Em 1822, vontade ferrea e indomavel de lutador da nossa gente; o adversário não quiz aceitar o combate, no desafio, e ficamos inteiramente possuidores do que já era nosso.

José Bonifacio, outra grande e excepcional figura da nossa história, esportista guerreiro (lutou de armas na mão em outras plagas).

D. Pedro II, sabio e imperador, um devotado esportista por ser estimulador das boas qualidades.

Revolução farroupilha, exuberante demonstração da vitalidade nacional. E os lutadores guascas realçaram a fibra e o tuta-no do que é nosso.

Campanha do Paraguai, Caxias o nosso condestavel, o nosso inegalavel e invicto guerreiro. Humaitá, Curupaiti, Lomas Valentinas, Laguna, onde o valor dos nossos homens aparece, com amor à patria e alimentados unicamente por laranjas, se salvaram numa exibição de bravos de fortaleza de corpo e de alma.

Fins do século passado. Novos contingentes de laboriosos imigrantes, chegaram para cal-

dear a raça, para emprestar os seus esforços no auxilio aos nossos, em prol do futuro e do progresso da terra dadivossa, boa e hospitaleira.

Abolição; libertação dos escravos, indiscutivel esporte, porque a compreensão do dever é e deve ser o apanagio dos fortes, e os fortes são esportistas. O homem é igual e cor não influe, o caracter é que deve ser reconhecido para quem o possui. A intrepidez e perseverança unidos venceram o pareo.

Republica: — Deodoro, Constant, Rui e muitissimos outros, esportistas todos pela causa que lutaram; desejaram a modificações dos «estatutos» e «regulamentos», para a melhoria da nação esportiva, que nasceu do esporte.

Florian, o marechal de ferro, herculeo e energico como a verdade, jamais teve receio de coisa alguma, o tipo do autentico esportista.

1922 — Dezoito bravos idealistas derramaram o seu sangue nas alvas praias de Copacabana, verdadeiros heróis esportistas!

Tudo isso é esporte! — Porque o esporte é a escola de todas as boas virtudes. Lealdade, bondade, disciplina, dignidade, honestidade, abnegação, fé, coragem, patriotismo, perseverança, são qualidades que o espirito sadio transporta consigo. E o espirito sadio com o corpo são formam o perfeito homem: «Mens sana in corpore sano».

Os historiadores, sociologos, politicos, etc., estudiosos e eruditos, poderão contestar o que está escrito acima.

Não discutiremos: somos esportistas, tolerantes... e observamos tudo pelo lado bom das coisas...

CABOCLO

BICICLETAS DESMONTAVEIS

Está sendo construido nas oficinas de uma ex-fabrica de aviões do Japão, um modelo de bicicletas leves que resolvem o problema do espaço para guardá-las, coisa que num país super-habitado como o Japão, se torna precioso. São fabricadas de duraluminio e facilmente desmontaveis, o que lhes permite ser guardadas num espaço reduzido. A presente produção é de 600 bicicletas mensais, porém, essa quota poderá ser multiplicada caso as autoridades norte-americanas permitam o fornecimento da borracha necessaria aos pneumáticos.

céu da Serra. Plasmado tudo com muita sobriedade, com muita arte e com um traço muito pessoal, a denunciar em Zumblick uma forte personalidade, com direito a aspirar aos lauréis da Glória.

Aos nossos olhos profanos ainda, as passagens biblicas do Presépio e do beijo de Judas, na obra de Zumblick, rivalizam com trabalhos clássicos.

São pois, essas, as nossas impressões.

(D"O Estado" de 9-6-48).

"BAUDELAIRE" — (Biografia escrita por Alessandro Pellegrini — Coleção "Vidas Extraordinárias" — Editora Vecchi — Rio, 1948).

Da vida do homem, vimos formar-se a visão inspiradora do poeta", frisa Alessandro Pellegrini, em sua já famosa biografia de "BAUDELAIRE", o excelso poeta das "Flores do Mal", que acaba de ver a luz pública em língua vernácula.

A atormentada existência de Baudelaire, o poeta satânico, o poeta maldito, aparece vigorosa e sinceramente refletida nesta biografia, sem deformações, sem exagerado anedotário, atendo-se o seu autor, muito mais que ao externo e pinturesco, à vida anímica do criador dos "Paraísos Artificiais".

Os amores, lutas, triunfos, ilusões, fracassos e sofrimentos de Baudelaire, têm o relêvo e o traço nitido da verdade nas páginas emotivas e empolgantes desta invulgar biografia já traduzida para numerosos idiomas e agora fielmente vertida para o nosso por Silvestre Filippi.

"BAUDELAIRE" é mais um volume da conhecida coleção "Vidas Extraordinárias", que a Editora Vecchi, do Rio de Janeiro, vem publicando com crescente êxito.

"A virgem de 18 quilates"

Editora Vecchi

Acaba de publicar-se em elegante volume, em sexta edição "A Virgem de 18 Quilates". Este celebradíssimo romance de Pitigrilli vem a ser algo assim como uma estupenda lição de anatomia... sentimental.

O Amor está estendido no leito de operações e o bisturi implacável e certo do romancista põe-lhe a descoberto a própria entranha. Isso nos permite ver como é o Amor por dentro, como nunca nos ocorreu pudéssemos chegar a vê-lo.

Cirurgião genial, Pitigrilli deixa intacto no Amor, o que ele tem de natural, porém escarifica e extirpa, nesta sábia operação,

Livros Novos

todos os tumores, pólipos e excrescências com que a incorrigível estupidez humana afeou o Amor.

E o Amor, restituído por Pitigrilli à sua condição original, recobra assim a graça clássica de sua beleza eterna, expande dionísíaca alegria e dá-nos segura promessa de um futuro infinitamente melhor.

"A Virgem de 18 Quilates" é o romance mais empolgante do grande escritor italiano, e o mais divulgado e discutido de toda a sua obra.

— «DECADÊNCIA E REGENERAÇÃO DA CULTURA», de Albert Schweitzer, numa tradução de Pedro de Almeida Moura, é o mais recente lançamento das «Edições Melhoramentos». Schweitzer é um nome que enche sua época, com profundas lições de arte, de saber, de humanismo. Seu livro presente, resumo de conferências proferidas na famosa Universidade de Upsala, é considerada a sua obra prima. Parte o autor de uma análise da filosofia responsável pela decadência da cultura, estuda os fatores de obstrução à cultura na vida econômica e espiritual, o fator moral como base da cultura, terminando por apontar os caminhos a serem seguidos para regeneração. Há ainda um capítulo final dedicado à cultura e concepção do mundo.

— «CONTOS E LENDAS DO DESERTO», do conhecido educador Renato Sêneca de Sá Fleury, acaba de ser lançado pelas «Edições Melhoramentos». Mais um livro sobre os tão apreciados motivos orientais, com todos aqueles elementos que têm conquistado inúmeros leitores. O volume ora lançado resume outros três, já publicados pelos mesmo autor e editora, sobre o mesmo assunto.

— Mais um interessante livro para a infância vem de ser publicado pelas «Edições Melhoramentos». Trata-se de «A DESFORRA DOS COELHINHOS», texto e ilustração de Kurt Wiese. Algumas dezenas de boas ilustrações a cores, tornando sumamente atraente uma história simples, porém original, e com lição de que os pequenos, quando unidos e dispostos, podem vencer os grandes e poderosos.

— «COMO DESENHAR ANIMAIS» — (Esboços Zoológicos) — Otto Geismar. Eis um interessante e oportuno lançamento. Reune o livro, conforme indica seu sub-título, esboços zoológicos muito bem caracterizados, de todos os animais, inclusive mitológicos e antediluvianos. Livro útil para os professores de todos os graus, estudantes de curso normal, artistas e apreciadores do desenho estilizado.



Parabéns!
Muitas felicidades pelo nascimento de seu filhinho!

Mas, não se esqueça, que o melhor presente para o seu PIMPOLHO é uma caderneta do CRÉDITO MUTUO PREDIAL.

Livraria Moderna de PEDRO XAVIER & CIA.

Tipografia - Encadernação - Pautação

Rua Felipe Schmidt, 8 - Cxa. Postal 129
Telefone 1418

PAPELARIA - MIUDEZAS - ARTIGOS
ESCOLARES - FIGURINOS - REVISTAS
ESTAMPAS - ARTIGOS DE PINTURA
E DE ESCRITÓRIO E DE DESENHO etc

Fabrica de Artefatos de Cimento

Rua Mato Grosso
BLUMENAU

Telefone 1248
Caixa Postal, 121



GRESSER & CIA.

LADRILHOS
HIDRAULICOS

Cores firmes
Desenhos modernos
Resistentes - Duráveis

LADRILH. ESPECIAIS
«Granitoid»
para fabricas e oficinas

DEGRAUS e
LADRILHÕES

VIBRALITE CERAMITE
para todos os fins
TUBOS DE CIMENTO
com e sem armação
POSTES, PIAS,
TANQUES

SOCIAIS

Aniversários

Transcorreram em junho p. findo, os aniversários dos nossos prezados leitores:

a 1: sras. Alda Carneiro da Cunha Ferro e Maria Passerine Wildi; srta. Adélia Grams; sr. Inamá Pinto;

a 2: sra. Maria O. Grams e jovem Carlos Augusto Caminha;

a 3: sras. Olga de Freitas Cardoso e Clotilde da Veiga; srta. Marusia Ramos; sr. Peri do Guarani Camisão e Luiz Boiteux Piazza;

a 4: sra. Maria A. Rupp; srtas. Lea Maria Macuco, Olga Siqueira e Celia Bucchi; srs. Solon Vieira e Manoel Paes Faria, estimado chefe das Oficinas da I. O.;

a 5: srs. Altamiro B. Moreira, Evaldo Schaefer, Lindolfo Souza, Victor Busch e meninos Mauro Sergio Fraga de Oliveira, Henrique José Fontes;

a 6: sras. Placides Cardoso e Dora dell'Vale Araújo; sr. Jacó Jorge José e jovem Amauri Silva;

a 7: sra. Maria Lígia Pereira; srta. Doris Brueggemann; sras. Roberto Oliveira, Roberto Moritz e Manoel Bastos Laus;

a 8: sra. Julia Silveira Ortiga; srs. Nelson Nunes, Osni Gama d'Eça, Orlando Cunha, Alvaro Soares de Oliveira; jovens Narbal Vilela Filho e Walter Mirandã;

a 9: sra. Jovila da Costa Lima; senhorinha Alexandra Chrysakakis; S. Exa. Revda. D. Pio de Freitas;

a 10: sras. Luíza Rihl e Amalie Marie Boehm; sr. Fernando Faria; jovens Edy Meira, Nilda Carioni, Sergio Roberto Stodieck, Maria Palmira Soares;

a 11: srtas. Waldivia de Oliveira Santos, Velma Maria Moreira; sr. dr. Marinho Lobo; Antonio Bessa; jovens Zuleica Lima, Ieda Maria Barbosa;

a 12: srs. deputado dr. Aroldo Carvalho e Atamar Cabrera; menino Bruno Schlemper;

a 13: srs. deputado dr. Barros Lemos e Erico Couto; menino Paulo Ramos;

a 14: sras. professora Maria Madalena Moura Ferro, Maria Pires Zytkeuiz e Rosinha Faustino da Silva; srtas. Eli Alvares Cabral e Zilda Goulart;

a 15: sras. Lidia Boabaid Daux e Maria Carreirão Regis; srs. Ten. Carlos Pacheco e industrial Orlando Scarpelli; srta. Eudice Lidice M. Lima;

a 17: menino Antonio Alves;

a 18: sras. Hilda Pedreira d'Eça e Olga Araújo da Silveira;

a 19: sras. Laura Ulisséa e Helena C. Borba; senhorinha Dulciclea P. da Silva; srs. Protasio Leal, João Serratini, Artur Pires e Hans Beckmann;

a 20: sras. Marita de Almeida Correa, srtas. Maria Helena Schaefer; sr. Lauro Vieira; jovens Luiz Carlos Silva e Nelson Murilo Souza;

a 21: srta. Sonia Moellmann;

a 22: srs. dr. Polidoro Santiago e Artur Galetti;

a 23: srs. Dirceu Gomes e João M. Vieira; jovem Ewaldo Schaefer;

a 24: srta. Alcione Batista da Silva; srs. deputado Guilherme Urban, José Polli, João Batista Espindula; Francisco Berto da Silveira; jovens João Carlos Rebelo, Artur Rudolfo Sullivan, Irene Duarte Silva;

a 25: sras. Cora Soares Guimarães, Ormindia Silva Nicolich e Alzira Gomes Mendes Arantes; jovens Ligia Horn Ferro, Iolanda Gonçalves e José Guilherme de Souza;

a 26: srta. Olguinha Ramos; e Dulce de Oliveira; srs. Laercio Caldeira de Andrada, Felipe Daura; jovens Sandra Nunes Pires, Aristeu Eloj, Sandra Maria Daux e Walmor Pacheco;

a 27: srs. dr. Murilo Ramos, Abilio Mafra e Iré Ulisséa; menina Yara Pedrosa; jovem Eduardo Pedro Carneiro da Cunha Luz; dr. José Felipe Boabaid;

a 28: senhorinha Anita Silva e jovem Doris Santos;

a 29: sras. Olga Ramos de Paula, Alvina Schroeder Machado; sr. João Pedro Vieira; joven Eli Pereira Comicholi;

a 30: menino Fabio Ramos;

a 1-7: sra. Celia Espezim Laus; sr. professor Arnaldo S. Thiago, nosso prezado colaborador, atualmente residindo na Capital Federal.

A todos, embora tardiamente, os nossos sinceros parabens e votos de perenes felicidades.

Falecimentos

Com profundo pesar, registamos os falecimentos dos srs. Honorino Anselmo Becker, funcionário aposentado da Segurança Pública do Estado, Capitão José Atanasio de Freitas, reformado da Polícia Militar e sr. Laudelino Galotti, ocorridos durante o mês de junho p. findo.

As distintas famílias enlutadas, enviamos pezames.

Senhorinha Nelci Lopes Chaiben



A 30 do mês p. passado, completou 15 rissonhas primaveras, a gentilissima senhorinha Nelci Lopes Chaiben, querida filha do Sr. Jorge A. Chaiben, abastado comerciante em Ponta Grossa, Estado do Paraná e sua exma. e digna esposa Da. Neusa Lopes Chaiben.

Nelci é querida neta do nosso digno e estimado patricio Sr. Deputado Coronel Lopes Vieira e sua Exma. e digna esposa Da. Hermosila Lopes Vieira.

Para o album de Nelci, no dia feliz do seu natalicio, escreveu o nosso colaborador Sr. Farmaceutico Ildefonso Juvenal, as seguintes e inspiradas quadras:

Nelci faz anos hoje! Oh! que alegria
Para o bom coração dos pais queridos;
E dos ternos avós estremecidos!
Como é grato e feliz tão belo dia!

São quinze primaveras que Nelci
Completa neste dia rissonho e lindo,
Em que tudo é prazer, tudo sorrir;
Até a Natureza está sorrindo!

Ao despertar da aurora os passarinhos,
Belos hinos trinando em frenesi,
Saudaram os verdes anos de Nelci!
Como era linda a musica dos ninhos!

Nelci é joven, bela e cativante;
E' flôr mimosa e pura, imaculada.
Pelos céus há-de ser aquinhoada
C'um futuro rissonho e fulgurante!

A' bondosa Nelci toda meiguice
Desejamos venturas sem iguais.
Pelo seu doce amor e garridice
Será sempre alegria de seus pais!

SE O CORAÇÃO FALASSE...

(JUVENAL MELCHIADES DE SOUZA)

A muita gente...

Se o coração falasse, se pudesse êle contar
tudo que nos vai na alma; se pudesse êle dizer
os segredos que guardamos. Se tentasse revelar
as infamias e as miserias que êle deve conhecer.

Se falasse o coração, envez de sómente pulsar;
se conversasse conosco, se nos pudesse entender
jamais alguém se iludia — não se deixava enganar...
O coração se falasse, logo nos faria vêr

Que um gigante, muitas vezes, é menor que um
| pigmeu,
quando se vê acusado pela voz do proprio «eu».
O! Se o coração falasse, nós veríamos então,

Várias mãos enraivecidas, apontadas para nós
e... num gesto tresloucado, certamente, logo após,
muita gente apunhalando o seu proprio coração.

Florianópolis, 21-5-48

DEPUTADO CORONEL LOPES VIEIRA

O estimado e digno patricio sr. Deputado Cel. Pedro Lopes Vieira, um dos mais conceituados componentes do Parlamento Estadual, viu transcorrer a 9 do corrente entre a alegria dos que lhe são caros e estremecidos, a data feliz do seu natalicio.

SS. prevendo, talvez, que a sua residência seria pequena para comportar o grande número de amigos



e admiradores, que lhe iriam levar, em expontânea manifestação, o testemunho do grande apreço, estima e alegria pelo feliz acontecimento, resolveu passar fóra desta Capital, o dia tão gratamente assinalado, o que não impediu que a manifestação se processasse por meio de um milhar de cartas, cartões e telegramas.

Incontestavelmente o sr. Cel. Lopes Vieira, é uma individualidade que se impôs pelas suas excelsas qualidades e virtudes, pelo acendrado amor à terra catarinense, — terra que tem sido dos seus filhos, — à estima e admiração de todos. Embora militando em um partido político, SS. é o homem do povo, o homem bom, amigo de todos, verdadeiro espirito de harmonia e concordia, que não vê cor politica no individuo quando se trata de proporcionar o bem ou fazer justiça ao devido merecimento.

Ao sr. Deputado Cel. Lopes Vieira, que tão bons serviços há prestado a Santa Catarina, desde quando oficial e depois Comandante Geral e remodelador da nossa Policia Militar, estão, por certo, reservadas missões de ainda maior responsabilidade no cenário politico da nossa terra, pois a sua reconhecida operosidade, o seu patriotismo, a sua probidade e infatigabilidade como homem de iniciativas e de trabalho, o recomendam como capaz de muito fazer pelo bem da terra e da coletividade catarinense.

Ao nobre e digno lidador, as nossas felicitações e votos sinceros pelo prolongamento de sua util e preciosa existência.



O corrente mês é assinalado no lar feliz do nosso estimado e digno conterrâneo Sr. jornalista João Kuehne, operoso funcionário da Ordem Política e Social, e nosso incansável redator, pelo transcurso a 21 e 25, respectivamente, dos aniversários natalicios de sua virtuosa e digna esposa Da. Elvira, a quem se encontra alêta a direção do nosso mensário, e do interessante e inteligente Mário, querido filhinho do ilustre casal, e que por certo, receberão inúmeras felicitações, às quais, por antecipação, juntamos as nossas, com os melhores votos de felicidades.

Senhorita Yolanda Gonçalves

Festejou, a 25 de junho último, o seu aniversário natalicio, a graciossa senhorita Yolanda Gonçalves, cujo clichê estampamos acima.

Yolanda, que é uma das mais aplicadas alunas do Instituto Coração de Jesus, é filha do sr. João Benigno Gonçalves e de sua exma. esposa, D. Nicolina Silveira Gonçalves.



Maria Palmira e Paulo Roberto, filhinhos do casal Doralécio Soares e Iná da Veiga Soares.

DR. EDUARDO MOENNICH

Com grande satisfação, os inúmeros amigos e clientes do Dr. Eduardo Moennich, tomaram conhecimento de lhe haver sido concedido o título declaratório de cidadão brasileiro.



Cirurgião-dentista dos mais competentes, residente há longos anos nesta Capital, com seu fino modo de tratar conseguiu grangear ele um número de amizades.

Comemorando o acontecimento da entrega do título, reuniram-se em sua residência, à Rua Nerêu Ramos, seus amigos, entre os quais autoridades, industriais, comerciantes, jornalistas e particulares. Recebidos pelo dr. Moennich e

DRA. HELA FANNY KATHER



A edição de 16 de junho, de "A Gazeta" publicou uma relação dos candidatos aprovados no concurso de Oficial

seu jovem filho Marcos, foram os amigos cumulados de gentilezas, prolongando-se a reunião até tarde, tendo sido abrihantada pela excelente orquestra Hugo Freyesleben que deliciou a assistência com números de música, num programa organizado a capricho.

"Atualidades" que esteve presente, agradecendo as gentilezas com que foi cumulada, reitera ao dr. Eduardo Moennich os votos de felicidades.

Administrativo do S. P. F. Entre eles se acha a nossa conterrânea Hela Fanny Kather.

O Diário Oficial da União, de 24 de maio último, trouxe o resultado de Santa Catarina do concurso de Guarda-Livros, sendo Hela Fanny Kather a única candidata aprovada. Além de ser este acontecimento motivo de satisfação para o Estado, é, também, para o Brasil, por haver sido a única de todos os candidatos da Federação Brasileira, cujas notas, sem exceção, foram superiores a (90) noventa. A sua média final foi 92,3, sendo a primeira do Brasil classificada em Português e Direito Administrativo, com nota 96.

Hela Fanny Kather, como se expressou o "Clan", órgão oficial do Centro Acadêmico "Horácio Berlink", da Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo, em sua edição de abril último é uma das mais belas expressões da atual geração catarinense.

Por ser a única representante da mulher catarinense nas fileiras do trinta e dois Economistas, formados pela Faculdade de Ciências Econômicas de Santa Catarina, seu nome, que ora registamos, é um orgulho não só para o nosso ensino Superior, como para o Brasil.

A Hela Fanny Kather, os nossos votos de pleno êxito.



MONTEIRO LOBATO

O Brasil está de luto; foi grande a perda que vem de sofrer a nossa Pátria.

O coração, que palpita no peito do brasileiro puro, está envolto em crepe e... o Brasil chora com seus filhos a morte de um dos maiores brasileiros, um grande democrata que viveu para o Brasil e para o seu povo — MONTEIRO LOBATO.

Sim, Monteiro Lobato sempre colocou a sua vida e a sua pena ao serviço do Brasil, lutou heroicamente empunhando a espada da inteligência contra os inimigos da democracia, por uma causa elevada e justa — a emancipação econômica do Brasil e dos seus filhos.

Não foi Monteiro Lobato somente um escritor, no sentido comum da palavra, não foi ele apenas, um contador de histórias para o recreio espiritual do seu público leitor. Bem em contrário: — Monteiro Lobato foi um guia iluminado à frente de seus compatriotas, uma sentinela avançada, guarnecendo com as armas invencíveis da sua cultura as riquezas da nesga de terra que ele soube honrar e soube amar.

Foi a sua voz, a primeira a gritar bem alto: — «O BRASIL tem petróleo!» E o seu brado, ecoando por longos anos, foi o grande batalhador compreendido por um punhado de sinceros democratas, morrendo com a certeza de que não foram vão os seus esforços e que, o seu sonho um dia será consubstanciado em realidade.

Hoje todo brasileiro afirma, sem medo de errar:

— O BRASIL TEM PETRÓLEO!

O incomparável MONTEIRO LOBATO disse: «o petróleo do Brasil é o alicerce da soberania nacional».

Sim, o petróleo ha-de ser um dos fatores capitais da independência deste povo sacrificado que sente na própria carne a ardência do azorrague dos exploradores do seu suor, ha-de ser a chave que um dia nos abrirá as portas da liberdade.

Sim, ha petróleo no Brasil. Hoje ninguém mais o ignora...

Anos são já passados, quando o grande MONTEIRO LOBATO, o precursor da próxima emancipação econômica da Nação era ridicularizado, criticado, vilmente caluniado, por péssimos brasileiros por ter afirmado o que hoje todos os brasileiros afirmam:

DRA. ILSE KREILING



Em jornada de recreio e gozo de merecidas férias deverá seguir, dentro de breves dias, para a Capital Federal, a dra. Ilse Kreiling, cirurgiã dentista, figura de destaque em nossos meios sociais.

Inteligente, culta, gentilíssima, possuidora de raros dotes de espírito e de coração, a dra. Ilse Kreiling tem o dom natural de cativar, de atrair a todos os que dela se aproximam.

É, portanto, mais que justificado o largo círculo de amizades com que conta e o grande número de seus admiradores.

Os de «Atualidades», que se incluem entre eles, fazem votos de boa viagem e feliz permanência na cidade maravilhosa.

MAJOR PEDRO CUNHA

Em data de 12 de julho transcorreu mais um aniversário do nosso particular amigo e colega de imprensa, Major Pedro Cunha, que, por esse motivo, teve a grata satisfação de receber cumprimentos de seus inúmeros amigos e admiradores.

— O BRASIL TEM PETRÓLEO...

Continuemos pois, a luta iniciada por MONTEIRO LOBATO e o petróleo do Brasil ha-de jorrar um dia, quando então, todos os brasileiros entrelaçados pela união nacional saberão, reconhecidos, colocar num sólido pedestal, bem alto, o nome digno de MONTEIRO LOBATO.

Brasileiros, o Brasil está de luto — Monteiro Lobato morreu...

JUVENAL MELCHIADES DE SOUZA

DESEMBARGADOR URBANO MUELLER SALLES

Transcorreu a 2 de Julho a data natalícia do sr. Desembargador Urbano Mueller Salles, Presidente do Egregio Tribunal de Justiça do Estado e Diretor da Faculdade de Direito.

DR. LEOBERTO LEAL

A 4 do corrente transcorreu o aniversário natalício do sr. dr. Leoberto Leal, Secretario de Estado dos Negocios da Viação, Obras Publicas e Agricultura.

LOURIVAL ALMEIDA

A data de 5 do corrente assinalou mais um aniversário do nosso estimado colaborador, sr. Lourival Almeida, organizador e figura central da «Hora Literária», da Rádio Guarujá.

A todos os nossos mais sinceros parabens e votos de felicidades.

Festa íntima

Como vem acontecendo ha uma trintena de anos, a estimadíssima família Desembargador Henrique Fontes, umas das mais distintas e bem relacionadas do nosso meio social, reuniu na noite de São Pedro, em torno de festiva fogueira, pessoas de suas relações e amizade, tendo sido as espaçosas salas de sua residência e o pátio onde se encontrava a fogueira, acanhados para conter todas as pessoas que compareceram à interessante festinha, as quais foram cumuladas com as maiores gentilezas.

Moças e rapazes dansaram ao clarão da fogueira, onde eram cosidos o pinhão, a batata doce, o aipim e o cará.

Na sala de jantar, como em outros compartimentos, não faltavam nas mesas, frutas, pinhão cosido, melado, batatas, saborosas rapaduras, pés de moleque e outras guloseimas apetitosas.

Moços da cidade e da sociedade, incarnando o nosso caipira, deram muita graça à festinha, onde não faltou cantos ao som da viola e do violão.

Foi uma festa magnífica, que encheu de satisfação a todos que dela cooperaram, mui especialmente à petizada, que encheu o ambiente com a sua alacridade, gosando a pirotecnia das rodinhas de fogo, das estrelinhas e fogos multicores, as diabruras dos «busca-pés» e o estampido das bombas e dos foguetes.

A fogueira festiva de São Pedro é tradicional na família Desembargador Fontes, pois, sua realização data de 1881, então promovida pelo seu saudoso genitor.

ENGENHEIRO SILVIO LOBO DE S. THIAGO

Mais um catarinense eleva bem alto o nível cultural da nossa terra, publicando uma obra importantíssima, que veio preencher uma grande lacuna no campo científico da engenharia civil.

Formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, o ilustre engenheiro, cujo clichê publicamos, ocupou o lugar de Consultor-Técnico do Departamento Nacional de Obras de Saneamento, tendo sido o autor do projeto que resolveu o secular problema das enchentes, na



cidade de Porto Alegre.

O Dr. Silvio Lobo de S. Thiago, que é filho do conceituado comerciante Sr. Vicente Olavo de S. Thiago, já falecido e de sua Exma. esposa D^{na}. Castorina Lobo de S. Thiago, intelectual catarinense, é muito moço, ainda, e muito temos que esperar de sua robusta inteligência e da sua grande capacidade técnica.

A Hiperestática é uma ciência nova que apresenta sérias dificuldades para aqueles que desejam adquirir conhecimentos dos seus métodos de cálculos, a-fim-de poder aplicá-los praticamente.

Os estudantes dessa matéria, tão necessária às construções modernas, só podiam dispôr dos livros de autores estrangeiros, na sua maioria alemães.

Além de lutarem com as dificuldades do idioma, lutam também com a falta de uniformidade e correlação dos métodos e problemas estudados.

O Dr. Silvio Lobo de S. Thiago conseguiu na sua obra Hiperestática Analítica, sistematizar os métodos mais importantes e desenvolver, em todos os seus detalhes, o método de Coerência Linear, facilitando a apreensão para aplicação prática imediata.

O livro apresenta numa bela encadernação, um magnífico serviço de impressão e muita perfeição nos desenhos efetuados. Encerra, ainda, grande número de Tabelas que muito facilitam os cálculos.

O prefaciador da Hiperestática Analítica foi o competente engenheiro Mauricio Joppert da Silva, ex-ministro da Viação e aqui transcreveremos alguns trechos do seu

OSVALDO MELO

O dia 21 do mês p. passado, foi agradavelmente evidenciado com o transcurso do natalício pelo distinto e talentoso conterrâneo Jornalista Osvaldo Melo, que muito nos honra e desvanece com a sua valiosa colaboração.

Muito estimado e querido em os nossos meios social e cultural, Osvaldo Melo teve nesse dia, a grata oportunidade de constatar o elevado grau de estima e consideração que desfruta, pelas excelsas qualidades e virtudes e comprovado talento, testemunhos de aprêço a que nos associamos, formulando os melhores votos pelo prolongamento de sua preciosa e útil existência.

RUAS E CIDADES

Em nosso próximo número, daremos publicidade a valioso trabalho do conceituado engenheiro dr. Castulio do Amaral do Departamento das Municipalidades e com escritório de construções localizado no Estreito.

Sob o título "Ruas e cidades", trata o autor do desenvolvimento das cidades e seus vários traçados de ruas, como seja em xadrez, radial, linear e sanitário, mostrando as vantagens resultantes da aplicação deste último, tudo acompanhado dos respectivos clichês.

honroso Prefacio: — "O melhor professor é, sem dúvida, aquele que ensina, pensando nas dificuldades que encontrou quando estudou o assunto; procura, então, apresentá-lo livre de passagens obscuras, desenvolvendo-se num encadeamento lógico e simples, tornando-o acessível sem esforço e agradável aos iniciantes. O livro do engenheiro Silvio Lobo de S. Thiago é todo escrito com esse espírito: facilitar aos que começam. É, pois, um bom livro.

Ele teve origem em uma excelente monografia que o autor apresentou em 1942, como candidato ao concurso para engenheiro do quadro do Departamento Nacional de Obras de Saneamento, em cujo escritório técnico já trabalhava. O signatário destas linhas fazia parte, então, da comissão julgadora e teve o ensejo de conferir ao autor, a nota mais distinta que permitia o regulamento do concurso. E não teve motivos para se arrepender desse julgamento.

Não descrevemos o plano do livro porque o próprio autor o fez na Nota que escreveu e que segue este prefacio. Limitar-nos-emos a acrescentar, que o desenvolve com facilidade e alto espírito didático o que concorrerá para alistar no campo de estudos da Hiperestática, mais um grande número de

Uma grande organização de sorteios

Por várias vezes, ultimamente, temos tido oportunidade de ver noticiada distribuição de prêmios da Construtora Universal, neste Estado.

Tratando-se de uma grande organização de sorteios de prêmios em «construções», não podemos deixar de prestar aos nossos leitores alguns esclarecimentos.

A Empresa Construtora Universal já funciona desde ha muitos anos, em todo o País, com sede instalada à Avenida Rangel Pestana, 1538, em São Paulo, sendo seu diretor, o dr. Alfredo Aloe.

Nesta Capital, a Empresa Construtora Universal mantém, à Rua Felipe Schmidt, um bem instalado escritório, superiormente dirigido pelo sr. Alberico Talarico.

Somente em Santa Catarina, onde é regular o numero de associados, já foram distribuídos ultimamente os seguintes prêmios: sr. José Candido de Borba, nesta Capital; sr. Joaquim Ennes Torres, em Joaçaba; srta. Gertrudes Wunderlich, em Porto União; sr. Luiz Candido de Andrade, em Lages, todos da importância de Cr\$ 20.000,00.

A entrega dos prêmios é feita em imóvel ou construção, adquirida ou executada pela Empresa, em local de escolha e de acordo com os desejos dos premiados.

Além dos sorteios mensais a que concorrem os prestamistas, estes ainda gozam da vantagem do reembolso «integral» decorridos dez anos de pagamentos de mensalidades.

Aos prestamistas ultimamente premiados e aos dignos dirigentes da Empresa em S. Paulo e nesta Capital, os parabens de «Atualidades», com votos de que continue a Empresa distribuindo mensalmente em Santa Catarina prêmios que contribuirão para solucionar a grave crise de habitações.

adêptos entusiastas. E com isto ele terá prestado um serviço relevante à literatura técnica do Brasil, enriquecendo-a com um bom livro e ampliando a divulgação de um assunto de grande importância para as construções modernas".

O livro do Dr. Silvio Lobo de S. Thiago tem tido grande saída, não só para todos os estados do Brasil como também para Portugal, de onde tem vindo inumeros pedidos.

Ao ilustre engenheiro conterrâneo apresentamos as nossas sinceras felicitações por tão útil empreendimento.

Potes, rendas, trovas e um congresso de Historia

(Conclusão)

destes desenhos, destas filigramas nos bicos, entremeios e toalhas de cá e de lá?

Fica aí a Idéa. O Congresso de Historia a reunir-se em outubro está a pedir colaboradores. Uns poucos não podem arcar com a responsabilidade de tudo. As portas estão abertas aos que quizerem contribuir com os seus trabalhos.

Falta quem reuna a poesia esparsa, que se canta no Espírito Santo, nos desafios, nas Chama Ritas (assim se escreve nos Açores) nos «Pão por Deus». Falta quem reuna os potes de melado, as panelas de barro, os boiões e os alguidares. Falta quem coleccione estas tradições, quem organize o *folk lore* catarinense para o estudo comparativo.

Porque não realizar agora? A oportunidade é excelente para os estudiosos, para os colecionadores, musicos e poetas, historiadore e *folk loristas*.

Ou será preciso que venha gente de fora, descobrir no cascalho da nossa tradição o ouro das belezas que ele encerra?

Prosápia catarinense

(Conclusão)

—o—
FILHOS de V-I. (Francisco Luiz-Joana Leonor):

1. — *Francisco Luiz do Livramento Campos*. — Nacido em 1815. Casou em 1834 com Vitorina Cândida Pereira, nacida a 3 de Setembro de 1820 na Colônia do Sacramento, filha do Brigadeiro José dos Santos Pereira e Suzana Garcia.

—o—
FILHOS de V-J. e V-K. — Os apontamentos que dêles possuo são muito incompletos, o que acontece com os demais ramos da grande Família Costa.

Ao ilustrado patricio e provecto genealogista A. Taulois de Mesquita solicito o favor de preencher as possíveis lacunas dêste modesto trabalho e corrigir-lhe os senões.

Crônicas Açorianas

(Conclusão)

queológica, há pormenorizações que merecem estudo. Assim, as moradias antigas e o seu tipico telhado; o processo expressionista na escultura, embora pobre, da primeira capela de Nossa Senhora, nos remotos tempos em que a linda Florianópolis era apenas vila e já se confiava ao excelso patrocínio da Senhora do Desterro; e, como nota enternecedora, falaremos por final, na mulher açoreana, fisiologicamente sã, guardando em escriptorio precioso o amor e o sacrificio, possuidora desses grandes olhos e esbeltesa que são apanágio das actrices catarinenses, pois foi ela, e só ela, que em terras tão distantes industriosamente introduzio os mimos decorativos em penas, conchinhas e escamas, e o afamado segredo das rendas de bilro, productos de cunho tradicional desde os tempos da colonização de Santa Catarina, tocados de maneira tão original e artistica que ainda ali perduram, num atestado vivo de bom gosto e apurada técnica.

NOSSOS AMIGUINHOS



Içara Maria Nocetti, filhinha do casal Sidney Nocetti e exma. esposa.



Romeu Vieira, filhinho do casal Romeu Vieira e exma esposa Zilá Gevaerd Vieira.

39ª CONVENÇÃO DO "ROTARY INTERNATIONAL"

Recebemos um folheto contendo a contribuição do sr. Marcos Konder, que resou sobre o tema: **Póde o Rotary incentivar a paz universal?**

Agradecendo a gentileza sobre êle falaremos mais detidamente em nosso **Registo Literário**, a cargo de J. C.

FRAQUEZA
ANEMIA
ABATIMENTO
MAGREZA
CONVALESCENÇA
FALTA de APETITE

O
TÔNICO
IDEAL

Linhos Para Ternos de Cavalheiros
da fabrica directamente ao consumidor, vende-se pelo
Serviço de Reembolso Postal
Aceita-se agentes em todas as cidades
FABRICA DE TECIDOS DE LINHO
ITAJAÍ - Santa Catarina - Caixa postal 2

RELEMBRANDO . . .

A segunda vitória do Brasil, na "Copa Roca"

Nelson Maia Machado

A segunda vitória do Brasil na «Copa Roca», foi obtida em 1922, em São Paulo, no mesmo dia em que o «onze» brasileiro vence o Paraguai, no Rio, e torna-se bi-campeão sul-americano.

Póde-se dizer que vencemos essa partida com o selecionado «B» paulista. Tres «áses» do Rio sómente o reconheceram: Leite de Castro, Nesi e Zezé.

Aos 4 minutos de jogo, Leite de Castro foi posto fóra de combate, devido a um violento choque que teve com centro-médio contrário. Seu posto foi ocupado por Brasileiro.

A «onze» argentino, que jogou em peso, atuou sem sorte nos primeiros minutos da peleja, perdendo diversas oportunidades de marcar tento. Depois, os brasileiros firmaram-se e os ataques foram de parte a parte. Ambas as defesas, porém, jogam muito bem, surgindo um pequeno domínio brasileiro, mas... Tesorieri, arqueiro argentino, anulou um por um os perigos. Em um dos ataques argentinos, sofremos o único tento. Descem os visi-

tantes, o ponteiro direito centra, o meia esquerda avança e sósinho com Mesquita, nosso arqueiro, chuta, a bola bate no poste e volta. Desta vez Francia atira na certa e marca o ponto de honra para a seleção portenha.

No segundo tempo, Gamba passou a dirigir melhor o ataque

MOTOCICLETA APERFEIÇOADA

Ensaaios com uma motocicleta capturada aos alemães e equipada com um eixo, de transmissão na roda do side-car, decidiram o Departamento do Comércio da União a recomendar este sistema para aperfeiçoamento das motos de fabricação norte-americana. A máquina alemã pesa 450 quilos e pode conduzir um carga de meia tonelada, a uma velocidade de 120 quilômetros por hora. Tem oito velocidades e marcha a ré; consome pouco óleo e percorre 56 quilômetros com 3 e meio litros de gasolina.

nacional e estende a Brasileiro, que contra forte ao arco argentino. A linha brasileira cerra e um zagueiro visitante acossado pelos avantes locais aninha a pelota dentro de seu proprio arco.

Nova saída e os argentinos reagem fortemente... Os brasileiros atacam com grande vigor; Gamba recebe o couro de Faragassi e desloca-se para o flanco direito. Finta o zagueiro esquerdo argentino e com forte chute enviezado vence a pericia de Tesorieri, ao faltarem poucos minutos para terminar a luta.

Os argentinos replicam, destacando-se o seu centro-médio que foi a maior figura em campo, mas a partida termina com a contagem de 2 a 1 pró Brasil.

O quadro brasileiro foi o seguinte: Mesquita (S. Bento), Grané (Corinthians) e Clodoaldo (Paulistano), Nesi (Vasco), Faragassi (Ipiranga) e Abate (Paulistano), Leite de Castro (Botafogo), depois Brasileiro (Ipiranga), Zezé (Fluminense), Gamba (Palestra), Tepet (Ipiranga) e Osses (Ipiranga).

Fundição Rhein de Rudolfo Rhein

Fundada em 1913

FLORIANÓPOLIS — ESTREITO — Rua Cel. Pedro Demoro, 1170

Telefone 19

**Recomenda-se para fundição de peças
e construção de máquinas**

A familia Costa

Justino de Proença; Capitão de Mar e Guerra Adalberto Cotrim Coimbra; Capitães-Tenentes Afonso Cavalcanti do Livramento e Mário Trompowsky do Livramento; 1º Tenente Arthur Augusto de Carvalho; 2º Ten. Alvaro Augusto de Carvalho; e Guarda Marinha Luiz Mário da Costa Freyesleben.

Na Aeronáutica:— Tenente-Brigadeiro Armando Trompowsky — ministro da Aeronáutica desde 1943; Tenente Haroldo Cotrim Velloso.

MÉDICOS

Drs. Aujor Avila da Luz, Augusto Maximo Batista Junior, Cezar Augusto da Costa Avila, Cezar Vieira da Costa, Djalma da Costa Moellmann — que mantem nesta capital, com proficiencia e dedicação, a excelente Casa de Saude São Sebastião, Durval do Livramento Barreto, Durval do Livramento Prado, Edgar Campos, Emilio Emiliano Gomes, Francisco Eugenio Coutinho, Hugo Gomes Ribeiro, João José Theodoro da Costa Neto, João Ladislau Ramos, Newton Costa, Oscar Trompowsky, Sydney Trajano de Carvalho.

ADVOGADOS

Drs. Abelardo Fonseca, Afonso Ribeiro Neto, Aldo Luz, Antonio do Livramento Barreto, Antonio Paranhos, Carlos do Livramento Barreto, Fulvio Coriolano Aducci, Herculano do Livramento Barreto, João Jacinto da Costa, Joaquim Augusto do Livramento, Mario Paranhos, Mario Simões Lopes, Milton Costa, Moacyr Lobo da Costa, Roberto Trompowsky, Leitão de Almeida Junior, Ronald de Carvalho, Tullio Campos, Waldir Pederneiras Taulois, Waldomiro Lobo da Costa.

ENGENHEIROS

Arnaldo Vieira de Castro, Celso Léon Salles, Edmundo Campos, Hernani Cotrim, Ivo Gomes Ribeiro, João Augusto de Mello Guilhon, João Gomes Ribeiro, José da Costa Moellmann, Movivalde Lobo da Costa, Orlando Trompowsky Taulois, Oscar Trompowsky — irmão do Marechal Trompowsky, Waldemiro Léon Salles.

MAGISTRADOS

Drs. Alfredo von Trompowsky, Eugenio Trompowsky Taulois Filho, Sylvio de Freitas Noronha.

POETAS, ESCRITORES E JORNALISTAS

Afonso Cavalcanti do Livramento, Antonio Mancio da Costa, Alfredo Theotônio da Costa, Edesia Aducci, Firmino Theotônio da Costa, Edmundo Costa, João Batista Pereira, José Lupercio Lopes, Caetano Vieira da Costa, Lycurgo Ramos da Costa, Mario Vieira da Costa, Octacilio Vieira da Costa, Ronald de Carvalho, Francisco Lobo da Costa.

DIPLOMACIA

Drs. Narbal Costa e Ronald de Carvalho.

FORÇA POLICIAL DO ESTADO

Coronel Gastão de Bittencourt Cotrim, Major Asteroide da Costa Arantes, capitão Waldemiro Bonifácio do Livramento.

SACERDOTES E RELIGIOSOS

Padres Tomaz Francisco da Costa Filho, Francisco Luiz do Livramento e o ex Bispo de Maura D. Carlos Duarte da Costa.. Encontramos ainda nesta familia a figura notavel do santo varão Joaquim Francisco do Livramento, mais conhecido por Irmão Joaquim. Varias são as descendentes desta familia que ingressam em diversas ordens religiosas.

ARTES

Pintura: — Roberto Von Trompowsky, Gilberto Trompowsky.

Música: — Professoras Leonie Lapagesse e Dulce do Livramento Moritz, Francisco Otaviano do Livramento, Emidio do Livramento.

NA ANTIGA MILICIA DA ILHA

Sargentos-Móres foram Tomaz Francisco da Costa, João Luiz do Livramento, Domingos Luiz do Livramento e Francisco Luiz do Livramento; Coronel Antônio Jose da Costa; Te. Cel. José Luiz do Livramento; Capitães-Móres encontrei tres: — Manoel Francisco da Costa, João Antonio da Costa e Miguel Francisco dos Anjos da Costa.

Dois descendentes desta ilustre familia ocuparam o mais alto cargo em Santa Catarina: — o Comendador Francisco Luiz do Livramento, que por duas vezes assumiu a Presidência da Provincia, e o Dr. Fulvio Coriolano Aducci — eleito Governador do Estado em 1930.

ERRATA: Por ter escapado à revisão, fazemos as seguintes correções da 1ª. parte do presente artigo: 3ª. linha: "à conclusão", onde se lê "à concenção"; 5ª. linha: "Faial", onde se lê "Raial"; 31ª. "Domingos", onde se lê "Domingo"; 33ª. "Domingos", onde se lê "Domingo"; 48ª. "nascidos", onde se lê "nascido"; 55ª. "quinta da Costa", onde se lê "quinta da costa"; "Trompowsky", onde se lê "Trompowky".

Dr. Rafael G. Cruz Lima

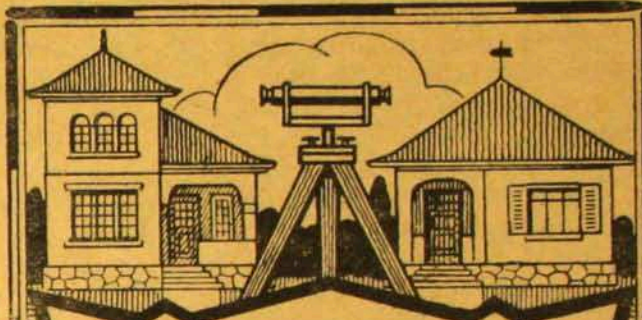
— E —

Dr. Carlos Loureiro da Luz

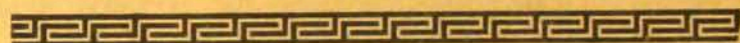
ADVOGADOS

Escritório: — RUA JOÃO PINTO N. 18

Organização Comercial Catarinense



CASTULIO DO AMARAL
Engenheiro Civil
Casas prefabricadas — casas econômicas — casas populares
Loteamento — Arruamento
Engenharia Sanitária
Rua Raymundo Correia, 81
ESTRADA
Caixa Postal 9 — Florianópolis




MASSAS ALIMENTÍCIAS

SEMPRE AS MELHORES



Um pouco de HUMORISMO



PERGUNTA LOGICA

Durante certa reunião em casa dos Fonseca, a filhinha do casal, tida por ele como garota prodígio, executou ao piano, para certo visitante, uma peça musical. Assim que ela terminou, a mãe, muito orgulhosa, perguntou à visita:

— E agora, diga-me sinceramente. O que é que o senhor acha da execução de minha filha?

E o visitante:

— Para quando está marcada, minha senhora?

FORÇA DO HABITO

— Seu marido entra sempre pela janela?

— Força do hábito. Quando jovem ele foi ladrão...

PARA CONTRARIAR

Aquele condutor era muito simpático. Mas só para contrariar, casou-se com uma mulher que era um verdadeiro bonde.

Quando criança desejava ser médico. Só para contrariar, acabou comprando uma agência funerária.

QUATRO COISAS ÀS QUAIS DEVE DIZER NÃO

Aos 84 anos, Charles Schwab afirmou:

— Sou um velho e 90% de meus desgostos provêm de minha bondade para com os demais.

Se vocês, os jovens que me escutam, querem evitar contradições, sejam insensíveis e digam «não» a todo mundo, principalmente a estas quatro perguntas:

- 1 — Quer ser meu fiador?
- 2 — Tenho um palpite fantástico. Vamos jogar?
- 3 — Vamos tomar mais um copo?
- 4 — Mamãe quer conhecê-lo. Vamos entrar?

NA VENDA

— Mamãe mandou pedir para o senhor lhe trocar vinte cruzeiros depois ela manda...

QUE MODESTIA!

— Preciso de uma empregada que seja devota, econômica, trabalhadora e bem educada. Você é tudo isso?

— Não senhora. Sou apenas cozinheira...

PEDIDOS

— Minha sobrinha faz o que quer com o piano!

— Então diga-lhe que o feche o mais depressa possível.

NO CONSULTORIO

— Diga a sua esposa que não se impressione. A surdez de que ela se queixa é causada unicamente pela idade.

— Desculpe, doutor, mas o senhor quer ter a bondade de dar essa explicação à minha mulher?

O HEROI

O Julio escreveu mesmo uma peça teatral?

— E' fato.

— E quem é o heroi?

— O empresario que a levar à cena!

VALIOSO TESTEMUNHO

Um casal discute, chegando às vias de fato. Por isso marido e mulher são conduzidos à delegacia. O delegado pergunta a um individuo que acompanha os conjugues:

— Assistiu a origem da questão?

— Sim, senhor. Há dois anos.

— Como há dois anos?

— Eu fui testemunha do casamento.

NUMA SEGUNDA-FEIRA

— Como deseja o senhor que eu lhe corte o cabelo? — pergunta o barbeiro.

— Sem me falar em futebol — respondeu o freguês.

— De quem é esse retrato que levás na cigarreira?

— De minha sogra.

— Homem, deves ser o único genro do mundo que consegue carregar o retrato da sogra, Gostas dela tanto assim?

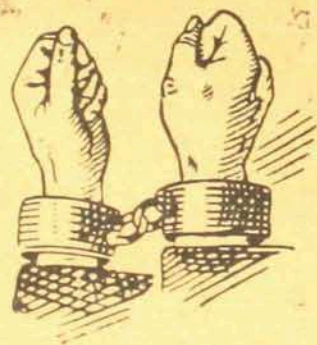
— Não é nada disso. E' que eu quero deixar de fumar.

ESSES PINTORES...

— Perdão... o senhor é o Pincelutti, o grande pintor de animais?

— Sim. Deseja que lhe faça o seu retrato?

As algemas



da IGNORÂNCIA

podem ser destruídas

A leitura da Sabedoria

Desejando livros
sobre

quaisquer assuntos
peça-os a

LIVRARIA ROSA

Rua Deodoro, 33

FLORIANÓPOLIS

Atende pelo Serviço
de Reembolso Postal.

J. Melchiades
REPRESENTAÇÕES

Rua João Pinto, 5 — End. Tel. «JOTTA»

— FLORIANÓPOLIS

— Caixa Postal 379

Distribuidor dos Produtos KNOT